

# EDUCAÇÃO FÍSICA

Faculdades Network - Revista dos Alunos de Educação Física - ano 2 - 2015

# REVISTA DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA







**Revista dos Alunos de Educação Física**  
**Faculdades Network – Revista da Faculdade de Educação Física**  
**ISSN**

Publicação anual das Faculdades Network

A Revista de Educação Física é uma publicação de divulgação científica na área de pedagogia, aberta a contribuições de pesquisadores de todo o Brasil e do exterior.

**Mantenedores**

Alexandre José Cecílio  
Profa. Mestra Tânia Cristina Bassani Cecílio  
Maria José Giatti Cecílio

**Diretora Geral das Faculdades Network**

Profa. Drana. Tânia Cristina Bassani Cecílio

**Secretária Geral**

Érica Biazon

**Coord. Do Curso de Pedagogia**

Profa. Dra. Angela Harumi Tamaru

**Assessoria de Comunicação**

Alzeni Maria Silva Duda Gambeta  
(MTB 37218)

**Editoração Gráfica e Eletrônica**

Nathália Ruiz Leal  
Wellinton Fernandes

**Central de Atendimento**

(19) 3476-7676 Ramal 213  
biblioteca@nwk.edu.br



**Revista dos Alunos de Educação Física**  
**Faculdades Network – Revista da Faculdade de Educação Física**  
**ISSN**

Ficha Catalográfica elaborada pela Faculdade Network

Revista dos Alunos de Educação Física / Tânia Cristina  
Bassani Cecílio (org)– v. 4, n.1 (2012) – Nova Odessa,

SP: Faculdades Network, 2015-

Anual

Editada pelas Faculdades Network

ISSN

## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	07
<b>A REALIDADE DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Alini Amorim, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	08
<b>INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA- REALIDADE OU FICÇÃO?</b> <i>Clayner Cristina Neves F Ribeiro, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	14
<b>ATIVIDADE FÍSICA X OBESIDADE</b> <i>Daniel Ribeiro de Mello, Thiago Augusto de Oliveira</i> .....	20
<b>LUTAS, ESPORTES DE COMBATE E ARTES MARCIAIS – VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Daniele Liasch de Moura, Thiago Augusto de Oliveira</i> .....	26
<b>A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b> <i>Maria Estela de Souza Araujo Silva, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	33
<b>A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO</b> <i>Fabiana Antonia Negrão, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	40
<b>O FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Francisco Jalison Alves da Silva, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	46
<b>PORQUE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO DESMOTIVANTES</b> <i>Maria Janaina de Oliveira, Thiago Augusto de Oliveira</i> .....	52
<b>A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> <i>Josiane Alves, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	61
<b>JOGO COMO CONTEÚDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Klyfanie Danna Nascimento Pinto, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	67
<b>A INCLUSÃO DO CADEIRANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO</b> <i>Lídia da Silva Barbosa, Thiago Augusto de Oliveira</i> .....	73
<b>O BASQUETE É ENSINADO NAS ESCOLAS?</b> <i>Rodrigo Silva Rodrigues, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	80

<b>DANÇA UMA OPÇÃO POSSIVEL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b> <i>Tatiane Moreira Palhoto, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	87
<b>A CRISE DE IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA JÁ CHEGOU AO FIM?</b> <i>Wesley Rodrigo Cardoso Dias, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	94
<b>FUTEBOL, ENSINANDO VALORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Wesley Rodrigo Picoli, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	102
<b>PORQUE O HANDEBOL NÃO ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA?</b> <i>Wesley Stefan, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	107
<b>CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Willian Silva, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	112

## EDITORIAL

É com muita satisfação que temos mais uma revista contendo os Trabalhos de Conclusão de Curso dos nossos alunos de Educação Física. Sem dúvida, realizar pesquisa, desenvolver conceitos e operar com as mais diversas teorias científicas numa área eminentemente prática não é tarefa pequena, valendo o mérito dos nossos professores orientadores das Faculdades Network.

Nossos alunos apresentaram temas diversificados, demonstrando grande preocupação com a política inclusiva na Educação Física Escolar, com trabalhos de pesquisa com deficientes que sofrem síndrome de down e deficiência física. Percebemos uma preocupação maior também com a valorização do profissional de Educação Física, ressaltando-se sua necessária atuação na Educação Infantil, cuja presença não é ainda obrigatória.

Majoritariamente, a preocupação dos nossos alunos foram com relação ao modo como os conteúdos da área são ensinados na escola, destacando-se esportes como o futebol, o basquete e o handebol, mas havendo também forte preocupação com os outros conteúdos como a dança, as artes marciais e a capoeira, nem sempre contempladas pelas escolares regulares de ensino, mas que se sabem fundamentais para a formação geral da cultura corporal de nossas crianças.

Outros fatores ainda foram revistos pelos nossos alunos pesquisadores com relação a sua influência na atuação do educador físico, quais sejam, preocupação com a obesidade, com a religião, com a motivação, com a avaliação da aprendizagem e com crise de identidade dessa área tão fundamental e tão promissora para o desenvolvimento pleno das pessoas.

Assim, lance mão dessa leitura, com muito apreço!

Angela Harumi Tamaru

Coordenadora do Curso

## A REALIDADE DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Alini Amorim<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O estudo procurou investigar se os professores estão preparados para lidar com a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas de Educação Física. Foi feita uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores. Participaram do estudo 10 professores da rede estadual de ensino, todos responderam um questionário com 07 perguntas. Os resultados nos mostram que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão escolar, já que muitos não sabem o que significa e confundem com liberdade assistida, outros trabalham a individualidade sendo que o foco da inclusão é trabalhar a socialização, entre todos os professores que participaram desta pesquisa apenas dois professores de Educação Física trabalham a inclusão como se sugere a literatura. Os resultados nos permite sugerir que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão.

**Palavras-chave:** Inclusão, Educação Física escolar e Professores.

### ABSTRACT

*The study sought to investigate whether teachers are prepared to deal with the inclusion of students with disabilities in their physical education classes. It was made a literature review and a qualitative field research with questions on the subject teachers. Study participants were 10 teachers of state schools, all answered the questionnaire with 07 questions. The results show that teachers are not prepared to deal with school inclusion, since many do not know what it means and confused with probation, others work individuality being the focus of inclusion is working socialization among all teachers who participated in this survey only two physical education teachers working including suggested literature. The results allow us to suggest that teachers are not prepared to deal with inclusion.*

**Keywords:** Inclusion, Physical Education and Teachers.

(1) Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [aliniamorim2010@hotmail.com](mailto:aliniamorim2010@hotmail.com))

(2) Prof. Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## **1 Introdução**

A integração escolar foi elaborada em 1972 na forma do princípio de normalização por um grupo da Escandinávia da área de Educação especial. A proposta rege que todas as pessoas com deficiência têm o direito de desfrutar da própria vida o mais comum ou normal possível na sociedade onde vivem, assim oferecendo oportunidade para essas pessoas garantindo os direitos de cada um. Diante dos resultados obtidos com a inclusão escolar em outros países mais desenvolvidos, o sistema educacional do Brasil passou por consideráveis mudanças no atendimento dos alunos com necessidades especiais, procurando um método de atendimento mais específico.

Com o desenvolvimento deste método a inclusão escolar foi ganhando força e a sociedade aceitando e respeitando a integração dos alunos inclusivos nas salas de aula de ensino regular. A partir do final dos anos 80 o termo integração foi substituído pelo conceito inclusão, uma vez que o objetivo é incluir, sem nenhuma distinção perante as pessoas independente das habilidades dos mesmos. (BATISTA; ENUMO, 2004).

Educação inclusiva é o ato de se preparar e adaptar-se para incluir pessoas com necessidades especiais perante a sociedade em geral, possibilitando para as mesmas que se preparem para assumir seus direitos e deveres na sociedade. Portanto a inclusão inicia-se na educação apropriada e de alta qualidade, ocorrendo por obrigatoriedade também na rede regular de ensino sem nenhuma diferenciação. (BOZZO, 2012).

“A inclusão ganhou reforços com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, e com a Convenção de Guatemala, de 2001. Esta última proíbe qualquer tipo de diferenciação, exclusão ou restrição baseada na deficiência das pessoas. Sendo assim, mantê-las fora do ensino regular é considerado exclusão e crime” (BOZZO, 2012, p. 07).

Para explicar a posição de Bozzo, pode-se citar a LDB de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art.58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

## **2 Revisão bibliográfica**

A inclusão ainda é um assunto muito contraditório prova disto é nossa revisão de literatura onde podemos observar que não há um consenso sobre a problemática da inclusão. Um estudo conduzido por Nascimento, et al. (2007) teve por objetivo analisar a atuação dos professores de Educação Física escolar inclusiva, essa pesquisa foi realizada com caráter qualitativo e a amostra foi selecionada por acessibilidade se configurando em 20 professores da rede regular de ensino público e privado, outra pesquisa abordou a questão da igualdade de direitos e oportunidades educacionais para todos em um ambiente educacional, através da revisão bibliográfica (BOZZO, 2012), já Falkenbach, et al. (2007) investigou a temática da inclusão de crianças com necessidades especiais na prática pedagógica da Educação Física, por meio de coleta de informações, através de entrevistas e observações, ainda na temática da inclusão

Batista e Enumo (2004) realizaram um estudo com objetivo de descrever e analisar a interação social entre três alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental com deficiência mental, por testes sociométricos, já Oliveira e Rodrigues (2006) analisaram os procedimentos e atitudes de profissionais de Educação Física que ministram aulas no sistema de inclusão, com a participação de crianças com deficiência física, a pesquisa utilizou o formato descritivo qualitativo, cujo método monográfico é funcionalista, com característica hipotética - dedutiva, Sant'ana (2005) procurou conhecer as dificuldades e as condições necessárias à realização da proposta sobre a inclusão escolar, por meio de entrevistas, ainda Oliveira, et al. (2012) analisou o modelo de ensino inclusivo adotado pelo município de Suzano através entrevistas semi-estruturadas com professores e profissionais de uma instituição especial de ensino, e por fim Aguiar e Duarte (2005) investigaram os significados da inclusão de pessoas com necessidades especiais nas aulas de Educação Física no sistema regular de ensino, através de um questionário semi-estruturado.

Em síntese os estudos apontam que a atuação dos professores de Educação Física escolar inclusiva tem mostrado um baixo nível no desenvolvimento da inclusão, ainda sugerem que os docentes precisam ter consciência de seu papel no processo de formação, pois não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de Inclusão, mas o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos (NASCIMENTO, et al., 2007; BOZZO, 2012; FREITAS 2002). As pesquisas ainda apontam que os professores ao mesmo tempo em que se mostram favoráveis à inclusão, deixam claro suas restrições em relação a como deve ser feita, decorrente das suas experiências tanto acadêmicas, como profissional, mas a realidade nos indica, no entanto, que o professor de Educação Física se encontra menos apetrechado para responder aos desafios da Inclusão (FALKENBACH, et al., 2007; RODRIGUES, 2003).

Deste modo buscamos investigar como a inclusão esta sendo acolhida pela área da Educação Física.

### **3 Objetivo**

Verificar se os professores estão preparados para lidar com a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas de Educação Física na rede estadual de ensino.

### **4 Método**

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores.

Participaram do estudo 10 professores da rede estadual de ensino, da cidade de Sumaré, os quais responderam um questionário com 07 perguntas. Como segue:

1. Quanto tempo está atuando na área?
2. Quando cursou Educação Física teve alguma disciplina sobre inclusão?
3. Já fez algum curso sobre inclusão?
4. Caso a resposta da questão três seja não você teria interesse em fazer algum curso sobre inclusão. Explique o porquê de sua resposta?
5. Já teve alguma experiência com alunos da inclusão?
6. Como que você reage ao entrar em uma sala de aula e se deparar com algum aluno da inclusão?
7. Como você trabalha com a inclusão nas salas de aula?

## **5 Resultados e discussões**

Os professores entrevistados tinham mínimo 03 anos e máximo 27 anos de prática na área. E durante a graduação dos mesmos 80% tiveram disciplinas que abordaram a inclusão, já 20% dos professores não tiveram nenhuma disciplina do tipo. Posteriormente 40% dos professores que fizeram cursos extracurriculares sobre inclusão disseram ser importante evoluir como profissionais já que a educação física escolar vem mudando drasticamente e que é muito importante se atualizar-se em metodologias. Porém a maioria dos participantes 60% não fizeram nenhum curso sobre inclusão, mas disseram ter interesse em se qualificar mais na Educação Inclusiva, pois segundo eles é importante se prepararem didaticamente e obterem mais conhecimento para melhorar a qualidade das aulas, e as justificativas foram quanto mais capacitados mais preparados é melhor para trabalhar em escolas onde recebem uma demanda grande de alunos que possuem dificuldades e deficiências.

Todos os professores que participaram dessa pesquisa já trabalharam com alunos da Educação Inclusiva, apesar de 10% ter se confundido ao dizer que não possuía nenhum aluno inclusivo e depois acabou relatando que as duas alunas com deficiência auditiva que são da turma de treinamento da escola participavam normalmente dos treinos, já 60% dos professores relataram que quando entram em uma sala de aula e se deparam com alunos da inclusão afirmam, se sentem preparados e à-vontade para lidar com eles, 30% dos professores disseram que pedem ajuda se precisarem, e somente 10% disseram que se sentem desafiados.

Por fim, dos professores que participaram dessa pesquisa, apenas 1 o professor 6 disse que não adapta suas aulas e relata que os alunos inclusivos participam das aulas normalmente. Já os demais professores possuem modos diferentes de trabalharem com alunos da inclusão, como o professor 1 que trabalha com jogos cooperativos ou o professor 2 adaptando as aulas para cada tipo de deficiência, já professor 4 conta com espaço e infraestrutura, professor 10 procura propor atividades que englobem toda sala com atividades adaptadas como vôlei sentado dizendo ser exemplo do que ele utiliza em suas aulas, professor 6 relata que nas aulas práticas geralmente os alunos participam, pois a turma toda está sempre apoiando o único aluno de inclusão que eles possuem, e que também por ele ser surdo-mudo há uma interprete de libras para auxiliar, o professor 7 também tem interpretes para alunos com deficiência auditiva, mas mesmo assim é difícil trabalhar algumas atividades e uma forma de amenizar esta dificuldade foi explorar a rima através de disputa de hip-hop através do auxílio de libras que o intérprete utiliza, ou trabalhando o ritmo na dança, professor 9 trabalha com a inclusão

falando sobre as semelhanças, diferenças, dificuldades e em outro momento com a individualidade, professor 5 fala que procura atender os alunos com o mesmo tratamento, respeitando o nível que o indivíduo se encontra e por fim professor 8 que procura incluir não só o aluno especial, mas o aluno regular na aula com o aluno especial, colocando eles nas situações e jogos adaptados para os mesmos aprenderem a entender e respeitar as diferenças.

Após análise dos resultados podemos verificar que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão escolar, pois muitos não sabem o que significa e confundem com liberdade assistida, outros trabalham a individualidade sendo que o foco da inclusão é trabalhar a socialização, entre todos os professores que participaram desta pesquisa apenas dois entre os demais professores de Educação Física trabalham a inclusão como se sugere a literatura.

## **6 Considerações finais**

Podemos sugerir que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão, pois existe uma lacuna muito grande na Educação Física escolar, no que tange a compreensão da inclusão.

Fatores como a falta de conhecimento dos educadores e apoio da rede estadual de ensino em auxiliar seus docentes provavelmente continuem para o fracasso. Uma forma de amenizar este problema seria o Estado oferecer cursos de qualificação nesta área inclusiva, mas não pensando apenas no método, mas também nas vivências decorrentes ao dia-a-dia do profissional que atua com a população com necessidades especiais na prática, a fim de oportunizar o leque de experiência e estimular a reflexão do profissional perante sua atuação nesse contexto, pois somente a graduação não é suficiente para que os mesmos tenham total segurança de como trabalhar com alunos inclusivos ao mesmo tempo em que tem que lidar também com alunos regulares, e essa é a maior preocupação da maioria desses profissionais, se estão alcançando o objetivo de ensino e aprendizagem ou não.

Os professores que se formaram há muito tempo também tem que se policiarem perante suas atitudes e esquecer o método tecnicista e trabalhar a inclusão de forma correta e atual, por que dessa forma eles mesmos se depreciam, pois não demonstram interesse em melhorar a qualidade das aulas e nem em se atualizar, e se prendem a métodos do passado não criando condições de evolução.

Em fim existem muitas formas e possibilidades para melhorar a educação inclusiva, porém a um percurso muito longo para fazer acontecer de forma correta e funcional. É importante também que o professor tenha interesse em conhecer os seus alunos, como o tipo de deficiência que ele possui como aspectos físico, cognitivo e afetivo emocional, podendo adequar ou preparar sua aula.

Uma sugestão de adequar o planejamento das aulas seria os docentes adotarem em suas práticas os princípios do ensino aprendizagem sugeridos por: (BOZZO, 2012, p. 06).

- Aprendizagem ativa e significativa, que é trabalhar com abordagens que encorajam a participação dos alunos nas atividades;
- Negociação de objetivos, para motivar os interesses de cada estudante;
- Demonstração da prática e feedback, que é mostrar como a atividade será feita;
- Avaliação contínua que auxiliara na melhoria e administração das aulas;
- Apoio e colaboração, que contribuirá com o fim das práticas de ensino individualizado.

Desta forma o professor de Educação Física poderá refletir sobre seu trabalho e mudar seu processo de pedagogia tradicional para uma pedagogia inclusiva.

## Referências

- AGUIAR, J. S; DUARTE, E. Educação Inclusiva na Área da Educação Física, **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 11, n. 2, p. 01-18, **Marília**, Mai- Ago. 2005.
- BATISTA, M.W; ENUMO, S. R. F. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros, **Universidade Federal do Espírito Santo**, v. 9, n. 1, p. 01-11, 2004.
- BOZZO, F. E. A inclusão na escola, **Revista Científica do Unisalesiano**, n.3, p. 01-14; jan./jun; SP, 2012.
- FALKENBACH, A. P; CHAVES, F. E; NUNES, D. P; NASCIMENTO, V. F. A Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais nas Aulas de Educação Física na Educação infantil, **Movimento**, v. 13, n. 02, p. 01-17, 2007.
- FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a prática Pedagógica na Escola. **Universidade Federal do Paraná - Doutoranda na Unicamp**, 2002.
- NASCIMENTO, K.P; RODRIGUES, G.M; GRILLO, D. E; MERIDA, M. A Formação do Professor de Educação Física na Atuação Profissional Inclusiva, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, p. 01-06, 2007.
- OLIVEIRA, M. F. L; ALVES, M. L. M; GALATTI, L. L; DUARTE, E. Modelo de Inclusão com Suporte da Escola Especial: Um Estudo de Caso da Rede Municipal de Suzano, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 1, p. 01-13, 2012.
- OLIVEIRA, A. F; RODRIGUES, G. M. Intervenção Profissional na Inclusão de Crianças com Deficiência no Ensino Regular: Um estudo Piloto, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, (especial) 5, p. 01-08, 2006.
- RODRIGUES, D. A educação Física Perante a Educação Inclusiva; Reflexões Conceituais e Metodológicas. **Revista Educação Física/UEM**, v. 14, n. 1, p. 01-07, 2003.
- SANT'ANA, I. M. A educação Inclusiva: Concepções de professores e diretores, **Universidade Católica- PUC, Campinas**, Psicologia em Fundo, **Maringá**, v. 10, n. 2, p. 0108, maio/ ago. 2005.

## INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA- REALIDADE OU FICÇÃO?

Clayner Cristina Neves F Ribeiro<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O presente estudo discorre em torno do problema atual da inclusão de crianças com síndrome de Down em aulas adaptadas e inclusivas de Educação Física. A realidade dessas crianças chega a ser desumana, pois boa parte delas vive escondida, em uma sociedade que partilham da ideia de interação, quando na realidade essa falsa moralidade preenche apenas os cadernos, livros e propagandas. Diante deste cenário o objetivo da pesquisa foi averiguar se a inclusão de crianças portadoras de síndrome de Down realmente pode ser possível nas aulas de Educação Física escolar. Para isto foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Os resultados apontam para uma indefinição acerca do referido tema, parte dos estudos corroboram a ideia da inclusão, outros concluem que a inclusão não ocorre e ainda parte da literatura aponta que a inclusão só será possível se existir uma interligação entre as pessoas envolvidas e os órgãos responsáveis. O que nos possibilita sugerir que a inclusão é possível, desde que mudanças sejam feitas, preconceitos extintos, e que sejam cobrados dos órgãos públicos o real cumprimento de todas as nossas legislações que foram adquiridas no decorrer da história, tentando pelo menos amenizar a diferença de pessoas que ainda vivem acobertadas, sem voz para pedir assistência.

**Palavras-chave:** Inclusão, Síndrome de Down, Educação Física escolar.

### ABSTRACT

*This study talks about the current problem of inclusion of children with Down syndrome in adapted and inclusive physical education classes. The reality of these children get to be cruel, because many of them live hidden in a society that shares the idea of interaction, when in reality this false morality fills only the notebooks, books and advertisements. In this scenario the objective was to determine whether the inclusion of children with Down syndrome actually occurs in the classes of Physical Education. For this was made a qualitative research realized through a literature review. The results point to a lack of definition about the said topic, some studies corroborate the idea of inclusion, others conclude that the inclusion does not occur and also of the literature points out that inclusion is only possible if there is a link between the people involved and the organs responsible. This enables us to suggest that inclusion is possible as long as changes are made, extinct prejudices, and public agencies are created able to charge the actual fulfillment of all our laws were "conquered" throughout history, trying to at least soften the difference of people living still covered up with no voice to ask for help.*

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: claynerfernades@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacoboliveira@yahoo.com.br)

**Keywords:** *Inclusion, Down Syndrome, Physical Education.*

## 1 Introdução

A inclusão escolar é um tema ainda muito polêmico em nosso país, por se tratar de algo recente. A literatura nos mostra o tema inclusão surgiu em meados da década de 60 e 70, onde iniciam-se movimentos que buscam melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência. Após esta fase há um retrocesso no panorama da inclusão em função do período da ditadura militar. As discussões e ações são retomadas por volta de 1988. Em 1994 em uma assembleia das Nações Unidas às discussões acerca das regras e padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiência culminaram em um documento intitulado Declaração de Salamanca, onde o Brasil foi um dos países a concordar e assinar. Em 1996 é apresentada as Diretrizes e Bases, para tratar inclusão de pessoas com deficiência, pessoas que um dia, foram consideradas, no período colonial, bruxas, fruto de feitiçaria e eram até queimadas em praças públicas.

Mas afinal o que é inclusão? A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que visa defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. (FREIRE, 2008).

Segundo Nadia (2008), por volta de 1985 surgem em alguns países os movimentos de inclusão, no Brasil estes movimentos chegam na década de 90, apoiados nos princípios da oportunidade para todos, com forte indagação na rede regular de ensino:

Esta forma de entender a inclusão reivindica a noção da escola como uma comunidade acolhedora em que participam todas as crianças de igual forma, para que ninguém seja excluído por suas necessidades especiais, ou por pertencer a grupos étnicos ou lingüísticos minoritários, por não ir frequentemente a aula, e finalmente, ocupa-se dos alunos em qualquer situação de risco (SANCHES).

Dentre as inúmeras deficiências uma das mais conhecidas e talvez uma das primeiras a ser inserida no contexto da inclusão é a Síndrome de Down.

Segundo Luiz et al. (2012) a Síndrome de Down (SD) é uma desordem genética cujo diagnóstico clínico pode ser realizado, nas primeiras horas de vida da criança, pelas suas características físicas (fenotípicas) e, posteriormente, confirmado por análises criptogenéticas do cariótipo de células em metáfase” (CAPONE, 2004).

Vários problemas de saúde, como doenças cardíacas, doenças infecciosas do aparelho respiratório, leucemia e distúrbios da tireoide são frequentemente observados naqueles com SD (SCHWARTZMAN, 1999).

Mesmo com todo esse avanço contextual, não podemos deixar de mencionar que ainda existe um longo e interessante caminho a trilhar, prova disto é a Lei específica de inclusão da pessoa com deficiência, aprovada pelo senado em 29 de junho de 2015 e desde então aguardando deliberações da Presidente da Republica.

Leis e Diretrizes hoje em dia, é o que mais temos e em se tratando de deficiência, só no município de Campinas temos em torno de 80 (oitenta) leis, o grande problema, no entanto, é o cumprimento dessas leis.

Neste contexto vemos que a inclusão precisa mais do que leis, precisa de políticas públicas eficientes, precisa de conscientização e quebra de paradigmas da sociedade.

## 2 Revisão bibliográfica

A igualdade de condições é uma das premissas da inclusão, o que nos incita a explorar a literatura na tentativa de verificar o real estado da arte acerca deste tema.

Os objetivos dos estudos se difundem, apontando questionamentos a respeito da inclusão dessas crianças no ensino regular, suas dificuldades de interação no meio em que estudam, e as dificuldades encontradas nas famílias, como mencionam Anhão (2010), Falkenbach et al. (2007), Aguiar e Duarte (2005), Luiz (2012) e Vitta et al. (2010).

Os estudos de Caldeira (2010), Boato, Souza e Menegotto (2010), procuram mostrar argumentos de como vencer o preconceito na sociedade, e como as crianças conseguem interagir com a comunidade.

Já Poletto (2007) procurou desenvolver um material didático para que os professores pudessem lidar com as crianças.

Para responder suas perguntas Anhão (2010), Falkenbach et al. (2007), Poletto (2007) e Luiz (2012) realizaram estudos de casos, Caldeira (2010), Boato, Souza e Menegotto (2010) e Aguiar e Duarte (2005) utilizaram questionários de múltiplas escolhas ou qualitativos para tentar entender qual o olhar deles diante dessas adversidades, que o aluno com deficiência enfrenta.

O único estudo que realizou uma pesquisa entre as crianças deficientes, foi o Anhão (2010), que analisou o comportamento e interação delas.

Cada criança foi analisada através de categorias que envolvem o processo de interação social em ambiente escolar. Nos estudos de Caldeira (2010), Eugenia, seu campo de pesquisa foi à revisão bibliográfica, que os norteou em suas conclusões a respeito da inclusão de crianças deficientes. Em outros estudos como o de Vitta et al (2010), Luiz (2012), Poletto (2007), estavam comprometidos no estudo dos relatos das famílias, onde analisaram seus testemunhos, e desenvolveram questionários qualitativos, para dar respaldo a defesa da inclusão.

Em relação aos resultados os que mais nos chamaram a atenção foram os estudos de Aguiar e Duarte (2005) e Luiz (2012) onde os resultados indicaram que para realizar a inclusão os professores necessitam de: a) apoio do governo, no que se refere a oferecimento de cursos de reciclagem; b) auxílio técnico pedagógico especializado; c) estrutura adaptada do espaço físico; e d) material didático adequado.

No estudo de Boato, Souza e Menegotto (2010), os resultados demonstram que as concepções e atitudes dos professores são contraditórias, divididas entre positivas para a inclusão e tendenciosas à segregação e ainda relata sentimentos de desamparo, impotência, e incompetência frente a inclusão. Já Poletto (2007) e Vitta (2010) apontam que, se a criança com deficiência mental for “olhada” como um aprendiz em potencial, que se apropria, apesar do déficit cognitivo, de novos conhecimentos e de conteúdos acadêmicos que antes não se acreditava que a mesma fosse capaz, e ainda, que a criança pode ser contextualizada na interpretação do mundo, os resultados podem ser surpreendentes e deste modo o que antes podia parecer milagre, pode se tornar rotina.

Em suma podemos verificar que os estudos discutem que os professores de Educação Física reconhecem a inclusão como uma necessidade pedagógica, porém a formação continuada e a prática pedagógica carecem de aprendizagens e avanços nessa área.

Os autores ainda sugerem que a inclusão não traz só benefícios para os alunos com deficiência intelectual, mas se estivermos abertos e preparados para recebê-los, todos lucraremos, pois a escola terá que rever seus conceitos e conseqüentemente

grandes mudanças surgirão e os alunos aprenderão naturalmente conviver com a diversidade.

Ainda apontam que os professores relatam a importância de serem preparados para receber os alunos, bem como o apoio pedagógico especial, os pais também se posicionaram dizendo sentirem-se mais “seguros” quanto ao processo inclusivo de seu filho, se o aluno tiver a orientação e o amparo de um professor especialista.

Por fim pode-se verificar que referente ao comportamento observado, o grupo de crianças com Síndrome de Down, não apresentou características de interação sociais muito diferentes das crianças com desenvolvimento típicas, reforçando a importância do processo de inclusão escolar desta população.

Percebemos a bárbara realidade dessas crianças, que vivem escondidas em seus mundinhos, onde a sociedade prega a interação, quando na realidade essa falsa moralidade preenche apenas os cadernos, livros e propagandas.

Quando os professores são colocados à frente de alunos com deficiência, a realidade emerge, mostrando o abismo que há entre a literatura e a prática. Por este motivo, a pesquisa tem tanta relevância, pois através dela, esperamos verificar a qualificação dos profissionais, a existência de estruturas adaptadas e a posição da sociedade.

Diante deste cenário a proposta desta pesquisa discorre em torno do problema atual da inclusão de crianças com síndrome de Down em aulas adaptadas e inclusivas.

### **3 Objetivo**

Verificar se a inclusão de crianças portadoras de síndrome de Down realmente é possível nas aulas de Educação Física escolar.

### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

### **5 Resultados e Conclusão**

Constatamos no presente estudo, que existem instituições que são falhas e que carecem de profissionais especializados para lidar com crianças portadoras de deficiências, no entanto observamos que além dessas ausências, muitos alunos vivem o preconceito arraigado em sua própria família, exigindo também dessas instituições acompanhamento psicológico e social. Entendemos que no papel tudo parece bem pulcro e adiantado, quando na realidade, ainda existe uma distância enorme entre as pessoas ditas “normais” e portadores de algum tipo de deficiência. Por tudo isso, concluímos que, só seria possível a inclusão, com força de vontade e especialização de todos os órgãos envolvidos. Em uma busca constante de pesquisas e adaptações, para que juntos obtivéssemos também, a extinção total do preconceito.

## 6 Considerações finais

Verificamos a necessidade de uma infraestrutura, de uma inclusão real, de um atendimento especializado e de profissionais qualificados. Contudo não podemos esquecer a importância essencial de materiais. É sabido que já existem cursos especializados para a qualificação desses professores de Educação Física na região, e existe também o Professor da educação especial, e cada sala que tem crianças com alguma síndrome são acompanhadas por cuidadores dentro das salas de aula, o que pode facilitar o trabalho do professor.

A inclusão de crianças com síndrome de Down nas aulas de Educação Física ou em quaisquer aulas requer preparo, mesmo com tantos benefícios aos alunos, quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, social, e sua interação com outros alunos e com a sociedade em si, nos deparamos com uma população ainda despreparada para recebê-los e aceita-los.

Cabe aos órgãos públicos desenvolver e programar, políticas públicas eficientes, capazes de analisar os problemas vivenciados por eles, discutir, planejar e principalmente executar ações a fim de solucionar pelo menos o que diz respeito a infraestrutura, materiais e formação especializada aos professores.

A resposta a nossa pergunta é sim! É possível a inclusão de crianças portadoras de síndrome de Down nas aulas de Educação Física, desde que mudanças sejam feitas, preconceitos extintos, e desde que existam órgãos públicos capazes de cobrar o real cumprimento de todas as nossas legislações, que foram alcançadas no decorrer da história, tentando pelo menos amenizar a diferença, de pessoas que ainda vivem escondidas, debaixo do tapete, sem voz para pedir socorro.

## Referências

ANHÃO; G., P., P.; PFEIFER; L., I.; SANTOS; L., J. **Interação social de crianças com síndrome de Down na educação infantil**; Revista Brasileira de Educação Especial; Marília; v.16, n.1, p.31-46, Jan.-Abr, 2010.

BARBOSA; A., C. **A Inclusão de crianças com Deficiência na Escola Comum: É possível?** Trabalho de conclusão de curso; Unicamp; Campinas, 2006.

FALKENBACH et al. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil**; v.13, n. 02, p.37-53, maio/agosto; Porto Alegre; 2007.

CALDEIRA; M., F., L; CAVALARI; N. **Dificuldade de aprendizagem com deficiência Intelectual**; Caderno multidisciplinar de pós graduação da UCP; Pitanga; v.1, n.4, p.38-47, abr, 2010.

EUGÊNIA. **Educação Física e Inclusão: Considerações para prática pedagógica na escola**; Paraná, 2005.

AGUIAR; S., J.; DUARTE; E. **Educação Inclusiva: um estudo na área de Educação Física**; Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, Mai-Ago, v.11, n.2, p.223-240, 2005.

**POLETO. Inclusão de alunos com deficiência mental na rede regular de ensino.** Curitiba; 2008.

**SOUZA; P., K., G; BOATO; M., E. Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física do ensino regular: concepções, atitudes e capacitação dos professores,** 2009.

**MENEGOTTO; O., M., L.; et al. Inclusão de alunos com síndrome de Down: Discurso dos professores;** Revista de Psicologia; v.22; n.1; p.155-168; jan/abr; 2010.

**LUIZ; R., M., F.; NASCIMENTO; C., L. Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down: Experiências contadas pelas famílias;** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.18, n.1, p. 127-140, Jan.-Mar., 2012.

**VITTA et al. Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência;** Revista Brasileira de Educação Especial., Marília, v.16, n.3, p.415-428, Set.-Dez., 2010.

**LIMA; C., P. Inclusão de alunos com necessidades especiais nas salas de ensino regular: um estudo sobre o que pensam os professores;** Unicamp; p. 01-83; Campinas, 2004.

## ATIVIDADE FÍSICA X OBESIDADE

Daniel Ribeiro de Mello<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

A pesquisa teve por objetivo verificar se a quantidade de prática de atividade física em escolares pode ter influência no sobrepeso e na obesidade. Participaram do estudo 16 crianças de ambos os sexos, com uma faixa etária de 09 a 11 anos de idade alunas de uma escola particular do município de Nova Odessa-SP. Foi aplicado um questionário com indagações a respeito do objetivo e ainda foi calculado o Índice de Massa Corporal (IMC). Os resultados permitem concluir que o fator da atividade física não influenciou no peso corporal.

**Palavras-chave:** Obesidade, Educação Física escolar, Prática de atividade física.

### ABSTRACT

*The research aimed to verify the amount of practice of physical activity in school can have influence on overweight and obesidade. The study included 16 children of both sexes, with an age range 09-11 year old students from a private school in the city of Nova Odessa-SP. A questionnaire was applied with idagações about the purpose and was also calculated the body mass index (BMI). The results showed that the factor of physical activity had no effect on body weight.*

**Keywords:** Obesity, Physical Education, Physical activity.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: dribeirodemello@yahoo.com.br).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacooliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

A obesidade é definida como acúmulo excessivo de gordura em regiões específicas ou no corpo como um todo. É uma doença de etiologia complexa e multifatorial que envolve a interação de fatores fisiológicos, comportamentais e sociais. O indivíduo é considerado obeso quando a quantidade de gordura se iguala ou excede 30% em mulheres e 25% em homens, enquanto o excesso de 40% para mulheres e de 35% para homens caracteriza a obesidade grave (SABIA et al., 2004).

É sabido que dentre os fatores que contribuem para o desenvolvimento da obesidade são destaques a má alimentação e a falta da prática das atividades físicas. A alimentação é um importante fator tanto na prevenção como no tratamento da obesidade e de muitas doenças de alta prevalência nas sociedades atuais. As tendências de transição nutricional ocorridas neste século em diferentes regiões do mundo convergem para uma dieta mais rica em gorduras (particularmente as de origem animal), açúcares e alimentos refinados (Monteiro, et al, 1995).

Dentre as populações mais afetadas pela obesidade estão as crianças que consomem alimentos industrializados, que contem muitas gorduras e conservantes e ainda são afetadas pelo outro aspecto retro citado a atividade física, as crianças de hoje cada dia estão deixando a prática de atividade física de lado para dedicar seu tempo aos computadores, vídeo game, TV, o que segundo. A inatividade física é um fator crucial no acúmulo excessivo de gordura corporal (McARDLE et al., 2003).

Quando pensamos na atividade física como um dos fatores que podem contribuir para a não obesidade infantil, logo nos perguntamos sobre o papel da Educação Física e mais ainda da Educação Física escolar na vida das crianças, já que é uma área que tem por “ideal” contribuir para o aumento dos níveis de atividade física diários das crianças e de abordar conceitos associados a temas de saúde e obesidade. Acrescenta-se a isso, outra característica da escola, que se refere à aquisição e reformulação de valores, nesse caso relacionados à prática de atividade física, hábitos alimentares e outras variáveis que levam a instalação da obesidade (COSTA et al ,2001).

## 2 Revisão bibliográfica

A obesidade tem sido fruto de inúmeros estudos, visto que o impacto das consequências do aumento de peso são catastróficos para a população, deste modo as pesquisas transitam por inúmeros níveis como segue. Costa, Ferreira e Amaral (2010), Ronque, et al., (2005), Mondini, et al., (2007), Balaban e Silva (2001) e Giugliano e Melo (2004), tentam identificar crianças e adolescentes com sobrepeso e obesidade em escolas.

Outros estudos buscaram identificar associações entre comportamentos sedentários, de escolares com sobrepeso e obesidade com a prática de atividades físicas nas aulas de Educação Física escolar. (SILVA; LOPES; SILVA, 2007; CELESTRINO; COSTA, 2004; e GIUGLIANO; CARNEIRO, 2006).

Já Vargas, et al., (2011) e Pierine, et al., (2006) investigaram a influencia de programas voltados para a prática alimentar de adolescentes de escolas publicas através de indicadores da composição corporal, nível de atividade física e qualidade do lanche escolar de alunos do ensino fundamental e médio.

Para responder os questionamentos os estudos como Costa, Ferreira e Amaral (2010), Ronque, et al., (2005), Balaban e Silva (2001), Giugliano e Melo (2004) e Mondini, et al., (2007) avaliaram um total de 3.297 crianças e adolescentes com idade

entre 6 à 12 anos de ambos os sexos. Estes estudos utilizaram um questionário onde coletaram altura, peso e idade e o IMC, para classificar o sobrepeso e obesidade de escolares.

Giugliano e Carneiro, (2006), Silva, Lopes e Silva, (2007) e Celestrino e Costa, (2004), avaliaram 2.064 crianças e adolescentes na faixa etária de 7 à 12 anos, foi utilizado um questionário que buscava respostas para a relação entre as variáveis, uso de equipamentos eletrônicos, atividade física, prática de esportes e a participação nas aulas de Educação Física.

Vargas et al., (2011) e Pierine, et al., (2006) investigaram com o auxílio de um questionário as práticas alimentares (consumo de fast food, consumo de refrigerantes, consumo de frutas, verduras e legumes e tipo de alimentação consumida nos intervalos das aulas) com 771 adolescentes na faixa etária de 11 à 17 anos, estudantes de duas escolas públicas estaduais.

Os resultados destes estudos apontam que o sobrepeso e a obesidade mostraram-se mais prevalente nas crianças do que nos adolescentes e as causas identificadas foram, a frequência elevada de consumo de alimentos “não saudáveis” e assistir à televisão por mais de quatro horas/dia. (COSTA; FERREIRA; AMARAL, 2010; RONQUE, et al., 2005; BALABAN; SILVA, 2001; GIUGLIANO; MELO, 2004; e MONDINI, et al., 2007).

Giugliano e Carneiro, (2006), Silva, Lopes e Silva, (2007) e Celestrino e Costa, (2004) encontram em seus resultados que mais da metade dos escolares dedicavam maior parte do tempo livre para ver TV/ Videogame/ Computador e apenas um quinto das crianças faziam atividades físicas. Dentre as atividades feitas nas aulas de Educação Física escolar, a queimada para os estudantes com sobrepeso/obesidade foi eleita a atividade mais prazerosa e a corrida como a atividade que esses alunos menos gostam.

Por fim Vargas, et al., (2011) e Pierine, et al., (2006) identificaram que a maioria dos adolescentes consomem fastfood e mostram ainda que os alimentos mais consumidos nos intervalos das aulas são doces, refrigerantes, salgados assados, bolacha recheada e salgadinhos “chips”, com baixa ingestão de frutas e legumes.

As conclusões dos estudos como os de Costa, Ferreira e Amaral (2010), Ronque, et al., (2005), Balaban e Silva (2001), Giugliano e Melo (2004) e Mondini, et al., (2007) verificam através da avaliação índice de massa corporal baseado em padrão internacional, que as crianças encontram-se com sobrepeso e diante deste cenário sugerem ações de prevenção e controle do sobrepeso envolvendo as instituições escolares e também os pais ou responsáveis, Giugliano e Carneiro (2006), Silva, Lopes e Silva, (2007) e Celestrino e Costa (2004) além de constatar a obesidade observam que os escolares com sobrepeso/obesidade praticam menos atividade física que os escolares com peso normal.

Vargas, et al., (2011) e Pierine, et al., (2006) concluem que os alunos apresentam alta prevalência de sedentarismo, massa muscular abaixo do recomendado e inadequação das práticas alimentares o que permite aos autores sugerir que as escolas devem proporcionar programas de incentivo a prática de exercício físico e educação alimentar.

Diante do exposto a questão que norteou o trabalho buscou respostas para averiguar se a quantidade de atividade física tem influência na obesidade.

### 3 Objetivo

O objetivo do presente estudo foi verificar a quantidade de pratica de atividade física e sua relação com a obsidade de escolares.

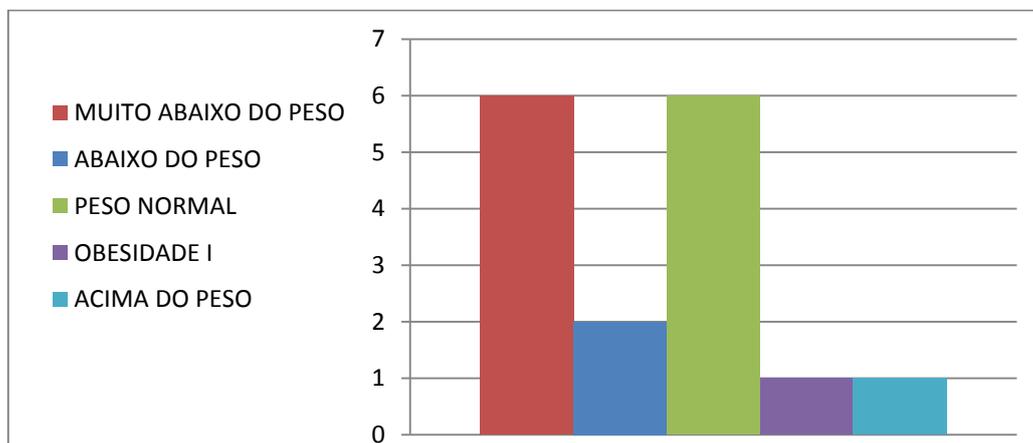
### 4 Método

Participaram do estudo 16 crianças de ambos os sexos, com uma faixa etária de 09 a 11 anos de idade alunas de uma escola particular do município de Nova Odessa-SP. Foi aplicado um questionário com perguntas específicas sobre quantidade de vezes que a crianças faz aula de Educação Física; Se dentro da aula o professor discute as doenças causadas pela obesidade; outra questão sobre a ingesta de alimentos não saudáveis; a quantidade de prática de atividade física fora do ambiente escolar; perguntamos se a criança gosta de praticar atividade física e por fim se elas brincam durante a semana e depois foi medido a altura de cada criança e o seu peso. Para coletar as informações foi utilizada uma balança eletrônica da marca Startools e uma trena com 3 metros de comprimento. Com essas medidas foi calculado o Índice de Massa Corporal (IMC) pela divisão do peso, em quilos, pelo quadrado da altura, em metros (kg/m<sup>2</sup>).

### 5 Resultados e Conclusão

Os resultados mostram que a maioria das crianças gostam de praticar atividade física escolar.

Após ser calculado o IMC das crianças podemos observar no gráfico 1 em relação a obesidade que os resultados do presente estudo refutam a literatura, já que a maior parte das crianças foi classificada com o peso normal e muito abaixo do peso.



**Gráfico 1** – classificação das crianças em relação a análise do IMC

Após análise do questinário podemos observar que todas as crianças participam duas vezes por semana das aulas de Educação Física; todas relatam que o tema obsidade é abordado e discutido nas aulas; com relação a prática de atividade física fora da escola e quantas vezes elas brincam por semana podemos verificar que a maioria pratica entre 2 e 3 vezes por semana, mas o que nos chamou a atenção foi que apesar da maioria consumir alimentos não saudáveis de 3 a 7 vezes na semana isso não influenciou no aumento da obesidade.

Por fim podemos concluir que o fator da atividade física não influenciou no peso corporal.

## 6 Considerações finais

Com essas informações podemos sugerir que o fator pratica de atividade física não influenciou nos resultados, mas e o que pode ser considerado como um fator de risco para um futuro não muito saudável e ainda com ganho de peso foi a alimentação.

As escolas deveriam incentivar as cantinas a planejar melhor o cardápio com alimentos mais saudáveis, pois as crianças passam horas dentro da escola e precisam de uma alimentação que seja equilibrada. Os professores também podem contribuir promovendo, palestras, reuniões com pais, projetos de alimentação saudável, conscientizando os alunos para que possam ter uma vida mais saudável evitando o ganho de peso e a obesidade.

## Referências

BALABAN, G.; SILVA, G. A. P.D. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de uma escola da rede privada de Recife. **Jornal de Pediatria**, vol. 77, n.2, p.96-100, 2001.

CELESTRINO, J. O.; COSTA, A. S. Prática de Atividade Física Entre Escolares com Sobrepeso e Obesidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri-SP, v.5, n. Especial, ago./set. 2006.

COSTA, C.D.; FERREIRA, M. G.; AMARAL, R. Obesidade Infantil e Juvenil. **Acta Medica Portuguesa**, Almada, p.379-384, Mar./Jun. 2010.

GIUGLIANO, R.; CARNEIRO, E.C. Fatores associados à obesidade em escolares. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.1, p. 17-22, 2004.

GIUGLIANO, R.; MELO, A. L. P. Diagnóstico de sobrepeso e obesidade em escolares: utilização do índice de massa corporal segundo padrão internacional. **Jornal de Pediatria** - v. 80, n.2, p. 129-134, 2004.

MONDINI, L.; LEVY, R. B.; SALDIVA, S.R. D.M.; VENÂNCIO, S.I.; AGUIAR, J.D.A.; STEFANINI, M.L.R. Prevalência de sobrepeso e fatores associados em crianças ingressantes no ensino fundamental em um município da região metropolitana de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.23, n.8, p.1825-1834, Ago. 2007.

PIERINE, D. T.; CARRASCOSA, A. P. M.; FORNAZARI, A. C.; WATANABE, M. T.; CATALANI M. C. T.; FUKUJU, M. M.; SILVA, G. N.; MAESTÁ, N. Composição corporal, atividade física e consumo alimentar de alunos do ensino fundamental e médio. **Motriz**, Rio Claro, v.12, n.2, p.113-124, mai./ago. 2006.

RONQUE, E. R. V.; CYRINO, E.S.; DÓREA, V.R.; JÚNIOR, H.S.; GALDI, E. H.G.; ARRUDA, M. Prevalência de sobrepeso e obesidade em escolares de alto nível

socioeconômico em Londrina, Paraná, Brasil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.18(6) p.709-717, nov./dez., 2005.

SILVA, K. S. D.; LOPES, A. D.S.; SILVA, F.M. Comportamentos sedentários associados ao excesso de peso corporal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.2, p.135-41, abr./jun. 2007.

VARGAS, I. C. D. S.; SICHIERI, R.; PEREIRA, G. S.; VEIGA, G. V. D. Avaliação de programa de prevenção de obesidade em adolescentes de escolas públicas. **Revista de Saúde Pública**, v.45, n.1, p. 59-68, 2011.

## LUTAS, ESPORTES DE COMBATE E ARTES MARCIAIS- VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Daniele Liasch de Moura<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

As lutas apesar de serem prescritas nos PCN'S como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar tem sido fruto de divergências entre os profissionais da área. Mesmo sendo conteúdo próprio da disciplina muitos professores não sabem como ministrar esta matéria em suas aulas. O objetivo do presente estudo foi analisar se os professores utilizam lutas como conteúdo nas aulas de Educação Física. Para isso realizamos uma pesquisa quantitativa com sete professores da cidade de Nova Odessa através de um questionário. Os resultados mostram que parte dos professores pouco utiliza da prática de lutas nas aulas, outros docentes não utilizam sobre a justificativa que este conteúdo insita a violência. Entretanto a literatura refuta estas posições e deste modo nos permite sugerir que o conteúdo das lutas são de grande valia para a disciplina Educação Física o que justifica a sua utilização nas aulas. As lutas são tidas como uma manifestação cultural do movimento corporal, o que permite que o professor não precisa ser especialista. Uma alternativa posta na literatura é trabalhar as lutas de forma lúdica. Com base no exposto podemos aventar que os professores façam uma reciclagem para se atualizar ao conteúdo das lutas o que daria a possibilidade de utilizar este tema de maneira criativa durante as aulas e ainda compreender que esta vivencia é importante e possível para desenvolvimento dos aspectos pedagógicos da escola.

**Palavras-chave:** Educação Física, Lutas e Vivências.

### ABSTRACT

*The struggles despite being prescribed in PCN'S as a subject in school Physical Education classes have been the result of disagreements among professionals. Even though discipline of content itself many teachers do not know how to teach the subject in their classes. The aim of this study was to analyze if teachers use fights as a subject in physical education classes. For this we conducted a quantitative survey with seven teachers of Nova Odessa through a questionnaire. The results show that the teachers just use the practical struggles in class, other teachers do not use the rationale that this content violence. However literature refutes these positions and thus allows us to suggest that the content of the struggles are of great value for Physical Education which justifies its use in the classroom. The fights are regarded as a cultural manifestation of the body movement, allowing the teacher does not need to be an expert. An alternative put in the literature is to work fights in a playful manner.*

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: dani\_liasch@yahoo.com.br)

<sup>(2)</sup> Prof. Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

*Based on the above we can guess that teachers do a refresher to update the content of the struggles which would give the possibility to use this theme creativity way during classes and still understand that this experiences is important and possible to develop the pedagogical aspects of school.*

**Keywords:** *Inclusion, Down Syndrome, Physical Education*

## 1 Introdução

Muito se fala da Educação Física Escolar, porém poucos professores ainda entendem essa denominação dentro da escola, usando a Educação Física como um parâmetro a formar atletas, ou simplesmente não fazer muita coisa a não ser utilizar os jogos mais populares como, futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Isso mostra a forma como os professores estão dando seguimento as aulas ao que se refere as práticas não só esportivas como educativas nas atividades de Educação Física, a prática corporal vem sendo cada vez menos empregada nas aulas, o que leva os alunos a se disporem cada vez menos das práticas corporais, uma dessas práticas é as lutas na Educação Física Escolar, que é pouco ou nada utilizada durante as aulas e é proposto no Parâmetro Curricular Nacional, ( PCN`S).

A Educação Física que queremos dentro da escola é uma Educação Física de qualidade, porque “a falta de criatividade é um dos grandes empecilhos para a Educação Física de melhor qualidade” (FREIRE, 2010.) e quando não são bem utilizados nas práticas corporais os alunos acabam tendo uma deficiência quanto ao seu desenvolvimento. Como proposto pelo PCN`S e sempre dispondo de novos conteúdos ao que se refere a essas práticas e atingir os objetivos gerais dentro da área de Educação física Escolar.

“O ato de conhecer é tão vital quanto comer e dormir, e eu não podemos comer ou dormir por alguém, assim, a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim, VIDA, aqui e agora. Nada vale esse enorme esforço para alfabetizar se a aprendizagem não for significativa”. (FREIRE, 2010)

Entende-se como lutas no dicionário como “combate de dois atletas, corpo a corpo, e sem armas”. Sendo proposto pelos PCN`S, as lutas fazem sucesso em qualquer faixa etária, podendo ser aplicada desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio, além disso as lutas tem a possibilidade de trabalhar todos os fatores motores e psicomotores, dando assim maior amplitude as práticas podendo também auxiliar em outras práticas lúdicas ou esportivas na escola, sendo um grande auxílio pedagógico pois trabalha também toda a questão cultural, social, filosófica e histórica.

“O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definido como jogo, esporte, dança, luta e ginástica” (DAOLIO, 2004).

No Ensino Superior só aprendemos superficialmente sobre modalidades, por isso como conteúdo esportivo seria impossível durante a graduação aprender todas as modalidades diferentes de lutas, mesmo se fossem “apenas” modalidades olímpicas, as lutas dentro do contexto escolar deve ser levada de forma lúdica, incorporando a prática em forma de jogos e brincadeiras durante as aulas, pois é necessário que a criança ou o adolescente construa movimentos corporais, o professor deve utilizar da criatividade nas

atividades propostas, pois o aluno independente de sua faixa etária praticam as atividades com muita intensidade, principalmente quando interagem com a aula ministrada.

Porém ao que se refere a prática das lutas na escola existe ainda um pouco de resistência por falta de conhecimento da escola como um todo, dos alunos, pais e professores, que veem as lutas como uma forma violenta e agressiva e que não deveria ser ensinado dentro de um ambiente escolar, alguns professores apesar de gostarem do tema e que utiliza-lo não sabem como, o que se tem de conceito é que os alunos podem ficar mais agressivos, a prática das lutas na escola de forma correta pode diminuir a agressividade entre os alunos, sendo ensinadas de forma lúdica as lutas ainda empregam valores que devem ser trabalhados pelos professores, como o respeito ao superior, aos colegas e ao seu adversário, tendo conteúdos históricos e filosóficos também a serem trabalhados durante as aulas, a organização, e aprendizagem em saber ganhar e perder, onde não é o mais forte, mais ágil ou mais veloz, e sim aquele que leva as práticas a sério, sendo em jogos e brincadeiras escolares durante as aulas, ou o treinamento nas práticas esportivas, levando a construção do caráter e ética do aluno.

## **2 Revisão bibliográfica**

Para o ensino das lutas na escola existe uma definição escrita nos PCN`S:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de equilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Constituem-se em um vasto conjunto de manifestações culturais históricas, que deve ser aprendido. Importante é, também por esse motivo, diversificar as lutas, não reduzindo o ensino a uma ou duas modalidades. Nesse ponto o professor que trabalha de forma extracurricular tem uma importância muito grande, pois oportuniza maior variedade de modalidades de lutas. (Brasil, 1998).

Não à como ser preciso em quando ou de que forma as lutas tiveram origem, não é uma situação isolada como se começasse com um grupo, uma nação ou por apenas duas pessoas, em textos Bíblicos as lutas começavam com pelejas entre nações por território, alimento, etc. eram basicamente por necessidades pessoais. As lutas também eram descritas em grandes impérios como Egito, Pérsia, Grécia, Roma, entre outros, mas a origem das lutas ainda é uma incógnita para muitos estudiosos, para cada povo, cada cultura as manifestações corporais se diferem muito, cada povo com a sua particularidade nas manifestações corporais de lutas.

Natali (1981), afirma que os primeiros registros são datados por volta de cinco mil anos A.C., uma arte marcial denominada Vajramushti, palavra originada do sânscrito que, na tradução literal significa “punho real” ou “punho direto” e provavelmente uma das lutas mais antigas que se tem origem conhecida. De origem indiana, essa arte marcial fazia parte da educação militar da realeza, em especial príncipes envolviam técnicas de combate, meditação e estudos variados, entre os praticantes mais ilustres registros indicam que Buda (Sidarta Gautama), que era príncipe guerreiro teve o aprendizado do Vajramushti.

Na China e na Índia, surgiram as primeiras manifestações de combates organizados, porém muito se perdeu na história e no tempo, isso porque muitos mestres não passavam todo o seu conhecimento para seus discípulos, como as modalidades, estilos, sistemas, além disso, não existiam muitos registros na época, já que era passado de pai para filho e de mestre para discípulo, e na maioria das vezes de forma oral.

Conta-se que o médico herbalista chamado Hua Tuo, no século I, criou uma série de exercícios lentos e suave chamado U TCHIN SHI (jogo dos 5 animais e as aves), o intuito desses movimentos era o fortalecimento do corpo e o relaxamento das tensões musculares, que conjugados com outros semelhantes, entre eles o PA TUAN CHIAN ( 8 peças de seda) compõe o CHI KUNG. Mais tarde um monge indiano chamado BODHIDHARMA (TA MO em chinês), ingressou no mosteiro Shao Lin, notando a vida ociosa dos monges, instituiu um programa de exercícios físicos para eles, presumidamente baseados no Yoga indiano, estes exercícios eram registrados em um livro, o Yin Gin Ching. Mais tarde em virtude da luta entre Chings ( Manchu) e Mings (rebeldes), o mosteiro Shao Lin de Ho Nan (norte) foi incendiado, esta mudança trouxe o que se conhece no ocidente por Kung Fu, constituindo mudanças em dois métodos de técnicas Shao Lin, os ataques de longa distancia são derivados do norte, e os de curta distancia derivados do sul.

O Kung Fu por sua vez, se tornou um estilo de luta completo, por ser o mais antigo datado e registrado, ele deu origem a maioria das artes marciais tradicionais conhecidas atualmente, os chineses acabaram difundindo as técnicas desenvolvidas no templo Shao Lin, o Kung Fu em outros territórios chineses, e também em outros países como a Coréia, Malásia, Indonésia e o Japão, onde novas artes foram surgindo a partir do kung Fu, como o jiu-jitsu, caratê, judô, etc., no oriente as lutas foram muito influenciadas pelo Budismo, e neste período surgiram lutadores sábios como, Sun Tzu com as suas estratégias militares e Miyamoto Musashi um dos mais famosos samurais do antigo Japão, os dois escreveram clássicos de guerra utilizados até hoje em grandes Universidades, como a de Administração de Empresas da Universidade de Harvard.

No ocidente os primeiros relatos de lutas corporais foram registrados em povos como os Gregos, eles obtinham uma luta chamada pancrácio, uma modalidade presente nos jogos olímpicos da antiguidade, já para os romanos eram denominados gladiadores, já se utilizando as técnicas de lutas a dois ou em conjunto durante os jogos do coliseu. No final do século XIX e início do século XX alguns ingleses e norte- americanos começaram a prender artes marciais japonesas como, judô e caratê, após o final da Segunda Guerra Mundial em 1945 os norte-americanos começaram a difundir as lutas orientais para o ocidente. Nos dias de hoje existem vários sistemas para a origem das lutas orientais, como: Wushu ( Kung Fu), Tai Chi Chuan, Sanshou, Judô, Jiu Jitsu, Aikido, Tae- Kwon-Do, Jet- Kun- Do, Kendo, Hapkido, entre outros. E os ocidentais como: Boxe, Esgrima, Kick- Boxe, Capoeira, Greco- Romana, etc. Nos Jogos Olímpicos estão presentes o boxe, a esgrima, judô, luta estilo livre, luta Greco-romana e taekwondo.

As lutas estão praticamente o tempo todo no cotidiano das pessoas, os desenhos animados japoneses chamados de animes trazem muito dessa cultura da luta corporal incorporando também a filosofia oriental e que fizeram muito sucesso desde o início dos anos 80, como: Yu Yo hakusho, Dragon Ball, Inuyasha, Cavaleiros do Zodíaco, Jaspion, entre outros. Logo vieram também os programas de lutas ocidentais como, Power Rangers, Batman, Capitão América, etc., também no embalo vieram os jogos de vídeo- game como Street Fighter e Mortal Kombat, que simplesmente era a sensação dos jovens, e filmes que também enchiam a imaginação de crianças, jovens e adultos, como: O Grande Dragão Branco, Rajada de Fogo, Esporte Sangrento, Rocky, Karate Kid, etc., nos tempos modernos o que enchem os olhos de uma grande parte das pessoas são as lutas transmitidas pela mídia como o MMA. As lutas infelizmente perderam um pouco do seu sentido tradicional e filosófico e estão sendo associadas a violência gratuita e isso é o que muitos educadores não só da área de Educação Física, como profissionais da educação e pais relutam quanto a aprendizagem de lutas na escola,

levando ao pensamento que esse ensino estaria desencadeando ainda mais violência dentro das escolas, muito por falta de conhecimento do que realmente seria o ensino das lutas no ambiente escolar.

Após nossa revisão algumas questões emergem : O professor utiliza das lutas em suas aulas como proposto pelos PCN`S? Consideram a prática das lutas importante para as aulas ? e por fim, como utilizam dessas práticas?

### **3 Objetivo**

Analisar o quanto os professores compreendem sobre as lutas na Educação Física Escolar, e de que forma eles aplicam ou aplicariam em suas aulas, visando se compreendem a importância desta prática ao ensino e aprendizagem.

### **4 Método**

Para avaliar a questão da importância desta aprendizagem foi utilizando uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo com perguntas abertas e fechadas a respeito do tema.

Participaram do estudo 7 professores, sendo 2 do Ensino Fundamental I e 5 que ministram aulas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, da cidade de Nova Odessa e Americana, aos quais responderem um questionário com 4 perguntas, sendo 2 fechadas e 2 abertas.

### **5 Resultado e Conclusão**

Ao analisar o questionário verificou-se que os professores que tem maior dificuldade em inserir as lutas nas aulas de Educação Física se formaram antes da década de 90, 5 professores trabalham com o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, 2 professores trabalham com o Ensino Fundamental I.

A primeira pergunta é se o professor trabalha o conteúdo de lutas na escola em suas aulas. Respondendo que o conteúdo não faz parte do planejamento anual da instituição, que existe professor específico para cada modalidade, ou como pré-desportivo, porém consideram importante o conteúdo descrevendo que deve ser trabalhada a cultura corporal dessa forma melhorando o seu desempenho na escola e de sua vida social. Poucos são os professores que trabalham lutas de forma lúdica na escola, não porque não se interessam, mas não tem conhecimento o suficiente para passar conhecimento aos alunos, e esses tem interesse nessas aulas.

Seguindo a pesquisa a segunda pergunta aberta é se eles consideram importante a inclusão das lutas nas aulas de Educação Física, todos os professores pesquisados responderam que sim, que este incluso nas apostilas e que podem ser trabalhados com jogos e brincadeiras, que a prática ajuda a melhorar a parte cognitiva e motora, auxiliando no desenvolvimento da criança e melhorando a do adolescente, sendo um instrumento para agregar conhecimento, ajudando na unidade dos alunos como trabalhar em grupo e a consciência de que a luta não é briga, porém devem ser discutida, e se não forem bem trabalhadas podem incitar a violência.

## 6 Considerações Finais

O que podemos observar é o interesse dos professores de proporcionar aos alunos práticas diferentes do que eles estão acostumados nas aulas de Educação Física Escolar e as lutas é uma delas.

Os professores pesquisados apesar de serem muito abertos a essa prática na escola também se mostram apreensivos, pois não sabem como ministrar essas aulas na prática e não possuem o conhecimento para essas aulas, pois técnica para as lutas é tudo, mas não é só a técnica que fará um diferencial nas aulas na escola e sim a compreensão de como ministrar essas aulas, principalmente no quesito de não haver perdedores ou vencedores, e não tratar essas aulas como um esporte, principalmente porque o problema não está localizado no esporte, e sim nas formas inadequadas das aulas, por isso para aplicar as lutas na escola deve se obter um melhor processo de ensino e aprendizagem, de forma organizada e não dogmático, por isso a maior parte dos professores apesar de acharem as lutas interessantes para serem ministrados na escola apenas passa este conteúdo em vídeos, explicam em sala de aula, ou passam pesquisas sobre o assunto, por vezes chamam algum profissional da área para fazer alguma apresentação na escola.

Mas como prática corporal podemos sugerir que as Lutas, Esportes de Combate e Artes Marciais, ainda é muito deficiente na prática escolar, por isso se faz necessário que os professores façam uma reciclagem para utilizarem este conteúdo de forma mais criativa nas aulas e compreender que a vivência é importante para a formação e desenvolvimento do aluno quanto as práticas pedagógicas.

## Referências

AGUIAR, C.; **A Legitimidade das Lutas: Conteúdo e Conhecimento na Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. UNICAMP, Campinas-2008.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R.R. *Pedagogia do Esporte Aplicado as Lutas*. São Paulo, Phorte, 2010. 160 p.

CAZZETO, F. F. Lutas Artes Marciais na Educação Física Escolar: A Produção Científica do COMPEFE 2009; **Efdeportes.com Revista Digital**. Buenos Aires, nº138, ano 14, Nov. 2009. <http://www.efdeportes.com/efd138/lutas-e-artes-marciais-na-educacao-fisica-escolar.htm>.

CORRÊA, A. O.; QUEIROZ, G.; PEREIRA, M. P. V. C.; **Lutas Como Conteúdo na Educação Física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, Módulo Centro Universitário; Caragatatuba- SP; dez-2010.

DAOLIO, J. *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FERREIRA, S. H. As Lutas Na Educação Física Escolar; Universidade estadual do Ceará- Fortaleza- CE, **Revista de Educação Física. Fortaleza**, nº 135, p. 36-44, Nov. 2006.

FREIRE, J.B.; Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física, 5ª Edição, 2010, p.199

GOMES, M. S. P.; **Procedimento Pedagógico para o Ensino das Lutas**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas- 2008.

Hu, D. **Punhos da Serpente Sagrada: Associação de Kung Fu Tradicional da Família Hu**. [S/A].

NASCIMENTO, P. R. B. ALMEIDA, L.; **A Tematização Das Lutas Na Educação Física Escolar: Restrições e Possibilidades**; Movimento. Porto Alegre, v.13, n.03, p. 91-110, Set / Dez. 2007.

NASCIMENTO, P. R. B.; Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na educação Física Escolar. **Motrivivência**, ano XX, nº 31, p. 36-49, Dez-2008.

NATALI, M. Dicionário Ilustrado de Budô: Artes Marciais do Oriente.1, Ed. Rio de Janeiro: Ediouro- Tecnoprint, 1981.

ORTEGA, E. M.; **As Lutas e suas Relações com a Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, UNICAMP, Campinas-1998.

Portal Google Blog Pessoal Francisco. Disponível em <<http://blogpessoalfrancisco.blogspot.com.br/2012/06/lutas-nos-parametros-curriculares.html>> 08 Out2015. Acesso em: 14:27.

SO, M. R.; BETTI, M.; **Saber ou Fazer ? O Estudo de Lutas na Educação Física Escolar**. UNESP- Bauru- SP.

SOUZA, A. J. D. V.; **As Lutas Como Proposta Pedagógica na Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade estadual da Paraíba, Campina Grande- PB; nov- 2012.

## A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Estela de Souza Araujo Silva<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

Este trabalho nos mostra que mesmo nos dias de hoje, ainda presenciamos histórias sobre dualismo, separação entre o corpo e a alma, algumas doutrinas religiosas, descrevem a prática de exercícios físicos como culto ao corpo, impedindo assim que principalmente as alunas, participem das aulas de Educação Física, ou, as proíbem de usarem a vestimenta adequada. Algumas igrejas evangélicas, proíbem as participações em festas folclóricas, juninas, festivais de dança e lutas. Nosso objetivo foi descobrir até onde a religião pode interferir, na prática de exercícios físicos e no desenvolvimento físico e psicossocial e motor. Através de pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão bibliográfica, verificou-se que a religião interfere sim na prática da disciplina de educação física, em alguns estados, regiões e religiões, com mais frequência e mais rigor, levando alguns pesquisadores há dialogar com membros da comunidade, na tentativa de mostrar através de dados e pesquisa que sem exercícios físicos quando crianças, época de desenvolvimento humano, todas as nossas capacidades físicas, estarão gravemente comprometidas quando nos tornarmos adultos, mais ainda alguns pesquisadores e estudiosos, cautelosamente provaram pelas sagradas escrituras, que exercícios físicos, não é pecaminoso, vários capítulos e versículos da Bíblia sagrada aprovam e recomendam o cuidado com a saúde física e espiritual. Os estudos demonstram que nós professores de educação devemos estar preparados para contornar estes e outros empecilhos que possam intervir em nossas aulas. O assunto requer mais aprofundamento, esse tema nos leva há pensamentos e conclusões mutantes e intrigantes.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Religião, Inclusão.

### ABSTRACT

*This work shows us that even today, still witness stories about dualism, separation between body and soul, some religious doctrines describe the practice of physical exercises as a cult of the body, thus preventing particularly the students, participate in classes Physical Education, or prohibit them from wearing the proper clothing. Some evangelical churches, prohibit participation in folk festivals, bonfire, dance and wrestling festivals. Our aim was to find out how far religion can interfere in physical exercise and physical and psychosocial and motor development. Through qualitative research implemented through a literature review, it was found that religion interferes but in practice the discipline of physical education in some states, regions and religions, more often and more accurately, leading some researchers have dialogue with members*

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [estela\\_araujo40@yahoo.com.br](mailto:estela_araujo40@yahoo.com.br))

<sup>(2)</sup> Prof. Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

*community in an attempt to show through data and research that without physical exercises as children, human development time, all our physical, will be seriously compromised as we become adults, more so some researchers and scholars cautiously tasted the sacred scriptures, that exercise is not sinful, several chapters and verses of the Holy Bible approve and recommend the care of the physical and spiritual health. The studies show that we education teachers must be prepared to overcome these and other obstacles that may be involved in our classes. The subject requires more depth, this issue takes us there are thoughts and mutants and intriguing conclusions.*

**Keywords:** *School Physical Education, Religion, Inclusion*

## 1 Introdução

Ao longo da história a religião tem exercido um papel importante no convívio dos seres humanos. Religião que pode ser compreendida como uma conjuntura de princípios, crenças e práticas de doutrinas religiosas, sempre pautadas em livros sagrados, que unem seus seguidores numa mesma comunidade.

A religião nestas comunidades é o prior das regras ético-morais, o que em muitos casos gera conflitos entre o convívio humano, visto que vivemos em mundo dito globalizado onde inúmeras “sociedades” estão em interação durante todo o tempo.

A questão do respeito às diferenças, sejam elas de origem social, de etnia, cor credo ou de gênero, tem aparecido na pauta de discussões globais (RANGEL, 2006). Um dos lugares onde tais debates afloram quase que *online* é a escola.

Nesta instituição as aulas de Educação Física, são um bom exemplo da dificuldade na interação entre as diferentes crenças, visto que parte das religiões proíbe práticas corporais, atividade física ou ainda não permitem a utilização de vestimenta adequada para as aulas.

Neste sentido o objetivo do nosso trabalho foi averiguar até onde a religião pode e/ou deve interferir na prática de atividades físicas, dos membros de sua comunidade, principalmente, em idade escolar.

## 2 Revisão bibliográfica

Ferreira (2010) realizou um estudo com o objetivo de investigar como o Esporte e a Religião se relacionam e interferem no contexto da Educação Física. Oliveira e Delconti (2010)# buscam identificar as práticas corporais que apresentam dificuldades para a ação docente nas aulas de Educação Física em virtude de influencias de dogmas religiosos. Já Dresch (2013) pesquisou quais seriam as possíveis razões para os alunos não aceitarem a prática de determinadas modalidades esportivas. Rodrigues e Pinheiro (2007) analisaram a influência da doutrina Pentecostal da Igreja “Assembleia de Deus” para a prática da Educação Física entre jovens e adultos. Rangel (2006) buscou averiguar e refletir sobre a possibilidade de haver a formação do preconceito étnico-racial em aulas de Educação Física Infantil. Martinelli et al., (2006) buscaram identificar os motivos pelos quais as alunas do ensino médio não gostam de participar das aulas de Educação Física Escolar. Rigone (2013) procurou compreender como se dá a educação do corpo, para meninas, da Igreja Evangélica Assembleia de Deus a partir da

religião, como isto se torna observável nas ações e nos gestos destas meninas, e quais são as implicações deste comportamento nas aulas de Educação Física. Santos e Mandarino (2005) buscam estabelecer o perfil dos estudantes que selecionaram como atividade mais importante realizada no final de semana a participação em atividades religiosas. Silva e Silva (2009) e Ferreira (2010) procuram identificar e descrever as relações e interferências da religião nas aulas de folclore, como conteúdo da Educação Física escolar. Rigone e Daolio (2013) e Rigone (2013) analisam a trajetória de meninas para tentar compreender como cada uma constrói suas ações partindo da relação entre a educação religiosa que recebem e outras formas de educação relacionadas ao corpo, neste caso, especificamente o conhecimento produzido pela Educação Física.

Participaram dos estudos (RIGONE, 2013; SILVA; SILVA, 2009; SANTOS; MANDARINO; 2005; RIGONE; DAOLIO. 2013; OLIVEIRA; DELCONTI, 2010#; DRESCH, 2013; RODRIGUES; PINHEIROS, 2007; FERREIRA, 2010; MARTINELLI et al., 2006; RANGEL, 2006) membros da comunidade religiosa, meninas pertencentes as religiões evangélicas, católicas e espíritas, que estavam cursando o Ensino Fundamental e Ensino Médio e professores de Educação Física.

Para contemplar seus objetivos os autores utilizaram métodos como a revisão de literatura (RANGEL, 2006; FERREIRA, 2010; DRESCH, 2013); a aplicação de questionários (MARTINELLI et al., 2006; OLIVEIRA; DELCONTI, 2010#; SANTOS; MANDARINO, 2005; DRESCH, 2013; RODRIGUÊS; PINHEIRO, 2007) e ainda Silva e Silva (2009), Rigone e Daolio (2013) e Rigone (2013) realizaram um estudo etnográfico, com observação participante com registro simultâneo dos dados e entrevistas semi-estruturadas, gravadas e posteriormente transcritas.

Após análise dos resultados Ferreira (2010) aponta que o Esporte e a Religião são dois fenômenos sociais, suas histórias se aproximam e se misturam de maneira muito intensa ao longo dos tempos, e que a Educação Física é a principal forma de junção desses fenômenos. As implicações de Oliveira e Delconti (2010)#, apontam as influências negativas dos dogmas religiosos, para a Educação Física escolar. Dresch (2013), após análises das entrevistas, os resultados apontam as razões para a (não) prática de alguns exercícios e jogos nas aulas de Educação Física. Rodrigues e Pinheiro (2007), verificam grandes divergências em relação às convicções de cada igreja para pratica de atividades física escolar. Os resultados de Rangel (2006) apontam sugestões sobre como favorecer a convivência entre todas as crianças, respeitando, compreendendo e valorizando a diversidade cultural brasileira. Martinelli et. al., (2006) verifica que a maioria das alunas não gosta das atividades e do método utilizado nas aulas, motivo principal é a impossibilidade de escolherem as atividades de aula, enquanto a maioria. Rigone (2013) possibilitou-nos olhar para a religião atentando para os seus símbolos e significados, entendendo-a como fenômeno cultural significativo para a sociedade. Santos e Mandarino (2005), averiguam a riqueza de atividades que acontecem no interior das igrejas, que vão além dos cultos. Já Silva e Silva (2009) demonstram que a relação entre religião, Educação Física e folclore pode abrir novos horizontes e incitar ao diálogo a respeito da diversidade. Por fim Rigone e Daolio (2013) examinam que muitas questões ainda sem respostas, são postas por professores e pesquisadores.

Ferreira (2010) conclui que é nas aulas de Educação Física que as crianças e adolescentes podem, através do esporte, aprender valores fundamentais para suas vidas; valores esses não somente materiais (práticos e hedonísticos), mas também espirituais (religiosos, éticos, morais). Oliveira e Delconti (2010)# inferem que existem muitas práticas na Educação Física que se chocam com dogmas religiosos. Dresch (2013) entende que tem-se que ter como ideia-chave que é preciso entender, cuidar e ensinar

cada sujeito de modo a respeitar o conjunto de aspectos que fazem dele um ser humano, seja ele um estudante ou, um participante de alguma Igreja.

Para Rodrigues e Pinheiro (2007) a questão da noção de corpo e saúde para esta visão espiritual, é tratada de maneira bem diferente em suas orientações comparadas com a Educação Física. Rangel (2006) cita Fischmann (1998 p.961) para sua conclusão e coloca que “tratar da discriminação religiosa e étnica é tratar da possibilidade da Paz”. Sendo a escola um sistema social onde os conceitos (e pré-conceitos) são passados de gerações a gerações, entendemos que ela é corresponsável pela formação de uma nova geração que, finalmente, possa respeitar as diferenças.

Martinelli et. al., (2006) verifica que um dos principais motivos que levam as meninas a não gostarem das aulas de Educação Física deve-se ao fato de o professor não abrir espaço para que elas possam colocar suas ideias, sobre quais poderiam ser os temas trabalhados nas aulas.

De acordo com Rigone (2013) a partir das falas das próprias meninas sobre o assunto foi possível entender o modo como a educação religiosa gera implicações para a aula de Educação Física.

Santos e Mandarino (2005) apontam que a variável religião foi colocada no instrumento de pesquisa de maneira muito despreziosa. Não havia uma grande preocupação em construir um cenário específico para o entendimento do comportamento religioso juvenil no âmbito do lazer.

Para Silva e Silva (2009) a dinâmica de entrevista do grupo focal foi acompanhada pela diretora geral da escola e pela coordenadora pedagógica, e pode ser que a presença das duas influenciou na atuação das mães ao darem as respostas durante o debate.

Para Rigone e Daolio (2013), avançando para os problemas que dizem respeito ao professor e a escola, apontando a relação dos dados com a especificidade da escola e da Educação Física.

Ferreira (2010) concluem que Esporte e Religião, apesar de não mais possuírem a antiga força de vínculo, ainda possuem muita coisa em comum.

Já Oliveira e Delconti (2010)# inferem que existem muitas práticas na Educação Física que se chocam com dogmas religiosos.

Dresch (2013), a atividade física seguramente é recomendada para todas as pessoas, por ser comprovadamente saudável e importante para o desenvolvimento do ser humano. Contudo, existem determinadas igrejas cristãs que proíbem esta prática.

Rodrigues e Pinheiros (2007) entendem que há restrições à prática da Educação Física entre os diferentes sexos.

Segundo Rangel (2006), devemos estar atentos às nossas ações e às ações de nossos alunos. Lembrando da nossa responsabilidade perante a formação da criança, devemos possibilitar a todas, independentemente de qualquer classificação, uma vida livre de preconceitos. Atuar contra a formação de preconceitos não é mais uma necessidade, mas um imperativo em nossa atuação profissional.

Martinelli et. al., (2006) apresentam como fator desmotivante as modalidades esportivas em forma de jogo, a falta de exercícios de fundamentos dessas modalidades e a falta de outras opções de atividades. Outro fator importante encontrado na pesquisa é a falta de significação e de atribuição de importância para a Educação Física.

Rigone (2013) sugere que a Educação Física, através de seus conteúdos, educa os gestos de seus alunos, estes já chegam até a escola com gestualidades impressas em seus corpos. Gestualidade esta, que são resultado das diversas formas de educação que eles recebem fora da escola, dentre as quais podemos citar a educação religiosa.

Santos e Mandarino (2005) entendem que há uma preocupação das igrejas em criar espaços que possam atender aos interesses dos jovens.

Silva e Silva (2009) concluem que prevalece a ótica de estranhamento da cultura afro-brasileira. A escola que não propõe ou não estimula o pluralismo de ideias, acaba por colaborar com a construção de um Brasil pobre e mutilado.

De acordo com Rigone e Daolio (2013) a aula de Educação Física, deve ser o espaço no qual os alunos podem contrapor aquilo que aprenderam, seja no âmbito religioso ou em outro qualquer, com um tipo de conhecimento próprio da escola e do racionalismo científico.

### **3 Objetivo**

Descobrir até onde a Religião, ou a Doutrina religiosa, pode interferir, na prática de exercícios e por consequência no desenvolvimento das nossas aulas de Educação Física.

### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

### **5 Resultados e discussões**

Após análise da literatura, podemos verificar que a religião interfere na prática da atividade física e nas aulas de educação física escolar.

Esta constatação, traz grande desconforto na sociedade e entre os pesquisadores pois, pode ter interferências negativas direta no desenvolvimento físico, psicomotor, social e principalmente na Saúde Física e Mental.

Essa interferência é tamanha que alguns autores (DRESCH, 2013, SILVA; SILVA, 2009, SANTOS; MANDARINO, 2005) conversaram com alunos, familiares, membros da comunidade e líderes religiosos, propondo a interferência através de diálogos que contemplam discursos de paciência e muita cautela, para mostrar que sem a prática de atividades físicas e a participação nas aulas de educação física as crianças podem ser prejudicadas podendo se tornar adultos com rendimentos físicos falhos e aspectos psicomotores atrasados.

Tais diálogos citados acima, possibilitam visualizar o pensamento dos pais, familiares e líderes religiosos e deste modo abre caminho para mostrar como podem e devem influenciar seus filhos e sua comunidade a respeito de atividades físicas, prevenção e tratamentos de algumas patologias, que por preconceito e falta de informação, acabaram por se tornar verdadeiras epidemias, como a obesidade, que vem acompanhada de hipertensão arterial, diabetes, depressão e várias outras doenças que se alastram pela comunidade que sem informações não se cuidam, não se previnem e só

recorrem aos exercícios físicos quando médicos os recomendam, pois suas condições patológicas já estão crônicas.

## 6 Considerações finais

Visto que Educação Física faz parte do currículo escolar, auxilia no desenvolvimento físico, motor, social e psíquico, se nós como professores esbarrarmos nesse contexto, como devemos agir, como comunicar os pais, ou os líderes religiosos, qual o papel da escola, como conseguir o apoio da família? Essas e tantas outras questões foram aparecendo e sendo resolvidas ao longo deste trabalho, mas continuamos longe de achar uma solução, precisamos nos aprofundar mais nesse tema, assim saberíamos e entenderíamos melhor sobre os dogmas religiosos e como confrontá-los.”

Os estudos demonstram que devemos nos aprofundar nesse tema. A Religião, ou a educação religiosa, deve trabalhar junto com a educação escolar, em parceria com a educação física, para em comum acordo, auxiliar no desenvolvimento como pessoa, como cidadão, na convivência social, na prevenção de doenças e na inclusão.

O crescimento de grupos religiosos, nos fez perceber, que existe uma crise de valores, o cuidado com o corpo passou a ser visto como supérfluo, ou até mesmo pecaminoso. Relações como a escola e a religião por vezes são caracterizadas por conflitos e diversidade cultural.

Alguns alunos, não participam de festas juninas, ou julinas, por se tratarem de festas de santos católicos, outros alunos não participam de festivais de danças, pois, consideram-na demonstração da sensualidade com o corpo, não participam de aulas que mostram, por exemplo: a história da capoeira, por se tratarem de descendentes de africanos, que seguiam o candomblé.

O folclore do Brasil perde com o preconceito, a educação perde seus valores étnicos sociais e a educação física perde na formação de cidadãos que se respeitam e se valorizam, independente de raça e credo.

## Referências

MARTINELLI,C.R.; MÉRIDA,M.; RODRIGUES,G.M.; et al., **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 2, 2006.

RANGEL,I.C.A.; **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 5, número 1,.UNESP- Rio Claro-SP LETPEF-Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Ed. Física, 2006.

SILVA,J.E.; SILVA,C.A.F. Educação Física, Folclore e Religião. Relações e Interferências. Universidade Salgado de Oliveira. **Maringá**, v.20,n.4,p.555-567,4.trim.2009.

SANTOS,E.S.; MANDARINO, C.M.; **Revista de Estudos da Religião**. nº 3, p. 161-177, 2005. Disponível em: [www.pucsp.br/rever/rv3\\_2005/p\\_santos.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2005/p_santos.pdf).

OLIVEIRA,V.M.; DELCONT, W.L.; **corpo e religião: estudo sobre a influência dos dogmas religiosos nas aulas de educação física**.

FERREIRA,L.V.O. Educação física, esporte e religião: interferências e relações, **trabalho de conclusão de curso**, Belo Horizonte, Universidade federal de MG Escola de educação física, fisioterapia e terapia ocupacional, 2010.

RODRIGUES,C.C.L.; PINHEIRO,R.R.; **A DOCTRINA PENTECOSTA, E A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS**, [www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/.../Rayane\\_Rafaele](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/.../Rayane_Rafaele).

DRESCH,D.Z. Educação física e religião em diálogo(s): razões para a (não) prática de educação física nas escolas. **Trabalho de conclusão de curso** unijuí – universidade regional do noroeste do estado do rio grande do sul, 2013.

RIGONI,A.C.C.; DAOLIO,J. **Movimento revista da escola de educação física da ufrgs**, *Porto Alegre*, v. 20, n. 3, p. 875-894, jul./set. 2014.

RIGONI,A.C.C. **Tese de doutorado**, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

## **A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO**

Fabiana Antonia Negrão <sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar qual a concepção que professores atuantes na Educação Física Infantil da rede particular de ensino, possuem sobre a avaliação, se a compreendem como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, como realizam essas avaliações e se ela ocorre na prática assim como é descrita e recomendada nas diretrizes da área. Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores, além de observações em aulas práticas e teóricas. Participaram do estudo X professores, das cidades de Nova Odessa-SP e Sumaré-SP, os quais responderam um questionário com V perguntas, sendo II fechadas e III abertas. As análises do estudo de campo foram possíveis a partir das apreciações postas na literatura acerca da compreensão e da discussão sobre avaliação no contexto escolar e na Educação Física Infantil. O presente estudo teve a intenção de investigar ampliando o conhecimento sobre avaliação e seu papel como instrumento mediador do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Avaliação - Educação Física - Educação Infantil.

### **ABSTRACT**

*This work was developed in order to analyze what the conception that teachers working in Early Childhood Education Physics of private schools, have on the evaluation. To include as part of the process of teaching and learning, how they perform these reviews and if it occurs in practice as it is described and recommended guidelines in the area. To answer our question use of a literature review and qualitative field research with questions on the subject teachers, as well as observations in practical and theoretical classes. Participated in the X study teachers, the cities of Nova Odessa-SP and Sumaré-SP, who answered a questionnaire with questions V, II and III closed and open. Analyses of the field study were possible from the assessments made available in the literature about the understanding and discussion of evaluation in the school context and Children's Physical Education. This study set out to investigate expanding knowledge about assessment and its role as a mediator instrument of teaching and learning process.*

**Keywords:** Evaluation - Physical Education - Early Childhood Education.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: biazinha\_negrao@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacoboliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

A avaliação é um tema polêmico nas instituições escolares e é fruto de inúmeras discussões também na Educação Infantil.

Segundo a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), é a partir das interações, relações e práticas cotidianas vivenciadas, que as crianças constroem sua identidade pessoal e coletiva. O objetivo da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O acesso à Educação nessa faixa etária deve ser oferecido em creches e pré-escolas, que se caracterizem como espaços institucionais não domésticos públicos ou privados, com jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino.

A LDB. 9394/96 garante que a Educação Física faça parte do componente curricular da Educação Infantil, devendo estar integrada à proposta pedagógica da escola inclusive no que tange à avaliação. Como descrito no Artigo 24 da LDB. 9394/96, a avaliação deve ser realizada de forma contínua e cumulativa em relação ao desempenho do aluno.

Para Bloom (2012) a avaliação no contexto escolar pode ser realizada de três formas: (1) **Diagnóstica**, permite detectar a existência ou não de pré-requisitos necessários para que a aprendizagem se efetue; (2) **Formativa**, consiste no fornecimento de informações que orientam o professor na busca de melhoria do desempenho dos estudantes durante todo o processo de ensino e aprendizagem e (3) **Somativa**, implica no fornecimento de informações a respeito do valor final do desempenho do aluno, tendo em vista a decisão de aprovação ou reprovação.

Para que a avaliação seja utilizada de forma correta, o professor primeiramente deve ter claro os objetivos a serem atingidos, assim poderá fazer intervenções durante as aulas e utilizar o processo avaliativo de forma coerente. Na Educação Infantil o objetivo geral da Educação Física é trabalhar a cultura do movimento por meio de vivências corporais, permitindo que a criança se conheça, reconheça sua própria identidade e perceba-se como um ser único, complexo e individual. Jogos e brincadeiras devem ser utilizados pelos professores como elementos metodológicos e trabalhados de forma Conceitual, (o saber sobre as praticas corporais), Procedimental (o saber das praticas corporais) e Atitudinal (o saber relacionar-se nas praticas corporais), permitindo que as crianças se apropriem das manifestações culturais, relacionando a cultura infantil com as praticas corporais.

Sendo assim, é a partir dos objetivos a serem atingidos pela Educação Física na Educação Infantil, que o professor deve utilizar a avaliação como forma mediadora do processo de ensino e aprendizagem, acompanhando, registrando o desenvolvimento e utilizando deste meio para auxiliar na evolução da criança, sem objetivo de classificação ou promoção para o acesso ao ensino fundamental.

Entretanto durante o cumprimento do estágio obrigatório para o curso de Licenciatura em Educação Física, observamos, in loco, que nenhuma avaliação era solicitada na disciplina de Educação Física na Educação Infantil. A partir disso, começamos a questionar sobre quais os métodos utilizados pelos docentes para avaliar os discentes desta faixa etária.

## 2 Revisão bibliográfica

Identificar as necessidades das crianças e ter a possibilidade de intervir a fim de promover o desenvolvimento apropriado, nos parece um bom argumento para que a avaliação seja realizada na Educação infantil. Entretanto quando o tema é abordado, inúmeras dúvidas e equívocos emergem e são aparentes na bibliografia da área.

Em síntese a literatura revisada sobre a avaliação na Educação Física Infantil, demonstra que os professores apresentam conhecimento sobre o processo de escolarização da educação infantil no Brasil, porém quando se fala em avaliação podemos perceber que mesmo onde ela é utilizada periodicamente, existem professores que não a entendem como mediadora do processo de ensino aprendizagem. Através de estudos, como o de Zanata (2012), Watzel (2012) e Sousa (2013), observamos que alguns professores utilizam a avaliação apenas para cumprir a exigência da escola ou da secretaria de ensino. Fernandes e Greenville (2007) descrevem que ao mesmo tempo em que há um avanço na área pedagógica da avaliação do ensino em Educação, encontra-se ainda metodologias avaliativas classificativas utilizadas pelos professores de Educação Física que não podem ser consideradas como avaliação. Segundo Melo (2011) alguns professores ao escolherem os critérios e instrumentos de avaliação, apontam preferência para a observação da participação e envolvimento em aula, demonstrando a preocupação em diversificar as técnicas de avaliação. Esses sinais evidenciaram mudanças na prática avaliativa, pois demonstram também que a avaliação não mais é planejada somente sob o foco da medição e quantificação de resultados de desempenhos físicos.

Entretanto ainda existe pouca diversificação dos critérios de avaliação e escassez de estratégias para avaliar de maneira coerente o processo de ensino e aprendizagem. Luckesi (2006), aponta que ainda permanece em muitas escolas modelos classificatórios de avaliação, onde é feita a comparação do desempenho e da evolução do aluno um com o outro e não dele com ele mesmo. Estes modelos se caracterizam como excludentes, pois seu interesse está voltado apenas para a classificação e não para o processo de aprendizagem pelo qual o aluno está inserido, visando apenas resultados de notas, aprovação e reprovação. Desta forma acabam até prejudicando o acesso desses alunos no próximo ano letivo.

Os olhares educacionais começaram a se voltar também para a faixa etária da Educação Infantil, por entenderem que esta além de ser o primeiro contato com o sistema de escolarização é também uma fase de extrema importância na formação do sujeito, onde ocorre a constituição de personalidade e a definição do caráter.

Na Educação infantil de acordo com a LDB Lei 9.394/1996 Art. 31. a avaliação deve ser realizada mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, classificação ou valorização, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

A avaliação na Educação Infantil apresenta um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois é um instrumento para que o professor saiba se o trabalho desenvolvido durante as aulas atingiu o objetivo esperado ou se seria necessário escolher outros métodos de ensino. Both (2011) sugere que é necessário o trabalho de iniciação da valorização da função da avaliação na Educação Infantil, para que assim não nos depararemos futuramente com estudantes que temem a avaliação e não a entendem como parte da aprendizagem, por terem sido avaliados apenas de maneira seletiva.

Após análise da literatura, a inquietude sobre o estado real da avaliação, nos levou a perguntar se a avaliação na Educação Física Infantil vem sendo realizada na prática, assim como é descrita na teoria.

### **3 Objetivo**

Analisar qual a concepção de avaliação de professores de Educação Física na Educação Infantil, verificar se tais professores compreendem a avaliação como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e se ela ocorre na prática assim como é descrita e recomendada nas diretrizes da área.

### **4 Método**

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores, além de observações em aulas práticas e teóricas.

Participaram do estudo dez professores da rede particular de ensino infantil, das cidades de Nova Odessa e Sumaré, os quais responderam um questionário com perguntas, fechadas e abertas.

### **5 Resultados e Conclusão**

Ao analisarmos as respostas dos professores observamos na primeira pergunta “A escola solicita algum tipo de avaliação na Educação Física”, que entre os dez professores, quatro responderam sim e seis responderam não. Na segunda questão “Se sim, como ela é feita” os quatro professores que responderam sim na questão anterior disseram que a avaliação é realizada através de relatórios onde descrevem o desenvolvimento das crianças.

Seguindo com a pesquisa, na terceira pergunta “Você utiliza algum instrumento para avaliar a aprendizagem dos alunos”, um professor disse utilizar de apresentações em grupos, já outro falou que não utiliza nenhum instrumento específico, quatro dos professores entrevistados responderam utilizar observação e relatórios, três utilizam apenas observação como instrumento de avaliação e um professor disse utilizar observação e comparação de dados.

Nossa quarta pergunta questionava “Quais são os critérios utilizados para avaliar”, um professor respondeu avaliar o ritmo e os exercícios individuais e em grupo, outro respondeu não ter critérios específicos para avaliar e que apenas observa os alunos durante as aulas, dois professores disseram utilizar como critério a evolução individual de cada criança, ou seja, a evolução dela com ela mesma, um respondeu que avalia a construção corporal durante as aulas fazendo interferências pontuais quando necessário, já os outros cinco utilizam como critério de avaliação o desenvolvimento motor e a superação dos alunos durante as aulas.

Na quinta e última questão “Em sua opinião a avaliação na Educação Física Infantil contribui com o processo de ensino aprendizagem”, todos os professores responderam que sim, sendo que entre eles um acrescentou a resposta dizendo que a avaliação além de desenvolver as habilidades motoras, sócio afetivas, permite que se faça um paralelo com os resultados das outras disciplinas, outro acredita que avaliação

contribui com o processo de aprendizagem e por fim um professor disse que a avaliação contribui com o planejamento da aula, deixando o conteúdo mais específico e beneficiando a aprendizagem dos alunos.

Analisando os resultados verificamos que existe uma lacuna entre a literatura e o real estado da avaliação na Educação Física Infantil. Apesar de a avaliação constar na LDB como sendo obrigatória nesta faixa etária, verificou-se que a maioria das escolas não a solicita. E onde ela é solicitada, constatou-se que ainda há um equívoco por parte dos professores em relação ao processo avaliativo. Mesmo com todos os entrevistados acreditando que a avaliação contribui com o processo de ensino e aprendizagem, ela ainda é realizada por alguns discentes apenas através de observação ou de forma classificatória, o que não garante resultados satisfatórios sobre a aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto podemos sugerir que a avaliação apesar de ser muito importante na formação do indivíduo no processo de escolarização, ainda não é trabalhada pelo professor de forma que permita identificar os saberes e as dificuldades que o aluno apresenta.

## **6 Considerações finais**

A avaliação deve promover oportunidades iguais de aprendizagem, respeitando as diferenças e os diversos caminhos que levam ao conhecimento. O papel do professor é ser o agente desses caminhos, orientando os alunos e garantindo que todos tenham o mesmo direito e acesso a aprendizagem.

No processo avaliativo torna-se necessário que os professores tomem consciência de que tal procedimento é importante tanto para o bom desenvolvimento do seu trabalho, ensino, como também na aprendizagem do educando. Considerando que este é um momento no qual a ação de reflexão se fará presente permitindo a construção do conhecimento, a função da avaliação deve ser clara tanto para o professor quanto para o aluno.

Na Educação Infantil a avaliação é fundamental para o planejamento, pois contribui com a identificação das aprendizagens individuais e coletivas da criança, norteando o professor para tomada de decisões durante as diversas situações de aprendizagem, além de orientar para as futuras intervenções. Não há necessidade que a avaliação seja pautada em notas, uma vez que seu objetivo é perceber o desenvolvimento individual e global dos alunos de forma contínua.

Após os resultados podemos sugerir que as instituições de Ensino Infantil, se atualizem quanto às Diretrizes Curriculares Nacionais da área e que os professores de Educação Física modernizem seus conhecimentos junto à literatura, onde temos descrito de forma clara os métodos de avaliação que devem ser utilizados. Sugere-se que o processo seja realizado a partir de uma observação cuidadosa, sistemática, participativa e através de diversos tipos de registros, como por exemplo, relatórios descritivos, fichas individuais, desenhos contendo a grafia narrativa explicativa da criança, entre outros. O professor deve fazer a ponte entre a teoria e a prática buscando explorar os métodos mais adequados de avaliação em Educação Física Infantil.

## Referências

- AUGUSTO, L. O.; OLIVEIRA, T. A. **Avaliação, problema meu, problema seu, problema nosso**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física. Faculdade Network. Nova Odessa, SP. 2014.
- BOTH, I, J. **Avaliação: "voz da consciência" da aprendizagem**. Curitiba: Ibpex, 2011. Série Avaliação Educacional.
- BOTH, I, J. Ensinar e avaliar são de domínio público: resta saber se ensinar avaliando e avaliar ensinando também o são. **Revista Histedbr on - line**, Campinas, n.18, p. 54 - 64, 2005.
- BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República do Brasil]**, Brasília, DF, v.134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834 – 27841.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. Brasília: MEC/SEB 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Educação infantil: subsídios para construção de uma sistemática de avaliação**. Documento produzido pelo Grupo de Trabalho instituído pela Portaria número 1.147/2011, do Ministério da Educação. Brasília, 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=11990&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=11990&Itemid=>). Acesso em: 15 fev. 2015.
- FERNANDES, S.; Greevile, R. **Avaliação da aprendizagem na educação física escolar**. Porta Aberta. Motrivência Ano XIX, n. 28, p. 120-138, 2007.
- FRÓES JUNIOR, E. G.; RODRIGUES, D. M.; RODRIGUES, J. M.; OLIVEIRA, D. A. S.; VELOSO SILVA, R. R.; MEDEIROS, D. S. **Avaliação: desafios e perspectivas para Educação Física escolar**. IV EDIPE. Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. 2011.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18 ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2011
- SOARES, L. S. *et al.* **Coletivo de autores: Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- WATZEL, N. **Avaliação na disciplina de Educação Física na Educação infantil: Concepção dos professores**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em educação Física. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, SP, p.01- 42, 2012.

## O FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Francisco Jalison Alves da Silva<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O presente artigo trata-se de uma revisão de literatura abordando o futebol na educação física escolar, buscando a compreensão de como tem sido a prática do mesmo durante as aulas de educação física, se esta sendo utilizada como ferramenta pedagógica, prática de lazer, de desporto ou como um meio de negociação do professor com os alunos, por exemplo: “Se vocês participarem dessa aula e colaborarem, depois eu dou alguns minutinhos de futebol.” Visto que o esporte de preferência nacional e que está intrinsicamente inserido em nossa cultura e cotidiano deve-se ter muito cuidado para não deixar que as aulas de educação física sejam sinônimo de aulas de futebol, ou pior, que seja deixado que se pratique o futebol sem nenhuma metodologia ou conceito. Apresentarei aqui minha reflexão e conclusão sobre o futebol escolar, retratando também, como este tema vem sendo trabalhado com o gênero feminino.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, Futebol e Métodos de ensino.

### ABSTRACT

This article it is a literature review covering football in school physical education, seeking understanding as has been the practice of it during physical education classes, it is being used as a pedagogical tool, leisure practice of sport or as a teacher of trading through with students, for example. "If you participate in this class and collaborate, then I give some football less minutes" as the national preference sport and that is intrinsically embedded in our culture and everyday should be very careful not to let the physical education classes are synonymous with football classes, or worse, that is left that practice football without any methodology or concept. I will present my thoughts and conclusions about the school soccer, portraying too, as this issue has been working with the female gender.

**Keywords:** Physical Education, Soccer and Teaching Methods.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: franciscojailsonsilva@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacooliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

O futebol permeia o cotidiano do brasileiro, por mais que uma pessoa não goste do esporte ela com certeza sabe o que é e o que significa o futebol para nosso povo. O futebol é tão popular que todos os que jogam ou já jogaram futebol julgam-se capazes de ensiná-lo e comentá-lo, isto fica evidenciado nas palavras de Freire (2006) que relata que “os craques se aposentavam e viravam professores de escolinhas”.

Saber jogar não significa saber ensinar (FREIRE, 2006), apesar de o futebol ser praticado em diversos ambientes não temos como dizer que ele é aprendido com uma pedagogia conhecida, o que se faz é uma reprodução do passado vivido pelos professores no que tange a prática do futebol ocorre quase que uma autoaprendizagem.

A cultura brasileira acolhe o futebol como parte da sua história, e por este motivo é inserido de forma sistemática no âmbito escolar como conteúdo da disciplina Educação Física (SOUSA; ARAÚJO, 2007).

Esta inserção do Futebol na Educação Física escolar, que traz nosso questionamento acerca de como esta sendo ensinado o Futebol na escola, ou ainda será que esta sendo ensinado?

Pensamos nesta problemática, pois vislumbramos a possibilidade de verificar se existem pressupostos teóricos que dariam suporte ao um aprendizado pautado da Educação Física academicamente orientada.

## 2 Revisão bibliográfica

Lima (2014) Elaborou um artigo de revisão literária com o objetivo de verificar se o futebol durante as aulas de Educação Física é “ensinado” como uma atividade “cultural” sem nenhum método de ensino. Flores (2010) buscou em sua pesquisa verificar a participação do gênero feminino no futebol/futsal, no contexto escolar. Junor e Darido (2010) objetivaram em sua pesquisa apontar um conjunto de temas relevantes do conteúdo futebol que possam servir de subsídios para propostas de sistematização para o componente curricular na educação física escolar.

Já Carvalho (2014) verificou em seu estudo qual a método de ensino utilizado pelos professores sobre o futebol nas aulas de Educação Física escolar. Macagnan e Betti (2014) buscaram identificar em sua pesquisa quais as representações sociais que caracterizam o futebol no âmbito das aulas de Educação Física escolar. Souza e Araújo (2007) em seu estudo buscou identificar e compreender quais fatores são preponderantes na maneira de pensar de um determinado grupo a respeito do futebol enquanto prática na sociedade e no âmbito escolar.

Viana (2012) buscou compreender em seu estudo se o futebol é utilizado como “negociação” nas aulas de Educação Física, e por meio disso, buscar uma solução para modificar a realidade do futebol nas aulas. Bastos e Navarro (2009) levantaram dados em seu estudo sobre a prática de futsal feminino nas escolas, buscando constatar a realidade do futsal feminino escolar. Assis e Colpas (2013) elaboraram uma pesquisa através de artigos, livros e outros trabalhos publicados, analisando os conceitos de pedagogia do esporte, tendo como conteúdo principal o futebol e suas possibilidades em relação ao processo educacional no ambiente escolar.

Castilho (2010) buscou em seu trabalho abrir uma discussão que vai além da introdução do futebol no currículo escolar mas, como ele será inserido nas aulas tendo em vista, as novas formas de cultura que se apresentam década a década, e sobre os

diferentes espaços que a urbanização das cidades e conseqüentemente das escolas exigem, como por exemplo, a redução de espaço físico para a prática.

Sobre os métodos nos estudos de Lima (2014); Flores (2011); Junior e Darido (2010); Carvalho (2014); Macagnam e Betti (2014); Souza e Araújo (2007); Viana (2012); Bastos e Navarro (2009); Assis e Colpas (2013); e Castilho (2010) participaram 122 alunas e 11 professores oriundos de Caxias do Sul, professores de escolas públicas e particulares do ensino fundamental I e médio da região de Nova Odessa-SP, foram observados 29 alunos do 6º ano do ensino fundamental de escola pública da cidade de Baurú-SP responderam a questionários. 12 alunos de ensino médio do município de Cocal do Sul-SC e 2 professores que lecionam nessas turmas, aos alunos foi aplicado um questionário e aos professores foi feita uma entrevista, 65 alunas que treinam futsal feminino no município e 146 alunas de ensino fundamental II e ensino médio no colégio São Luís (SP).

Em suma os resultados apontam que o futebol é considerado o esporte coletivo mais popular do país e devemos contextualizá-lo enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física buscando a compreensão do seu real valor dentro do ambiente sociocultural que o produz.

Foi verificado que é preciso mudar o panorama presente na sociedade e abrir oportunidade da prática do futebol/futsal por meninas/mulheres e oportunizar espaços em prol do crescimento de ações pedagógicas voltadas ao incentivo do futebol/futsal para mulheres. Entende-se que é preciso sistematizar e organizar os conteúdos do futebol pedagógico, não passa-lo apenas como prática sem nenhuma proposta de ensino e aprendizagem dos conteúdos.

Durante a investigação de quais “métodos” são utilizados pelos professores de Educação Física em suas aulas de futebol/futsal, verificou-se que simplesmente é passado sem nenhum propósito, sendo utilizado também como moeda de troca com os alunos, deixando que os mesmos pratiquem o jogo como querem e quando quiserem para entretenimento e lazer. No diálogo com alunos, pode-se notar uma variação de conteúdos oriundos do futebol; - mídia, craques, fama, vontade de ser jogador milionário, o preconceito com mulheres praticantes do futebol, violência, etc. Sendo assim, foi relatado que o futebol vai além da prática despropositada, é possível que se aborde e trabalhe muitos assuntos da atualidade tornando nossos alunos em críticos, autônomos e pensantes e não somente “jogantes”. Foi possível levantar uma série de questionamentos, sem chegar a uma opinião conclusiva e eficaz, mas com grandes possibilidades de reflexões a cerca do professor e a complexidade de reger suas aulas adequadamente, aproveitando o tema futebol como ampla e completa “ferramenta pedagógica” que é, e sobre os alunos que só buscam a prática sem interesse de ganho e conhecimento, alegando que já sabe jogar ou que já sabe o bastante a respeito do esporte em questão.

Na busca de descobrir se o futebol escolar é utilizado como meio de negociação entre aluno x professor, descobriu-se que sim, ele é utilizado como meio de negociação durante as aulas de educação física, facilitando assim a harmonia das aulas e domínio dos alunos durante as aulas que abordem outros temas não tão requisitados e queridos dentre os alunos.

Foi observado que o futsal feminino escolar, apesar de praticado a mais de dez anos nas escolas durante as aulas de educação física, não é divulgado nem incentivado, fazendo com que grande parte da população brasileira apresente resistência e preconceito, tornando-se pouco aceitável dentro da sociedade, existe pouca divulgação e publicações em mídia, artigos, livros, estudos no geral.

Deve-se ter o entendimento de que o aluno jogador de futebol não deve somente saber como executar a prática e conhecer as regras, mas sim, compreender sua ação; sendo assim, aulas de educação física não devem se limitar apenas ao jogo e nem ser sinônimo de futebol e vice versa. Precisamos ir além, considerando que devido a forte influência cultural, o futebol estará sempre dentre os preferidos entre os alunos e há muito a se ensinar, dialogar e apresentar explanando esse tema, não devemos nos limitar apenas ao jogo/brincadeira/disputa/esporte.

As conclusões sugerem que o fascínio pelo futebol é tão notório que está presente em todo e qualquer lugar que vamos, não sendo diferente dentro das escolas, sendo assim, não devemos deixar de explorar esta forte perspicaz ferramenta pedagógica. Falando sobre a prática de futebol/futsal feminino escolar pode-se dizer que os relatos de professores e alunas foram bem diferentes, reforçando a ideia de que há muito ainda o que batalhar pelo assunto e há muito ainda a ser estudado e discutido, ampliando os conhecimentos e ultrapassando as barreiras do preconceito. Pode-se observar a riqueza de conhecimentos que pode ser obtido através do futebol/futsal escolar, com sua vivência podemos discutir e abordar inúmeros temas e conteúdos conceituais e metodológicos; precisamos anular essas aulas sem propósito e oferecer aulas com concepção metodológica, os professores devem estar sempre atualizados quebrando as barreiras e os paradigmas de que o professor de educação física não ensina nada, apenas rola a bola pra que os alunos joguem, ou melhor, brinquem.

Através de representações dos alunos sobre o futebol, encontramos uma vasta discussão rica de conteúdos a discutir e trabalhar em aula, por exemplo: cotidiano, mídia, cenas familiares, emoções vividas, práticas pessoais de socialização, relações de amizade, enfim. Sendo assim, constatou-se que, é através disso que os alunos se orientam sobre o futebol, trazendo suas particularidades e preferências, sendo assim, cada qual tem uma opinião e gosto e buscam coisas diferentes dentro de um jogo de futebol, tais como: lazer, treino, aprendizagem, condicionamento, aptidão, rivalidade, etc.

Devemos ter em mente a busca por aulas de educação física transformadoras, rever conceitos, fazer com que seja mais democrática e menos excludente; e mesmo que o conteúdo futebol seja considerado o esporte coletivo mais popular do país, é preciso contextualizá-lo de forma completa, buscando passar não somente o aprendizado técnico/prático, nem mesmo uma opção de lazer/diversão, mas sim, trabalhar sua história, conceito, reflexões, etc. esse tema traz aos nossos alunos inúmeras ilusões e fantasias, onde eles observam e idealizam fama, dinheiro, sucesso, visto que a maioria deles tem o sonho em ser jogador de futebol buscando por essas ilusões criadas através do que a mídia proporciona, sendo assim muitos de nossos alunos buscam por esse “ideal” de vida esquecendo-se de outras coisas tão ou mais importantes e significativas para o desenvolvimento de um cidadão de bem, formador de opinião, autônomo e crítico.

### **3 Objetivo**

Verificar como o futebol é abordado nas aulas de Educação Física, e ainda se é utilizado apenas como um atrativo para reter os alunos nas aulas ou se realmente é utilizado como conteúdo da área da Educação Física.

#### 4 Método

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

#### 5 Resultados e Conclusão

Quando analisamos a literatura podemos observar no que tange o futebol feminino que mesmo na escola a realidade é igual ao do futebol profissional, onde não há reconhecimento e o preconceito é claro.

Foi possível verificar que o futebol infelizmente não utilizado como conteúdo de ensino, mas sim como moeda de troca para que os alunos participem das aulas.

Quanto aos métodos utilizados é notório que o futebol é trabalhado como se todos os alunos conhecessem o esporte a fundo, é visível que não há nenhuma preocupação por parte da maioria dos professores em ensinar os conceitos básicos do esporte, sua história e as habilidades necessárias para a prática. Esta falta de informação é muito preocupante, pois a ignorância quanto à realidade da profissão jogador de futebol leva muitas crianças a desistir dos estudos por acreditar que o futebol pode ser a garantia de um futuro com muita fartura e dinheiro.

#### 6 Considerações finais

O presente artigo trata-se de uma revisão de literatura abordando o futebol na educação física escolar, buscando a compreensão de como tem sido a prática do mesmo durante as aulas de educação física, se esta sendo utilizada como ferramenta pedagógica, prática de lazer, de desporto ou como um meio de negociação do professor com os alunos, por exemplo: “Se vocês participarem dessa aula e colaborarem, depois eu dou alguns minutinhos de futebol.” Visto que o esporte de preferência nacional e que está intrinsecamente inserido em nossa cultura e cotidiano deve-se ter muito cuidado para não deixar que as aulas de educação física sejam sinônimo de aulas de futebol, ou pior, que seja deixado que se pratique o futebol sem nenhuma metodologia ou conceito. Apresentarei aqui minha reflexão e conclusão sobre o futebol escolar, retratando também, como este tema vem sendo trabalhado com o gênero feminino.

#### Referências

FREIRE; J. B. **Pedagogia do Futebol**. 2ª ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2006.

SOUSA; L. R. M.; ARAÚJO, D. M. E. **O futebol na escola: uma abordagem cultural**, ANAIS do II Encontro de Educação Física e Áreas Afins. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI. 26 e 27 de Out. 2007.

BARROS, Daisy R. P. Educação física na escola primária. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympo Editora,

CARLOS; A., L. **O futebol é ensinado nas aulas de Educação física escolar?**, Trabalho de conclusão de curso faculdade network; Nova Odessa; 2014.

FLORES; S., D.; SILVA; A., M. **A participação do gênero feminino no futsal/futebol escolar da cidade de Caxias do Sul**; Do corpo ciências e artes; Caxias do Sul; v.1, n.2, Jul-dez 2011.

JUNIOR; S., M., O.; DARIDO C., S. **Refletindo sobre a tematização do futebol na educação física escolar**; Motriz; Rio Claro; v.16, n.4, p. 920-930 out-dez 2010.

CARVALHO; P., V., H. **Métodos de ensino do futebol na educação física escolar**; Trabalho de conclusão de curso faculdade network; Nova Odessa; 2014.

MACAGNAN; G., D., L. **Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental**; Revista brasileira de educação física e esporte; São Paulo; v.28, n.2, p.315-327, abri-jun 2014.

VIANA; J., R. **O futebol na educação física escolar**; Trabalho de conclusão de curso da faculdade UNESC; Criciúma Dez 2012.

NAVARRO; C., A., BASTOS; V., P. **O futebol feminino escolar**; Revista brasileira de futsal e futebol; São Paulo; v.1, n.2, p. 144-162, mai-jun-jul-ago 2009.

ASSIS; V., J.; COLPAS; D., R. **A pedagogia esportiva e o ensino do futebol na escola**; EF deportes revista digital, Buenos Aires; v.18, n. 185 Out 2013.

CASTILHO; M., M. **Futebol na escola: sua cultura, espaço e elementos na educação física escolar**; Monografia de conclusão de curso Centro universitário Ítalo brasileiro; São Paulo 2010.

## PORQUE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO DESMOTIVANTES?

Maria Janaina de Oliveira <sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### RESUMO

O objetivo desse trabalho é identificar os principais motivos que desmotivam os alunos de participarem das aulas de Educação Física no ensino médio em escolas públicas da rede municipal da cidade de Americana, para isso foi aplicado um questionário contendo seis perguntas, com o intuito de identificar os principais motivos e saber a opinião dos alunos relacionada a falta de interesse e desmotivação na prática das aulas de Educação Física. Com a análise dos dados foi possível verificar dentre as respostas que um dos fatores determinantes para a desmotivação dos alunos se dá ao fato do insucesso ao realizar bem a atividade proposta e outro fator se dá quando são proferidas palavras que inferiorizam ou recriminam o aluno quando a não execução correta do exercício. Diante destas observações podemos sugerir que os professores responsáveis pela disciplina podem e devem intervir para que o aluno não seja excluído e conseqüentemente se desmotive.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, desmotivação e exclusão.

### ABSTRACT

The objective of this study is to identify the main reasons that discourage students from participating in Physical Education classes in high school in public municipal schools of the city of Americana, for it was applied a questionnaire with six questions, in order to identify main reasons and getting feedback from students related to lack of interest and motivation in the practice of physical education classes. With the analysis of the data it was verified from the answers that one of the determining factors for demotivate of students of the fact that the failure to well perform the proposed activity and the other factor is the when uttered words that inferior or reproach the student when not correct execution of the exercise. In view of these observations we suggest that teachers responsible for the discipline can and should intervene so that the student is not excluded and consequently if demotivated.

**Keywords:** Physical Education, motivation and exclusion.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: maria\_janaina240@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacooliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

O Ensino Médio é a fase onde ocorre o término da educação básica e inicia-se uma grande preocupação com o vestibular e o primeiro emprego. Este período, que deveria ter como objetivo primordial formar cidadãos críticos, participativos e conscientes de seu papel na sociedade, muitas vezes, apenas reproduz os interesses da sociedade capitalista, como os citados acima.

Os alunos do ensino médio, em sua maioria são adolescentes, ou seja, estão passando por transformações psicológicas, físicas, afetivas e por grandes turbulências nas relações sociais. Trata-se de uma fase de transição em que os pensamentos estão mais críticos e complexos, por isso, há a necessidade de integração entre os conhecimentos de todas as disciplinas relacionando-os às suas aplicabilidades concretas.

Neste sentido, a Educação Física que é promovida no ambiente escolar pode ser vista como uma atividade educativa, recreativa, social, competitiva, terapêutica. Ela é considerada uma disciplina científico-pedagógica, visto que está centrada no movimento do corpo para alcançar um desenvolvimento integral das capacidades físicas, afetivas e cognitivas dos alunos.

No entanto, nos últimos anos tem-se observado que o número de alunos que não participam das aulas de educação física no ensino médio nas escolas públicas vem crescendo significativamente. Com isso, acredita-se que esse fenômeno deve ser analisado, estudado e combatido visto que a disciplina de educação física apresenta relevância significativa na vida dos discentes no final da educação básica.

Identificar, descrever e interpretar como se constroem e funcionam os processos de exclusão social pode auxiliar grupos que estão em desvantagem a edificarem métodos que lhes permitam o acesso às práticas sociais que lhes são restringidas.

Este trabalho, por avaliar as representações de alunos em relação ao processo de exclusão cristalizado no cotidiano escolar, contribui para que profissionais de Educação Física Escolar e de outras áreas do conhecimento avaliem suas ações pedagógicas, no sentido de atenderem ao princípio da inclusão, da valorização e respeito às diferenças.

## 2 Revisão bibliográfica

A análise da literatura nos permite destacar aspectos importantes sobre os fatores desmotivacionais como segue.

Darido (1999) verifica que a desmotivação dos alunos, muitas das vezes se da pela falta de interesse do próprio professor que abordar conteúdos desinteressantes, o conteúdo abordado é sempre o mesmo, não transmite nenhum conhecimento.

No estudo de Otaviano (2012) que teve por objetivo pesquisar qual o real motivo de desinteresse de alunos do ensino médio, seus resultados apontam que os alunos querem professores mais capacitados, com conteúdo diversificados, aulas criativas e mais dinâmicas.

Já Silva e Devidé (2009) discorrem sobre a exclusão nas aulas de Educação Física e reforçam que o professor deve trabalhar a inclusão de alunos respeitando as diferenças e ainda não permitir palavras ofensivas, que fazem com que o alunos não queira participar das aulas.

Segundo Pereira e Moreira (2005) e Chicati (2000) os alunos gostam da disciplina, porém não acham que tenha conteúdos interessantes, e ainda não vem por parte do professor nenhuma demonstração de vontade em realizar algo novo

Já Schlindwein (2010) e Caixeta e Campos (2009) relata que os motivos de recusa dos alunos do ensino médio em participarem das aulas de Educação Física, são desde falta de vontade, a falta de estrutura da escola, por não ser habilidoso, doenças e por ficarem suados após as aulas. Entretanto todos estes fatores seriam superados se o professor mudar de postura, pois é claro para todos que a Educação Física é importante, pois possibilita o desenvolvimento de vários aspectos como desenvolvimento motor, cognitivo, físico e psicossocial (BOTAN, 2012).

### **3 Objetivo**

Identificar os reais motivos que levam os alunos a não participar das aulas de Educação Física escolar.

### **4 Método**

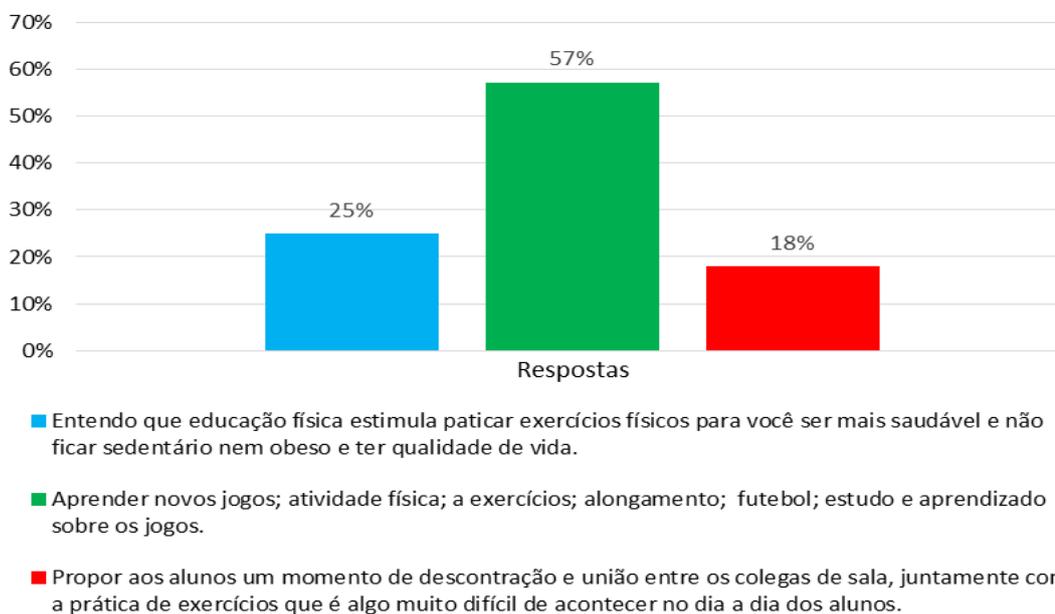
Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos alunos. Participaram do estudo 173 crianças com idade entre 14 e 17 anos da rede municipal e estadual de ensino médio, da cidade de Americana, os quais responderam um questionário com perguntas, fechadas e abertas.

### **5 Resultados e Conclusão**

Ao analisarmos as respostas dos alunos, procuramos identificar os possíveis aspectos que responde nosso questionamento.

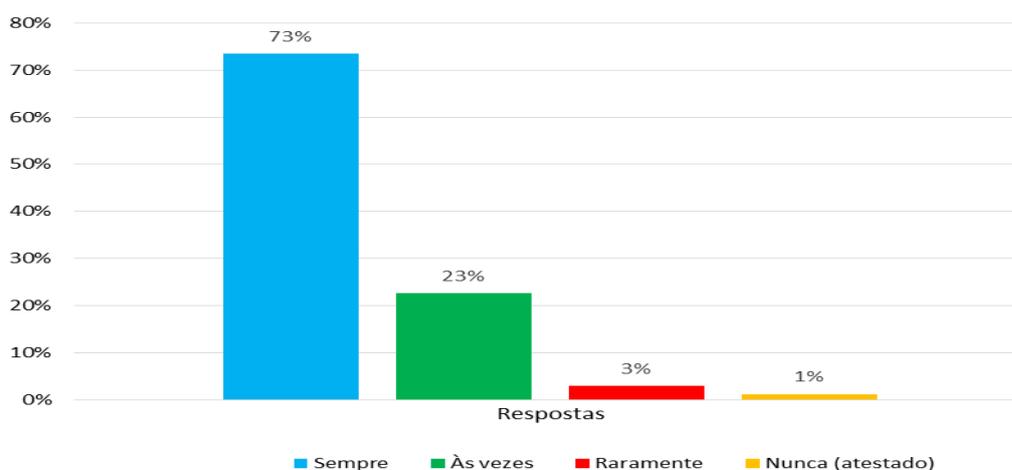
Pergunta de número (1) um, (43) quarenta e três alunos, contabilizando assim 25% dos participantes afirmam que as aulas de educação física têm como objetivo estimular os alunos a fazerem algum tipo de exercício, mantendo assim os alunos mais saudáveis e conseqüentemente eliminando o sedentarismo e obesidade na adolescência. (99) noventa e nove alunos, contabilizando assim 57% dos participantes afirmam que as aulas de educação física servem para aprender novos esportes, exercícios e aprender mais sobre os jogos. (31) trinta e um alunos contabilizando assim 18% dos participantes afirmam que as aulas de educação física servem para descontração e interação entre os alunos, estimulando assim o exercício físico, o que é algo difícil de ocorrer o dia a dia.

## O que você entende por educação física escolar?



A pergunta de número 2 (dois), 127 (cento e vinte e sete) alunos, contabilizando assim 73% dos participantes afirmam que participam com frequência das aulas de educação física, 39 (trinta e nove) alunos, contabilizando assim 23% dos participantes afirmam que participam ocasionalmente das aulas de educação física, 5 (cinco) alunos, contabilizando assim 3% dos participantes afirmar que raramente participam das aulas de educação física. E somente 2 (dois) alunos contabilizando assim 1% dos participantes nunca participam das aulas por motivos de saúde.

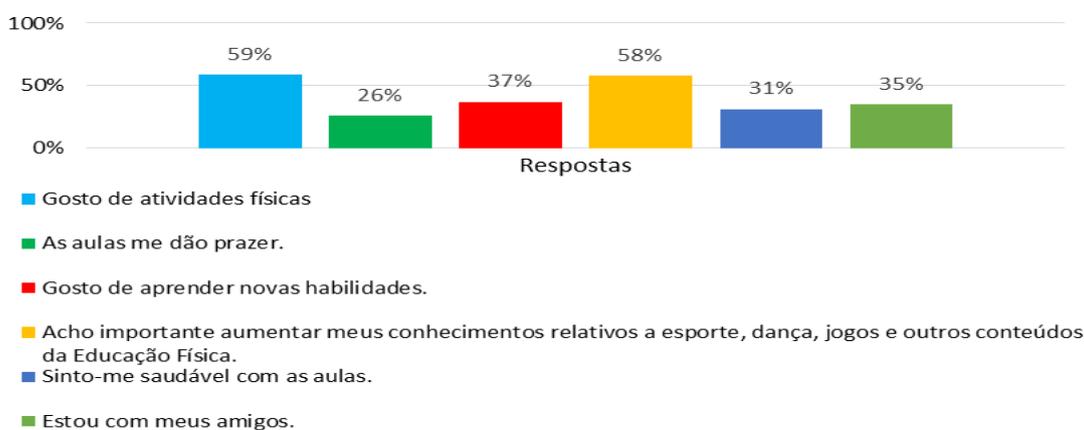
## Com que frequência participa das aulas de Educação Física?



A questão de número 3 (três) poderia ser assinalada uma ou mais alternativas, sendo assim um participante pode ter mais do que uma resposta, 102 (cento e dois)

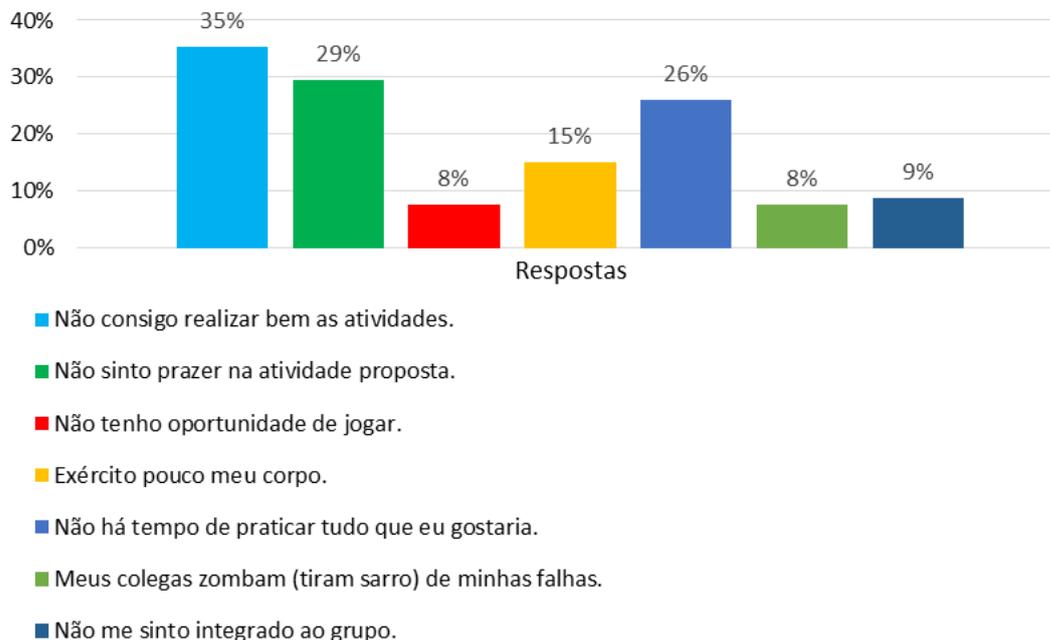
alunos, contabilizando assim 59% dos participantes afirmam que participam das aulas pelo simples fato de gostar de atividade física, 45 (quarenta e cinco) alunos, contabilizando assim, 26% dos participantes afirmam que participam das aulas por sentirem prazer em praticar exercícios, 64 (sessenta e quatro) alunos contabilizando assim 37% dos participantes afirmam que gostam de aprender novas habilidades. 100 (cem) alunos, contabilizando assim 58% dos participantes afirmam que é importante aumentar seus conhecimentos relacionados a esportes que são desenvolvidos nas aulas. 54 (cinquenta e quatro) alunos, contabilizando assim 31% dos participantes afirmam que praticam as aulas por se sentirem saudáveis praticando esportes, 60 (sessenta) alunos contabilizando assim 35% dos participantes gostam de participar das aulas por estarem perto e interagindo com amigos.

### Participo das aulas de Educação Física por que: (mais que 1 resposta)



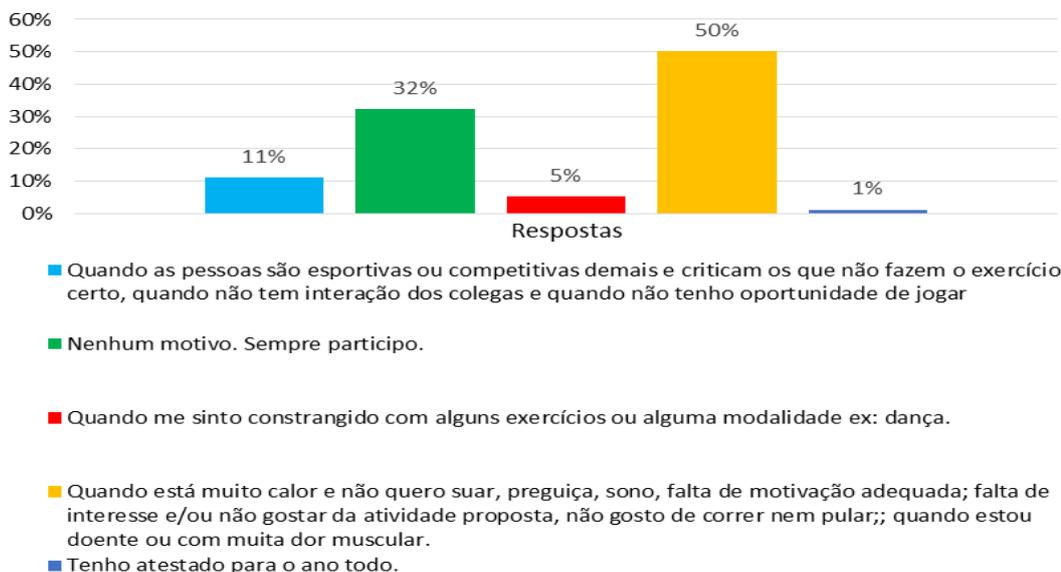
A questão de número 4 (quatro) poderia ser assinalada uma ou mais alternativas, sendo assim um participante pode ter mais do que uma resposta. 61 (sessenta e um) alunos, contabilizando assim 35% dos participantes afirmam não gostar das aulas pelo motivo de não conseguirem realizar bem as atividades propostas. 51 (cinquenta e um) alunos, contabilizando assim 29% dos participantes não gostam das aulas por não sentirem prazer em realizar as atividades propostas. 13 (treze) alunos contabilizando assim 8% dos participantes afirmam que não gostam das aulas pois acabam não tendo a oportunidade de participar efetivamente como gostariam, 26 (vinte e seis) alunos contabilizando assim, 15% dos participantes não gostam por sentirem que as atividades propostas fazem com que se exercitem menos do que gostariam. 45 (quarenta e cinco) alunos contabilizando assim, 26% dos participantes não gostam das aulas porque não possuem tempo hábil de praticar tudo o que gostariam. 13 (treze) alunos, contabilizando assim 8% dos participantes não gostam pois quando falham ou não conseguem fazer a atividade proposta, seus colegas zombam da situação, 15 (quinze) alunos, contabilizando assim 9% dos participantes não gostam das aulas pois não se sentem integrados ao grupo.

### Não gosto das aulas de Educação Física quando: (mais que 1 resposta)



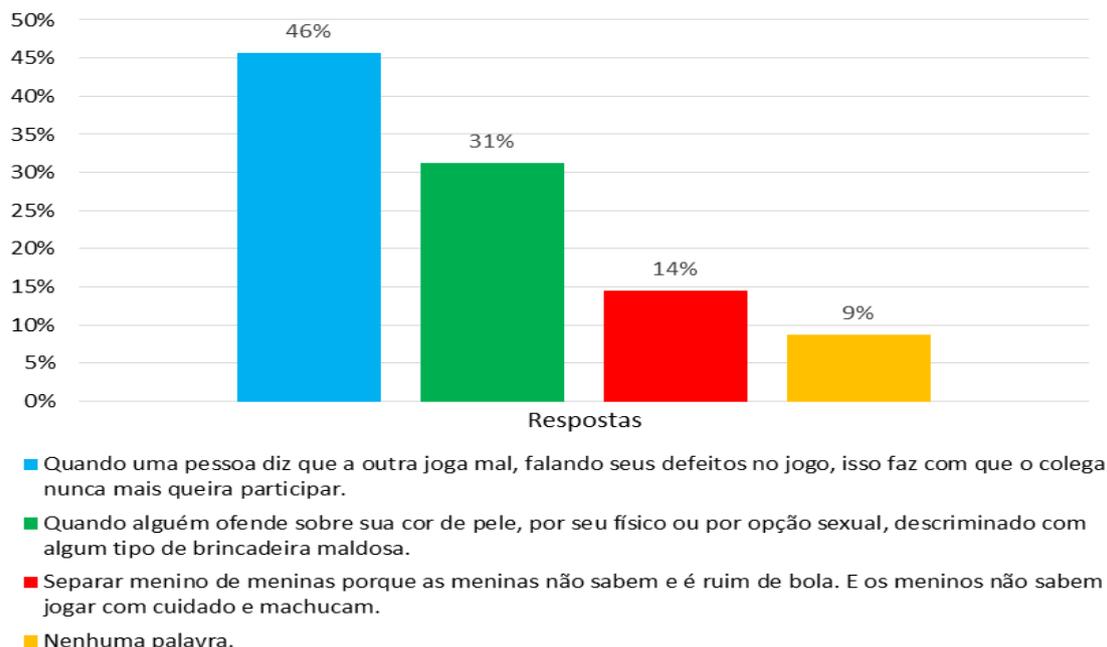
A questão número cinco 5 (cinco), 19 (dezenove) alunos contabilizando assim 11% dos participantes afirmam que não participam das aulas de educação física quando entre a turma tem um aluno muito competitivo que acaba criticando os demais por não conseguirem executar a atividade com perfeição, ou quando não há interação entre os colegas da turma diminuindo assim a oportunidade de participar. 56 (cinquenta e seis alunos), contabilizando assim 32% dos participantes afirmam que sempre participam, pois não veem motivos para não participar. 9 nove alunos, contabilizando assim 5% dos participantes afirmam que não participam das aulas quando se sentem tímidos ou constrangidos ao praticarem alguma atividade como por exemplo a dança 87 (oitenta e sete), contabilizando assim, 50% dos participantes afirmam que não participam quando estão sem vontade, desanimados, desmotivados, desinteressados pela atividade proposta, não querem transpirar ou por estarem sonolentos. 2 (dois) alunos, contabilizando assim 1% dos participantes não participam por motivo de saúde.

### Quais são os principais motivos que o levam a não participar das aulas de Educação Física?



A questão número seis 6 seis. 79 (setenta e nove) alunos, contabilizando em 46% dos participantes afirmam que o motivo da exclusão dos colegas nas atividades são frases ditas que os desmotivam a participar como: “Você joga Mal”, “Você errou”, ”Você não sabe jogar”. 54 (cinquenta e quatro) alunos, contabilizando assim, 31% dos participantes afirmam que o motivo da exclusão são comentários preconceituosos, tanto como a cor da pele, opção sexual ou porte físico. 25 (vinte e cinco) alunos, contabilizando assim 14% dos participantes afirmam que o motivo da exclusão é a divisão das atividades entre meninas e meninos, isso acaba causando uma falta de interação de meninas em alguns jogos como futebol e de meninos em jogos como vôlei, 15 (quinze) alunos, contabilizando assim, 9% afirmam nada que seja dito os excluem das atividades.

### Quais palavras ditas durante as aulas de educação física que no seu ponto de vista excluem os colegas?



Após análise dos resultados verificamos que a maioria dos alunos gostam e dizem participar da aula de Educação Física, e ainda afirmam ser importante ter mais conhecimento sobre os jogos e temas abordados pela disciplina. Os aspectos mais destacados foram: (1) quando não consegue realizar bem a atividade proposta; (2) o excesso de calor; (3) não querer ficar suado; (4) por terem muito sono; (5) por falta de motivação, ou não gostar da atividade proposta; (6) palavras ditas que excluem o colega de alguma forma; e (7) quando há algum tipo de comentário sobre em relação a sua cor, seu porte físico e sua opção sexual.

Chegamos a conclusão que a maioria dos alunos gostam da aula, porem inventam mil e uma desculpas para não participar ou realizar as atividades proposta, ainda mais com o ensino de hoje, que não há como cobrar a participação.

## 6 Considerações finais

Diante do exposto podemos sugerir que os professores tenham papel fundamental para a motivação dos alunos durante as aulas de Educação Física.

É de suma importância que estes profissionais demonstrem interesse em mudar a metodologia da aula, por uma aula mais dinâmica, onde os alunos sintam-se interessados a participar, e tenham vontade própria de participar e não só porque vale nota, É de muita importância do professor também, em não deixar que ocorra qualquer tipo de brincadeira ou palavras entre os alunos que façam que o aluno sinta-se constrangido, e não queira mais participar das aulas, o professor tem que impor isso para todos da sala.

E os alunos tem que se esforçar mais, e entender que é de muita valia e importância participar das aulas de educação física.

## Referências

- SILVA, C.; DEVIDE, F. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009.
- PAIANO, R. Possibilidades de orientação da prática pedagógica do professor de Educação física: situações de desprazer na opinião dos alunos, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, n. 1 , 2006.
- BOTAN, T. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas aulas de educação física: motivos que levam a não praticar as aulas, 2012.
- PEREIRA, R.; MOREIRA, E.. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações, **Maringá**, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2005.
- CHICATI, Karem. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio, **Maringá**, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.
- NETO, Alvaro; CRUZ, Ronaldo; SALGADO, Simone; CHRISPINO, Renata; SOARES, Antonio Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de educação física, **Pensar a Prática**, goiânia, v. 13, n. 2, p. 115, maio/ago. 2010.
- DARIDO, R.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L.; FIORIN, G. Educação física no ensino médio: reflexões e ações, **Motriz**, v. 5, n. 2, dez., 1999.
- OTAVIANO, F. Motivos que levam ao desinteresse dos discentes do ensino médio do centro educacional (ced) ceilândia/df pelas aulas de educação física, 2006.
- SCHLINDWEIN, Elisandro. Os motivos da recusa de alunos do ensino médio em relação às aulas de educação física.
- CAIXETA, P.; CAMPOS, L. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas práticas de educação física escolar, **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.8, n. 2, 2009.
- SILVA, C. A. F.; DEVIDE, F. P. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. rev. bras. cienc. esporte, campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009

## A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Josiane Alves<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

Partindo do princípio de uma indagação pessoal acerca de um assunto pouco discutido dentro da área de educação física, que é a presença e a importância do professor de educação física na educação infantil, buscou-se descobrir como tem sido atualmente essa prática e se há ou não profissionais atuantes nessa faixa etária escolar. Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. Ao se trabalhar na educação infantil o professor de educação física deve considerar a criança e suas próprias experiências, vivenciar a brincadeira, o lúdico, a partir dessa ação a criança aprende a entrar na realidade e a partir de então, seguir um caminho rumo à socialização; Nesse momento do desenvolvimento infantil é de suma importância à atuação de um profissional competente, que conheça o desenvolvimento da criança como um todo, ou seja, em seus aspectos motor, cognitivo, emocional, social, cultural e psicológico, atendendo as reais necessidades e interesses da criança com a qual está trabalhando.

**Palavras-chave:** Educação infantil, Educação Física escolar e Desenvolvimento.

### ABSTRACT

*Assuming a personal question about a subject little discussed within the physical education area, which is the presence and importance of physical education teacher in kindergarten, we sought to find out how has currently been this practice and whether or non-professional acting school in this age group. A qualitative research realized through a literature review was made. Initially the issue was researched in books, dissertations and theses and later in databases and journals. When working in early childhood education teacher of physical education should consider the child and their own experiences, experience the joking, playing, from this action the child learns to enter into the reality and thereafter follow a path to socialization; At that moment of childhood development is critical to the performance of a competent professional who knows the child's development as a whole, ie, in their motor, cognitive, emotional, social, cultural and psychological, meeting the real needs and interests the child with which it is working.*

**Keywords:** *Early childhood education, Physical Education and Development.*

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: josiane.alves1@uol.com.br).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacooliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

O presente estudo trata-se de uma reflexão sobre a importância do professor de educação física na educação infantil, onde ao ler o livro *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*. (FREIRE, 1989), encontrei em suas palavras o desejo de me aprofundar mais sobre esse assunto e buscar a compreensão do porque não é comum vermos esse profissional atuando nas escolas de educação infantil. De acordo com o autor, o conhecimento do mundo da criança nesse período depende das relações que ela vai estabelecendo com os outros e com as coisas, sendo que o que conhece de si e das coisas é insuficiente para estabelecer relações de grupo e, por isso, centra seu brincar em sua própria atividade, em seus interesses. O autor argumenta que para o aprendizado ter significado na escola de primeira infância para as crianças que ali estão, depende da ação corporal. Para o autor, a educação física e o jogo, diante das características da criança na primeira infância, têm de ser valorizados, visto que, se o contexto for significativo para a criança, o jogo, como qualquer outro recurso pedagógico, tem consequências importantes em seu desenvolvimento. Em relação ao papel pedagógico da educação física, para o autor, deve-se atuar integrada à escola, deixando de ser uma disciplina auxiliar às outras, onde a atividade da Educação Física precisa garantir que, de fato, as ações físicas e as noções lógico/matemáticas que as crianças usarão nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente. Para ele, a adoção de atividades da cultura infantil como conteúdo pedagógico facilita o trabalho de professores das escolas de primeira infância, pois garante o interesse e a motivação das crianças.

Partindo desse princípio, buscamos na literatura como tem sido a atuação do professor de Educação Física nas escolas de educação infantil, se está presente ou não, e como tem contribuído (quando presente) para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na pequena infância.

## 2 Revisão bibliográfica

Silva (2005) sistematizou os elementos de uma proposta de Educação física cujo foco seja a criança, entendida como sujeito inserido no mundo sócio histórico e cultural humano. Baseando-se em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem de crianças de 0 a 6 anos articuladas ao seu comportamento lúdico. Garanhani (2006) desenvolveu uma análise sobre o estado do conhecimento da motricidade na produção teórica de educação infantil no Brasil durante o período de 1983 a 1998, observando que existe baixa produção de artigos científicos, dissertações e teses abordando o movimento do corpo infantil na escolarização da pequena infância.

Nunes e Nascimento (2007) investigaram a respeito da inclusão de crianças com necessidades especiais na prática pedagógica da educação física na educação infantil. Rolim (2004) fez uma verificação sobre a atuação do professor de educação física, sua formação, competência, sua atuação, a partir da literatura e demonstrar a importância desse profissional especialista para o desenvolvimento integral da criança. Magalhães et al.(2007) elaborou uma reflexão a respeito da educação física na educação infantil, enfatizando a sua real necessidade para o desenvolvimento integral da criança lembrando que é obrigatório segundo a LBD9.394/96. Silva e Pires (2009) em sua publicação buscaram recuperar as relações imbricadas entre universidade e sociedade, no que diz respeito às reflexões sobre formulação de políticas públicas e,

consequentemente das proposições de bases ontológicas, epistemológicas e teórico-metodológicas acerca da educação física na educação infantil, debatendo sobre o resultado da participação do NEPEF/UFSC (núcleo de estudos pedagógicos da educação física) através de um projeto de extensão desenvolvida em 2008 e concluída em 2009, junto ao grupo independente de estudos educação física na educação infantil da rede municipal de educação de Florianópolis.

Soares (2001) elaborou uma discussão sobre os projetos de ensino na educação infantil, analisando as concepções de infância, educação infantil e educação física e como estas influenciam a construção de propostas pedagógicas e as intervenções educativas na escola. Ferraz e Macedo (2001) em sua pesquisa investigaram o papel da educação física na educação infantil, considerando-se os objetivos gerais, objetivos específicos, os conteúdos da aprendizagem, elementos da gestão da aula e avaliação, explicitadas por professores da rede pública municipal de ensino de São Paulo.

Basei (2008) teve por objetivo trazer contribuições sobre a educação física na educação infantil, fundamentadas na importância do movimentar-se humano e nas contribuições que as experiências com a cultura do movimento podem trazer nesse período de vida da criança e em todo seu processo de formação. Trindade et al. (2010) Analisaram os TCC's do curso de licenciatura plena em educação física infantil, destacando quais os temas mais abordados pelos discentes do referido curso da universidade do estado do Pará nos anos de 2003 a 2009.

### **3 Objetivo**

Verificar se existem profissionais de educação física atuantes na educação infantil e como tem sido essa atuação, e porque não é comum presenciarmos essa participação já que foi determinado por lei segundo LDB 9.394/96.

### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

### **5 Resultados e Conclusão**

Após análise dos resultados observamos mesmo tendo chegado ao término destes estudos não se chegou a uma conclusão, temos a esperança que de alguma forma possamos contribuir para a qualificação da intervenção pedagógica dos professores de educação física na educação infantil. É preciso iniciar um aprofundamento teórico sobre as dúvidas, ideias e sínteses construídas durante o estudo. Passar por um processo de interlocução e, se necessário, de reorientação das reflexões e preposições dos textos mediante as considerações e críticas desencadeadas pela veiculação das mesmas. Se tratando do ensino da educação física na educação infantil de crianças portadoras de necessidades especiais, foi visto que há menos estudos ainda e que este foi apenas um

“engatinhar” se tratando desse tema, há muitos aspectos a serem esclarecidos acerca da inclusão na sua prática pedagógica. Os professores ao mesmo tempo em que se mostram favoráveis à inclusão, deixam claro suas restrições em relação a como deve ser feita. Eles acreditam que ainda há algumas necessidades especiais que podem estar na prática regular e outras não podem. Os professores de educação física podem e devem ser capacitados para potencializar as capacidades da criança. É nessa perspectiva que a escola em sua totalidade pode promover um ambiente propício a crianças com necessidades especiais.

Ao se trabalhar na educação infantil o professor de educação física deve considerar a criança e suas próprias experiências vivenciar a brincadeira, o lúdico, a partir dessa ação a criança aprende a entrar na realidade e a partir de então, seguir um caminho rumo à socialização; Nesse momento do desenvolvimento infantil é de suma importância à atuação de um profissional competente, que conheça o desenvolvimento da criança como um todo, ou seja, em seus aspectos motor, cognitivo, emocional, social, cultural e psicológico, atendendo as reais necessidades e interesses da criança com a qual está trabalhando. Deve-se então, estar considerando e valorizando seus aspectos de desenvolvimento, sua maneira de aprender, seus conhecimentos prévios, e ter consciência do papel da escola que está baseado em viver o presente e proporcionar vivências que tenham finalidades concretas para o cotidiano da criança. Em relação ao desenvolvimento dos movimentos fundamentais, a idade em que se encontram as crianças que frequentam a educação infantil é a ideal. Esses movimentos devem ser explorados e vivenciados, porque são eles que constituem a base da aquisição motora posterior, possibilitando a vivência do lúdico, do jogo simbólico, tão importantes nessa fase.

Assim, podemos sugerir que pensar a presença da educação física em uma escola de educação infantil não é uma tarefa fácil. Está posto o desafio de consolidar a disciplina como uma das áreas de conhecimento na educação infantil, valorizando seu conjunto de saberes e todas suas possibilidades de contribuição para uma formação humana integral.

Entretanto somente por meio de críticas e de outros trabalhos será possível continuar nossas reflexões e debates, garantindo, cada vez mais, o enriquecimento da nossa formação e intervenção pedagógica.

## **6 Considerações finais**

Enfim, podemos propor ao final deste estudo que ao se tratar da educação física na educação infantil entramos num campo bem escasso de produções teóricas, de pesquisas e de estudos que contribuam para que seja legitimada a participação do professor de educação física neste nível educacional.

Observamos que mesmo quando presente a educação física na educação infantil não está “esclarecida” para os demais profissionais das instituições de ensino, para os pais e muitas vezes nem para o próprio profissional de educação física qual o seu papel e qual peso teria sua participação nessa fase que é totalmente, quase que completamente motora. Sendo assim, não há valor para o profissional, ocorre baixa procura pelos profissionais da área por conta da baixa remuneração, falta estímulo para que esse profissional se desempenhe como deveria. É preciso que sejam criadas novas oportunidades e possibilidades de pesquisa a respeito da educação física na educação infantil deixando claro para as autoridades da educação e para a sociedade, a tamanha

importância e o quanto esse profissional pode contribuir no desenvolvimento integral da criança nesta fase escolar.

E a partir disso que sejam elaboradas normas, projetos, referenciais teóricos que se tornem referências e aporte para que se possa exigir aquilo que já é determinado por lei (conforme o artigo 26, inciso 3º, da LDB 9.394/96, “a educação física é componente curricular da educação básica.” Em 2001, na tentativa de garantir a presença da educação física em toda educação básica, foi acrescentado ao texto o termo “obrigatório” a esse texto). E porque ainda não acontece, por que ainda existem tantas escolas de educação infantil que nem sequer conta com o auxílio de um profissional de educação física na construção de seu projeto político pedagógico, quem dirá sua presença em uma aula semanal sequer com essas crianças?

Acreditamos que devido à desvalorização recorrente da educação física no cenário educacional e do desconhecimento de sua real importância na formação do indivíduo. Sendo assim, é necessário que as escolas de educação infantil ofereçam aulas de educação física, ofertando a seus alunos um vasto repertório motor onde, sabemos que nos dias atuais é bastante limitado em nossas crianças devido a ausência de atividades motoras oferecidas em brincadeiras tradicionais e de rua, que estão perdidas devido a falta de espaços que perdemos por causa da violência nas ruas, devido ao excesso de tecnologia oferecido as pequenos, a falta de tempo e de motivação dos pais de brincarem com seus filhos, enfim.

Somente após isso que devemos nos preocuparmos com seu desenvolvimento e movimentação mais especificamente. Sobretudo, demonstro aqui a necessidade de refletirmos e buscarmos a melhora desse cenário da educação física na educação infantil.

## Referências

SILVA; S., J., E. **A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino**; Revista Brasileira Ciência do esporte; Campinas; v.26, n. 3, p. 127-142, mai 2005.

GARANHANI; C., G. **A educação física na escolarização da pequena infância**; Pensar a prática; São Paulo; v.5, n.1, p.106-122, Jul-Jun 2001-2002.

NUNES; P., D.; NASCIMENTO F., V. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de educação física na educação infantil**; Movimento; Porto Alegre; v.13, n.2, p.37-53, mai-ago 2007.

ROLIM; R., L. **O professor de educação física na educação infantil: uma revisão bibliográfica**; dissertação de conclusão de curso Uninove-Capés; São Paulo, 2004.

MAGALÃES; S., J., et al. **Educação física na educação infantil: Uma parceria necessária**; Revista Mackenzie de educação física e esporte; Campinas, v.6, n3, p 43-52, 2007.

SILVA; R., M.; PIRES L., G. **Educação física na educação infantil: retomando projetos e apontando caminhos**; Motrivivência; São Paulo, v.12, n. 29, p 07-12, jul 2009.

SOARES; F., A. **Os projetos de ensino e a educação física na educação infantil;** Pensar a prática; Minas Gerais, v.5, n.1, p. 15-38, jul-jun 2001-2002.

FERRAZ; L., O.; MACEDO; L. **Reflexões de professores sobre a educação física na educação infantil incluindo o referencial curricular nacional;** Revista paulista de educação física; São Paulo; v.15, n.1, p 83-102, jan-jun 2009.

BASEI; P., A. **A educação física na educação infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança;** Revista Iberoamericana de educación; Universidade federal de Santa Maria; Santa Maria; v.47, n.3, p 1-12, Out 2008.

TRINDADE; P., N., M; et al. **Educação física na educação infantil;** 3º Conceno Castanhal e Belém do Pará; Pará 2010.

FREIRE; J., B. **Educação de corpo inteiro-teoria e prática da educação física.** São Paulo; Scipione, 1989

## JOGO COMO CONTEÚDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Klyfanie Danna Nascimento Pinto<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que forma o jogo é abordado pelos professores de Educação Física escolar. Realizamos uma revisão de literatura, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema, através de um questionário contendo cinco questões, sendo uma fechada e quatro abertas. Participaram dez professores de escolas estaduais do município de Sumaré - SP. Os resultados obtidos, após análise das respostas, indicam que o jogo é abordado de forma lúdica, recreativa, cooperativa, para o ensino de modalidades esportivas, e ainda como forma de aquecimento para a prática de outras modalidades e integração. Posteriormente ao diagnóstico dos resultados podemos sugerir que os professores utilizam o jogo como ferramenta pedagógica, o que possibilita empregá-lo de varias formas. Dentre elas o jogo pode ser empregado como ferramenta para a introdução de valores que são importantes para o desenvolvimento do ser humano, tais como perder, ganhar, fracasso, sucesso, amizade, rejeição, aceitação, cooperação e ansiedade; e em outra perspectiva como a ideia de dar base para conceitos esportivos, como por exemplo: técnica, tática, ataque, defesa. Ainda verificamos que o jogo pode interferir de maneira positiva no desenvolvimento físico, motor e cognitivo dos alunos.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Jogo e Ensino.

### ABSTRACT

This study aimed to analyze the way the game is approached by teachers of Physical Education. We conducted a literature review and a qualitative field research with questions on the subject, through a questionnaire containing five questions, one down and four up. Participated in ten teachers of state schools in the municipality of Sumaré - SP. The results obtained after analyzing the responses indicate that the game is approached in a playful manner, recreational, cooperative, for teaching sports, as well as to warm to practice other modalities and integration. After their diagnosis of the results we can suggest that teachers use the game as a pedagogical tool, which allows use it in many ways. Among them the game can be used as a tool for introducing values that are important for the development of the human being, such as lose, win, failure, success, friendship, rejection, acceptance, cooperation and anxiety; and in another perspective as the idea of giving the basis for sporting concepts, such as: technical, tactical, attack, defense. Yet we find that the game can affect positively the physical, motor and cognitive students.

**Keywords:** Physical education; Games and positive way Teaching in physical, motor and cognitive students.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: kd\_nascimento@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## 1 Introdução

A Educação Física ganhou espaço nas escolas como uma disciplina academicamente orientada e aceita, quando se mostrou importante para a formação da “vida” de estudantes. Em um passado não muito distante a Educação Física era vista apenas como prática esportiva, onde eram ensinados os esportes e habilidades técnicas aos alunos, após a década de 80, os conceitos relacionados à Educação Física escolar foram se evoluindo, a influência na parte intelectual e sócio cultural e não somente na parte física, enfim parecem unir a prática com a teoria, o que culminava em benefícios aos alunos.

Através das teorias foi possível linear o conteúdo escolar, com desenvolvimento motor, o que possibilitou utilizar os jogos para auxiliar em inúmeros aspectos da formação como saber lidar com pressão, princípios morais e éticos, entre outros e desta forma o fenômeno “jogo” se encaixa nas aulas de Educação Física, como um recurso pedagógico eficiente.

Mas afinal o que é o jogo? Para Kishimoto (2001) tentar definir o jogo não é uma tarefa fácil, podendo a mesma ser entendida como, por exemplo, jogos políticos, jogos de adultos, de crianças, xadrez, contar histórias, brincar de mãe e filha, quebra cabeça, etc.

O jogo é um fenômeno complexo, onde definições podem nunca ser totalmente exatas, pois dependendo do tempo e local que foram escritas, possam ter sentidos diferentes. Diante de tantos conceitos, o jogo é um momento prazeroso, de entrega, fantasia, onde o participante transforma o ambiente em seu palco para a realização, onde um objeto possa ter outro significado, criação de novas brincadeiras e brinquedos.

Segundo Freire e Scaglia (2009) o jogo é uma categoria maior, uma metáfora da vida, uma simulação lúdica da realidade, que se manifesta, que se concretiza, quando as pessoas fazem esporte, quando lutam, quando fazem ginástica, ou quando as crianças brincam.

O jogo pode ser considerado como uma mera ferramenta a ser utilizada nas aulas de educação física como para o ensino de iniciação de modalidades esportivas, esquecendo-se da sua extrema importância para o desenvolvimento de seu participante, no aspecto cognitivo, físico, social e emocional, levando em consideração a diversidade de atividades a serem trabalhadas para o desenvolvimento de uma sociedade pensante e formadores de opiniões.

Diante deste cenário amplo uma questão emerge: de que forma os professores abordam o jogo nas aulas de Educação Física escolar?

## 2 Revisão bibliográfica

Identificar e compreender de que forma o jogo é abordado nas escolas, foi foco da visita a literatura feita neste estudo, tendo como propósito final apresentar o estado da arte aos professores da área de Educação Física escolar.

Em síntese, a literatura sobre o jogo na Educação Física escolar, demonstra uma diversidade conceitual, sobre a melhor forma de se trabalhar o jogo nas escolas como segue. Lavoura e Machado (2007) e Alves (2007) tiveram como objetivo em seus estudos compreender qual contribuição do jogo nas aulas de Educação Física. Grise (2006) e Santos (2004) procuram investigar e refletir sobre os tipos de jogos, origens, sistematização e o significado para o desenvolvimento humano nas aulas de Educação Física. Freire e Feijó (2008) investigam como as atividades lúdicas possibilitam à

compreensão nos planos, motor, moral, intelectual, afetivo, social e estético. Em relação aos métodos, Grise (2006) e Santos (2004) fizeram revisão bibliográfica para tentar conceituar o jogo. Alves (2007) e Lavoura e Machado (2007) aplicam questionários para professores da rede pública e privada. Já Freire e Feijó (2008) realizam uma pesquisa de campo com a aplicação de diversas formas de jogos como por exemplo, jogos de faz-de-conta, jogos de construção ou de brincadeiras populares, participaram do estudo quinze crianças, sendo nove meninas e seis meninos. Em seus resultados as pesquisas Grise (2006) e Santos (2004) apontam diferenças sobre o conteúdo da Educação Física escolar, e suas considerações sobre o jogo nas três perspectivas construtivista, desenvolvimentista e crítico superadora, e ainda sugerem que dependendo da forma que o jogo é tratado pode ser desvalorizado. Alves (2007) e Freire e Feijó (2008) apontam para um avanço significativo no desenvolvimento da leitura, da escrita e das noções lógicas-matemáticas, o que promove aumento da autoestima das crianças, e ainda contribuiu para o desenvolvimento social, ressaltando as virtudes como generosidade, companheirismo, resiliência, justiça e afeto. Lavoura e Machado (2007) verificaram que por partes dos professores a conceituação de jogo se deu de forma generalizada e simplificada, reduzindo de certa forma o conceito de jogo, desconsiderando sua complexidade e transcendência de realização. As conclusões dos artigos revisados apontam a partir da reflexão sobre a importância dos jogos na Educação Física escolar, que a realidade e a contextualização do ambiente ressaltam os benefícios resultantes dos jogos, mas ainda há uma grande lacuna sobre as análises do conceito do jogo.

Esta disparidade encontrada na literatura nos levou a questionar a forma como o jogo é visto pelos profissionais da área.

#### **4 Objetivo**

Analisar de que forma o jogo é abordado pelos professores de Educação Física nas escolas.

#### **5 Método**

O presente trabalho se deu através de uma pesquisa qualitativa, contendo cinco questões abertas que foram respondidas por dez professores de Educação Física da rede estadual, na cidade de Sumaré – São Paulo.

#### **6 Resultados e discussões**

Foram analisados dez professores da rede estadual da cidade de Sumaré – São Paulo, com um questionário contendo cinco questões.

##### **Respostas dos participantes em relação ao questionário**

Questão 1 Os participantes do questionário têm tempo de atuação na educação física escolar média entre 04 anos e 31 anos.

- Questão 2 50% dos participantes responderam que **sim**, tiveram a disciplina que abordava sobre o jogo. 30% responderam que **não** tiveram a disciplina. 20% responderam que **sim**, o jogo foi tratado dentro de outras disciplinas como recreação e lazer.
- Questão 3 50% dos entrevistados responderam que a disciplina abordou conteúdos teóricos, práticos e a importância do jogo na escola. 50% responderam que eram trabalhadas atividades dentro da disciplina de recreação e lazer.
- Questão 4 50% dos entrevistados disseram trabalhar o jogo de forma lúdica, recreativa, cooperativa e com jogos populares. 40% disseram trabalhar com jogos pré-desportivos e adaptações dependendo da faixa etária. 10% utilizam o jogo como aquecimento e integração.
- Questão 5 50% dos entrevistados responderam que o jogo é extremamente importante para todas as faixas etárias, que através do jogo é possível trabalhar aspectos essenciais no desenvolvimento humano, tais como a socialização, inserção de regras, habilidades motoras e o cognitivo, auxiliando a buscar soluções rápidas dentro das atividades, influenciando na vida dos alunos. 40% falam da importância do jogo com o objetivo de inserção de modalidades esportivas, que através das regras do jogo formal é visto como consequência os valores morais e capacidades físicas melhoras. 10% acreditam na importância do jogo, pois ele é bem aceito em qualquer circunstância.

Na intenção de se chegar a algumas considerações finais, através da pesquisa apresentada foi possível pontuar algumas noções de como o jogo é abordado dentro das escolas estaduais do município de Sumaré – SP. Pudemos verificar que o jogo nas aulas de Educação Física se trata de uma ferramenta pedagógica importantíssima para todas as idades, e que a maioria dos professores abordam o jogo de várias formas, como um conteúdo específico, para o desenvolvimento humano, sendo desenvolvida a personalidade das crianças, nos jovens ou adultos, trabalhando a simulação de como será sua realidade, além da utilização para ensinar esportes, não cabendo apenas como um complemento para as aulas de Educação Física. Quarenta por cento dos professores

abordaram o jogo com uma finalidade de apresentar modalidades esportivas, ou seja, o jogo era como pré desportivo, e uma porcentagem pequena dos professores disseram acreditar apenas na importância, porém apenas o utilizam para aquecimento ou integração dos alunos.

Com os dados obtidos pela pesquisa podemos afirmar que o jogo nas aulas de educação física são utilizados de diferentes formas, levando grande benefícios para os alunos que estão integrados em suas aulas.

## **7 Considerações finais**

Pensando em apenas auxiliar, contribuir para os professores de Educação física, deixo algumas ideias de como trabalhar o jogo nas escolas. Para aulas de educação infantil o jogo é muito importante para auxiliar na formação como pessoa, envolvendo regras, o convívio com outras crianças, no desenvolvimento da personalidade da mesma, além de trabalhar habilidades motoras e atividades que auxiliam na cognição. Auxiliando no trabalho de criação, imaginação, associando ao jogo simbólico, sendo assim mais tarde as crianças poderão representar aquilo que criaram em sua infância ou representação mental, implicando no desenvolvimento motor, daí vem à importância do jogo na Educação Infantil, trazendo o faz de conta a tona.

No ensino fundamental – Séries iniciais são trabalhados aspectos intelectuais, sensoriais, motoras, morais, sociais e afetivas, é uma fase em que as crianças estão se desenvolvendo, tendo contato com o exterior do mundo, tratando de serem ainda egocêntricas, com dificuldades de representação dos seus pensamentos, de socialização, sem conhecer os limites, com o convívio com outras crianças ela começa a ter um julgamento do que é certo ou errado, do bem ou mal. Segundo Freire (2005)“...o potencial educativo do jogo é mais forte que o mencionado pelos pedagogos de modo geral e é mais importante que pelo que pode arrastar na sua sedução, isto é, o caráter utilitário fartamente aproveitado pela escola.” O desenvolvimento cognitivo do pensamento operatório concreto nestas crianças trata de organizar de espaço e tempo mentalmente, é uma fase que tem a seriedade, porém a criança transita ainda pelo egocentrismo, e o jogo buscar seduzir a criança para a interação, para o desenvolvimento geral da criança são possíveis atividades como queimada, pega-pega, para que haja uma interação, além das habilidades motoras serem muito utilizadas, criação de regras, como respeito entre eles.

Fundamental – Séries Finais trabalham todos os aspectos citados acima, porém, com outra visão, pois agora são jovens que obtém habilidades motoras aperfeiçoadas, pelo menos é o esperado, é uma fase onde os jovens transitam para a puberdade, onde há alterações bruscas físicas, intelectuais, morais e sociais, fase bastante delicada, elas entram confronto com si mesmas, tem o poder de criticar e substituir conceitos concretos pelo hipotético. Podendo ser trabalhado jogos como o bobinho, futebol em dupla, entre outros. Auxiliando no acolhimento destes jovens que muitas vezes tornam se confusos, com o mundo que experimentam.

No ensino médio o jogo pode ser utilizado como ferramentas de integração, práticas corporais, ensino de modalidades esportivas, inserção de lutas, auxiliar no bem estar dos alunos, entre outros.

O jogo pode ser trabalhado todo o percurso escolar, cabe aos docentes saberem como utilizar de forma adequada.

## Referências

- ALVES, R. L. **O jogo na educação física escolar: atribuições dada pelo professor**, Volta redonda, RJ, 2007.
- CARNEIRO, K. T. **O jogo na educação física: as concepções dos professores**. Phorte, São Paulo, 2012.
- FREIRE, J.B.; SCAGLIA, A.J. **Educação como prática corporal**. 1 ed., Scipione, São Paulo, 2009.
- FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. 5 ed., Scipione, São Paulo, 2009.
- FREIRE, J.B. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2. ed. Campinas, Sp. Autores Associados, 2005.
- FREIRE, J. B.; FEIJÓ, A. T. M. Oficinas do jogo: uma abordagem pedagógica transdisciplinar nas séries iniciais do ensino fundamental; **Revista Brasileira Ciências e Esporte, Campinas**, v. 29, n. 3, p. 107-121, Maio. 2008.
- GALVÃO, Z. A construção do jogo na escola. **Motriz**, v. 2, n 2, Dez. 1996.
- GRISE, J. N. **O jogo na educação física escolar: uma experiência como professora/ Jane Nunes Grise**; Campinas, SP, 2006.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Campinas – SP, 1996.

## A INCLUSÃO DO CADEIRANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Lidia da Silva Barbosa<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

Estudos específicos mostram que as pessoas portadoras de paralisia cerebral que usam cadeiras de rodas nas suas atividades da vida diária podem ser estimuladas a participar das aulas de Educação Física, assim elas têm condições de compreender a importância das atividades físicas regulares no cotidiano e como elas podem proporcionar além do melhoramento físico, o melhor desempenho das capacidades, cognitivas, socioafetivos e psicomotores dos alunos envolvidos. Proporcionando saúde e qualidade de vida, bem como a criação de alternativas de intervenção que vise seu bem-estar biopsicossocial. Portanto, refletir a cerca da inclusão através da saúde, acessibilidade, na construção das relações sociais, e outros benefícios que prática de atividades físicas regular pode proporcionar no cotidiano. Visto que o cadeirante é uma pessoa que embora tenha suas limitações reduzidas, são capazes de exercerem limitadas atividades normalmente dentro de suas possibilidades, desde que sejam respeitadas, estimuladas e encorajadas para isso. Neste contexto buscou-se realizar uma pesquisa descritiva que é essencialmente qualitativa, definida como estudo de caso, baseado na Proposta Pedagógica. Utilizando como instrumentos metodológicos, as pesquisas bibliográficas, questionário e observações. Que apresenta o resultado da análise dos dados coletados a partir do questionário realizado para o aluno e o professor de educação física escolar da escola.

**Palavras-chave:** Inclusão, Cadeirante, Educação física escolar, Atividade física adaptada.

### ABSTRACT

*Specific studies show that people with cerebral palsy who use wheelchairs in their activities of daily living can be encouraged to participate in physical education classes, so they are able to understand the importance of regular physical activity in daily life and how they can provide beyond the physical improvement, the best performance capabilities, cognitive, social-affective and psychomotor of the students involved. Providing health and quality of life as well as the creation of policy alternatives aimed at their bio psychosocial welfare. So think about the inclusion through health, accessibility, construction of social relations, and other benefits that regular practice of physical activities can provide in daily life. As the wheelchair is a person although it has reduced its limitations, are able to exercise normally limited activities within their means, subject to compliance, stimulated and encouraged to isso. Neste context we sought to carry out a descriptive research that is essentially qualitative , defined as a*

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [lili\\_polaka@hotmail.com](mailto:lili_polaka@hotmail.com) )

<sup>(2)</sup> Prof. Ms. em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

*case study, based on the pedagogical proposal. Using as methodological tools, bibliographical research, questionnaire and observations. Presenting the results of the analysis of data collected from the survey conducted for the student and the teacher of school physical education.*

**Keywords:** *Inclusion, Wheelchair, Physical education, adapted physical activity.*

## 1 Introdução

Segundo Santos e Paulino (2008), a inclusão escolar refere-se a todas as formas educacionais escolares que buscam minimizar o processo de exclusão, maximizando a participação do aluno no processo educativo e proporcionando uma educação consciente para todos. Pode ser entendida como uma concepção de educação voltada para a diversidade, que reconhece as semelhanças e diferenças humanas e também considera como um direito de todos os cidadãos.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, deficiência é o substantivo atribuído a toda a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica. Refere-se, portanto, à biologia do ser humano. Segundo Gil et al (apud KELMAN, 2010, p. 259) a deficiência física diz respeito a perda ou redução da capacidade de movimento de qualquer parte do corpo em decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou malformações congênitas e adquiridas.

Verifica-se que, a cadeira de rodas constitui-se em uma parte fundamental na qualidade de vida do deficiente físico portador de paralisia cerebral ou não, pois é nela que o indivíduo passa diversas horas do seu dia. Observa-se que a atividade física regular pode propiciar condições para o seu bem estar, através dos exercícios o melhoramento físico, ocorrerá no desempenho do trabalho, estudo ou lazer, em todas as suas atividades cotidianas por ele desempenhadas. Em síntese, a prática de atividade regular passa ser um direito de cidadania.

Paralisia cerebral (PC) é descrita inicialmente em 1843, com a denominação de Síndrome de Little é conhecida também pelo termo Encefalopatia Crônica da Infância. A definição mais aceita atualmente remonta ao simpósio de Oxford (1959): "Paralisia Cerebral é a seqüela de uma agressão encefalopática que se caracteriza, principalmente, por um transtorno persistente - mas não invariável - do tônus, postura e do movimento, que aparece na primeira infância e que não só é diretamente secundário a esta lesão não evolutiva do encéfalo, se não devido também à influência que tal lesão exerce na maturação neurológica". Compreende-se pelo exposto acima que a PC não é uma doença evolutiva.

A Paralisia Cerebral Diplegia Ocorre em 10 a 30 % dos pacientes, sendo a forma mais encontrada em prematuros. Trata-se de um comprometimento dos membros inferiores, comumente evidenciando uma acentuada hipertonia dos adutores, que configura em alguns doentes o aspecto semiológico denominado síndrome de Little (postura com cruzamento dos membros inferiores e marcha "em tesoura").

Distrofia muscular: As doenças chamadas de distrofia muscular afetam o músculo e causam fraqueza. O músculo dá sustentação ao esqueleto, permite que as articulações se movimentem e que possamos fazer os movimentos do nosso corpo. As pessoas com distrofia muscular não conseguem movimentar adequadamente os braços, as pernas, o rosto enfim todas as partes do corpo. As distrofias musculares são doenças genéticas, nas quais o músculo sofre destruição (degeneração).

## 2 Revisão bibliográfica

O paradigma da inclusão emerge com mais ênfase após a Declaração de Salamanca (1994), que proclama em um de seus tópicos que “as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo.”

Diante desta indagação procuramos explorar a literatura com intuito de verificar o atual estado da arte quanto a inclusão, como segue.

Falkenbach, et al. (2007), Fiorini (2010), Santos (2010) e Santos e Souza (2011) investigam como a inclusão é tratada nas aulas de Educação Física. Com a inclusão inserida no contexto da Educação Física escolar, Tanure e Duarte (2014) procuram verificar como a inclusão está acontecendo, porém sobre a ótica dos alunos com deficiência. Com o tema inclusão sendo amplamente discutido estudos mais específicos emergem como Araujo (2011) que realiza uma pesquisa com o objetivo de verificar como ocorre o processo de inclusão de alunos com deficiência física cadeirantes. Nesta perspectiva Wolker e Freitas (2014) procuram identificar atitudes de alunas com deficiência física cadeirante para a participação em aulas de educação física. Porém é notório que há dificuldade, por parte dos envolvidos com o processo de inclusão em lidar com a situação quando ela realmente é efetivada isto fica claro quando encontramos na literatura estudos como o de Afonso e Munster (2006) que procuram elaborar um inventário direcionado aos professores de Educação Física, que auxilie na constatação das reais necessidades dos alunos com deficiências em suas aulas.

Os problemas em lidar com a inclusão ficam evidenciados no resultados dos estudos revisados (FALKENBACH, et al. 2007; ALVES; DUARTE, 2014; AFONSO; MUNSTER, 2006; SANTOS, 2010), que mostram que as escolas não são inclusivas em relação à Educação Física escolar, nota-se que não há motivação por parte dos professores, há uma falta de preparo para conduzir o processo educacional de modo coerente com a perspectiva inclusiva, falta acompanhamento dos pais e apoio do sistema, além das precárias condições de acessibilidade e permanência do estudante com deficiência física cadeirante no ambiente escolar.

Os autores (NOGUEIRA; REIS, 2011; WOLKER; FREITAS, 2014; XAVIER, 2013; ARAUJO, 2011; MIE, et al., 2014) sugerem mais ações no sentido de tornar real aquilo que a princípio nos parece estranho ou diferente, trabalhando a inclusão desde as séries iniciais, para que no futuro, esses jovens vejam o deficiente físico não como mais um problema social, mas sim como um cidadão comum com uma certa limitação, que pode e deve viver com seus semelhantes independente de tudo. Ainda propõe que para chegar a um resultado positivo deve-se ter uma proposta Pedagógica com intuito de construir uma educação de qualidade, e que atenda as expectativas almejadas, torna-se necessário buscar subsídios para auxiliar pais e professores sobre a necessidade de refletir sobre as possibilidades da efetiva integração do aluno com deficiências. Ainda Xavier (2013) recomenda que as pessoas portadoras de paralisia cerebral que usam cadeiras de rodas nas suas atividades da vida diária podem ser estimuladas a participar das aulas de Educação Física, assim elas teriam condições de compreender a importância das atividades físicas regulares no cotidiano e como elas podem proporcionar além do melhoramento físico, o melhor desempenho das capacidades, cognitivas, socioafetivos e psicomotores e relata que os alunos portadores de paralisia cerebral que fazem uso de cadeiras de rodas nas aulas de Educação Física,

são submetidos a participar de aulas que geralmente são trabalhadas com recreação e atividades lúdicas, aulas que não proporcionam uma prática de atividades físicas.

Diante do exposto podemos verificar que o processo de inclusão do deficiente físico cadeirante muitas vezes só acontece na teoria, por a maioria dos estudantes serem ditos normais, os deficientes encontram diversas dificuldades que começam na estrutura da escola que nem sempre possuem adaptações adequadas para sua segurança, muitas vezes não há interesse do docente ou talvez ele não esteja capacitado para fazer adaptações e também a falta de materiais nas aulas de Educação Física, a ausência do diretor e dos próprios pais para juntos mudar essa realidade, além de tudo isso o deficiente físico sofre com os comentários maldosos de seus colegas de sala e por isso muitas vezes deixam de frequentar as aulas de Educação Física escolar com medo de sofrer represálias e se sentem totalmente inseguros e sozinho e acabam se isolando dos demais. (SANTOS, 2010; SANTOS; SOUZA, 2011; FALKENBACH et al, 2007; ALVES; DUARTE, 2014).

Como a temática da pesquisa é sobre o deficiente cadeirante vale ressaltar que as pesquisas realizadas (COSTA, FLAVIA, ARAUJO, 2011; WOLKER, S.M.; FREITAS, S. ALVES, DUARTE 2014; TANURE, M. L. A. DUARTE, E. 2014; XAVIER, M.E. 2013; AFONSO; MUNSTER, 2006;) mostram que a criança cadeirante, que frequenta a escola de ensino regular, não tem participação alguma na aula de educação física escolar.

O que nos leva a perguntar se a inclusão do cadeirante nas aulas de Educação Física realmente ocorre.

### **3 Objetivo**

Os Portadores de paralisia cerebral, com uso de cadeiras de rodas atualmente não costumam praticar atividades físicas adaptadas regulamente o que tem contribuído para uma saúde comprometida devido ao sedentarismo que é uma das principais causas de problemas de saúde que atingem pessoas de todas as idades que tem comprometido cada vez crianças, jovens e adultos. As práticas de atividades físicas regulares exigem profissionais preparados e comprometidos, pais e professores que incentivem a prática regular no cotidiano. Portanto, foi elaborado um questionário para o professor e outro para o aluno para saber como anda a prática da inclusão na aula de educação física da E.E.Prof<sup>o</sup> Leonilda Rossi Barriquelo – Sumaré.SP.

### **4 Método**

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema a um professor e a um aluno cadeirante, além de observações em aulas práticas e teóricas.

Ambos de uma escola estadual da cidade de Sumaré, os quais responderam um questionário com 08 perguntas para o professor e 06 perguntas para o aluno.

### **5 Resultados e discussões**

Ao analisarmos as respostas do professor observamos na primeira pergunta "A escola solicita algum protocolo médico sobre a deficiência do aluno", ele respondeu que não.

Na segunda questão sobre “algum tipo de conhecimento sobre a inclusão”, ele respondeu que fez apenas curso de libras e inclusão no ano de 2000 e 2013.

Seguindo com a pesquisa, na terceira pergunta “Qual a maior preocupação e as dificuldades em ter um aluno deficiente físico cadeirante na sua aula”, o professor disse que a maior dificuldade dele é realizar atividades de inclusão devido ao grande número de alunos, sendo que a maioria não aceita atividades adaptadas com menor grau de dificuldade.

Nossa quarta pergunta questionamos “O que ele achava necessário para a melhor participação e desenvolvimento do aluno com deficiência física cadeirante em sua aula”, ele respondeu que a escola deveria divulgar mais competições em que os deficientes são protagonistas como, por exemplo, as paraolimpíadas, assim sendo além de aumentar a autoestima do deficiente os outros alunos passar a respeitar e vê-lo como pessoas capazes de realizar atividades apesar da deficiência.

Na quinta pergunta “Se considerava sua formação adequada para trabalhar com alunos que possuem deficiência física”, ele respondeu que sim, a formação dele é adequada, pois além da experiência que teve no curso da graduação na universidade procurei me capacitar através de cursos.

Na sexta pergunta “Se empregava estratégias e adaptações para atender o aluno deficiente em suas aulas”, ele respondeu que não.

Na penúltima pergunta “Se conta com algum esquema de apoio ou auxílio, como equipamentos adaptados para a prática de esporte”, ele respondeu que não, conta somente com uma cuidadora que não tem preparo algum para esse tipo de atividade junto ao cadeirante.

Na última pergunta “Sobre o que ele acha se com seu método o aluno deficiente físico cadeirante está totalmente incluso nas aulas de educação física escolar”, ele respondeu sem hesitar que a falha é de todo o sistema.

Quanto ao questionário dado ao aluno deficiente físico o mesmo respondeu na primeira pergunta “Quantos alunos cadeirantes haviam na sala”, respondeu que somente ele.

Na segunda questão “Sobre qual era sua participação nas aulas de educação física escolar”, ele respondeu que ele não tinha participação alguma.

Na terceira pergunta “Se o professor de Educação Física aplicava atividades físicas adaptadas”, e resposta foi que não.

Já na quarta pergunta “O que o aluno cadeirante achava das aulas de Educação Física escolar”, ele disse que achavam chatas, pois não faz nada.

Na penúltima pergunta “Se ele possuía algum tipo de apoio ou ajuda de seus colegas de sala para praticar as atividades”, ele disse que não.

Na última pergunta “Como ele se sentia em relação aos seus colegas de sala durante as aulas de Educação Física escolar”, ele respondeu que se sente triste, porque sempre fica no canto da quadra olhando sem participar de nada por isso se sente envergonhado nas demais aulas e durante toda sua permanência na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. É em consonância com essa discussão, que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) número 9.394 de 1996 destina o seu título V à Educação Especial, especificando em seu artigo 58 que:

Artigo 58 – Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portadores de necessidades especiais. Nesse sentido, o capítulo destina o artigo 59 para sistematizar e direcionar a Educação Especial. Artigo 59 – Os sistemas de

ensino assegurarão aos educando com necessidades especiais: I – Currículos, métodos, técnicas, recursos e organização específicos, para atender às suas necessidades.

## 6 Considerações finais

Nossa intenção não foi questionar o trabalho do professor, mas sim chamar a atenção para o problema da inclusão que como podemos notar no nosso estudo a pratica não raflate a teoria e pior a ótica do profissional de Educação Física é totalmente milpe quando comparada a do aluno.

A graduação deveria nos preparar melhor para atuarmos com a inclusão, aumentando nossa carga horária de estagio em necessidades especiais, aumentando nossa grade curricular com disciplinas voltadas para esse tipo de intervenção, exigindo das instituições superiores de ensino que não possuem disciplinas voltadas para o tema que as ofertem.

Precisamos de mais pratica na área ou continuaremos agindo da mesma maneira, evitando trabalhar com inclusão ou se graduando na área e trabalhando em instituições voltadas apenas para se trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, deixando o ensino regular carente desses profissionais capacitados.

## Referências

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais – NEE** In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

AFONSO, C. M. S; MUNSTER, M. A. V. Proposta de Inventario de Avaliação das Condições de Inclusão de Alunos com Deficiências nas Aulas de Educação Física Escolar. 2008.

ARAUJO, F.C. Estudantes com Deficiencia Fisica Cadeirante e o Processo de Inclusao Escolar no Contexto Municipal de Ensino de ALEXANIA-GO. 2011.

BRASIL, Lei nº 9.394. Lei das Diretrizes e Base da Educação Nacional, 20 de Dezembro de 1996.

FALKENBACH, et al. A Questão de Interação e da Inclusão nas Aulas de Educação Física. **Revista Digital. Buenos Aires.** Ano 11 n. 106. Março. 2007.

FIORINI, M. L. S. Concepção do Professor de Educação Física Sobre a Inclusão do Aluno com Deficiência. **Marília.** 2011.

WOLKER, S.M.; FREITAS,S. Educação Fisica e Inclusao:Como Faço para Contar Pontos?. **Revista da Sobama.Marilia.** v. 15, n. 2, p. 37-40, Jul.Dez., 2014.

SANTOS, A. C. N.; SOUZA, V. R. M. O Paradigma da Educação Especial em Escolas Municipais de Ensino Fundamental na Cidade de Aracaju na Área da Educação física. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** v. 06, jan./jun. 2011.

SANTOS, L. A. AS Representações Sociais do Professor de Educação Física Sobre a Inclusão de Deficientes nas Aulas da Rede Regular de Ensino. **Londrina**. 2010

TANURE, M. L. A.; DUARTE, E. A Percepção dos Alunos com Deficiências Sobre a sua Inclusão nas Aulas de Educação Física Escolar: Um Estudo de Caso. **Rev. Bras. Fis. Esporte**, Abr – Jun; 28(2): 329-38,329. **São Paulo**. 2014.

XAVIER, E. A Importancia das Atividades Fisicas Regulares Adaptadas para Cadeirantes nas Aulas de Educação Fisica. **Ariquemes – RO**. 2013.

## O BASQUETE É ENSINADO NAS ESCOLAS?

Rodrigo Silva Rodrigues<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O objetivo do estudo foi verificar se os alunos tem a percepção de que o basquete é ensinado na Educação Física escolar. Utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos alunos. Participaram da pesquisa 24 alunos com idade entre 15 e 17 anos estudantes do ensino médio. Os resultados destacam que poucos alunos tem a oportunidade de aprender o basquete nas escolas.

**Palavras-chave:** Basquete, Educação Física escolar, Ensino.

### ABSTRACT

The aim of the study was to determine if students have the perception that basketball is taught in School Physical Education. We use a literature review and a qualitative field research with questions on the subject to students. The participants were 24 students aged between 15 and 17 high school students. The results highlight that few students have the opportunity to learn basketball in schools.

**Keywords:** Basketball, Physical Education, Teaching.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: rodrigoedu.f@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacoboliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

Em 1891, em Massachussets por conta do inverno rigoroso tornava impossível praticar esportes que eram ao ar livre. O diretor Luther Halsey Gullick, do Springfield College, colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), Queria um jogo sem violência que poderia ser praticado durante o inverno em local fechado e no verão em locais abertos, então ele chamou o professor canadense James Naismith, e deu a missão de criar o jogo. Depois de algumas reuniões com professores de educação física da região e quase desistir da missão, ele refletindo bastante sobre o assunto, chegou a conclusão que no jogo deveria ter um alvo fixo, com um grau de dificuldade, deveria ser jogado com uma bola que quicasse com regularidade, não poderia ser agressivo, para evitar conflitos entres os alunos, e deveria ser coletivo e deveria ser jogado com as mãos, para evitar os choques entres alunos se fosse jogado com os pés, não poderia ficar muito tempo com a bola nas mãos e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos nas disputas dos lances.

O alvo ele não queria que ficasse no chão por ter outros esportes com esta característica. Ele decidiu que o alvo deveria ficar a 3,05m de altura, tendo assim um grau de dificuldade como ele queria. Só que ele não sabia o que colocar como alvo, encontrando o zelador do colégio ele perguntou se não tinha duas caixas de 8 polegadas quadradas. Então o zelador foi ao deposito e trouxe dois velhos cestos de pêssego. Com um martelo e pregos , Naismith Prendeu um cesto em cada lado do ginásio em duas pilastras a exatos 3,05m , altura que permanece até hoje. Foi criada as primeiras regras do jogo, contendo 13 itens. As regras foram fixadas no ginásio, comunicando aos alunos que tinha um novo jogo para eles. Ele explicou e organizou as equipes, foi selecionado dois capitães (Eugene Libby e Duncan Patton), cada um escolheu um lado da quadra e seus companheiros de equipe, formando duas equipes com 9 jogadores cada, escolheu um jogador de cada equipe (os mais altos) e jogou a bola para o alto. Assim aconteceu o primeiro jogo de basquete. Este jogo foi marcado por muitas faltas, quando era convertido um arremesso, um jogador tinha que subir até a cesta para pegar a bola, foi encontrada a solução algum tempo depois, que foi cortar o fundo do cesto para que a bola passasse e jogo pudesse continuar rapidamente. A primeira partida oficial do esporte foi realizada no ginásio Armry Hill, no dia 11 de março de 1892, em que os alunos venceram os professores por 5x 1, assistido por 200 pessoas.

O basquete foi introduzido nos jogos Olímpicos em 1936, nos jogos de Berlim. O basquete chegou ao Brasil 1894 trago por um norte-americano chamado Augusto Shaw, que recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo. Em 1896 Shaw montou a primeira equipe do Mackenzie College. O primeiro clube Carioca a ter uma equipe de basquete foi o América que ficava no bairro da Tijuca. Em 1922 foi convocada pela primeira vez a seleção brasileira de basquete, devido a comemoração do centenário do Brasil nos jogos Latino-Americanos, um torneio continental, em dois turnos, que o brasil foi o campeão, que tinha a seleção da Argentina e do Uruguai. Com a direção de Fred Brown. Em 1930 aconteceu o primeiro Campeonato Sul-americano de Basquete, com a participação do Brasil. Hoje o Basquete é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 paises filiados à FIBA.

Na Educação Física, os objetivos e propostas tiveram modificações ao longo dos anos. Foi incluída na escola em 1851, no Brasil. Três anos depois, a ginastica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário e a dança no secundário. Em meados de 1930 a Educação Física tinha perspectivas higienista, preocupando-se com a saúde e o desenvolvimento físico e moral a partir do exercício. A educação física militarista tinha

como objetivo preparar indivíduos para a guerra, excluindo os “incapacitados fisicamente”. Ambas as concepções consideravam a disciplina totalmente praticas, não necessitando de fundamentos teóricos (DARIDO, 2008).

“O Basquetebol é um dos mais emocionantes esportes da atualidade e observa-se um crescente aumento no número de participantes ao longo dos anos em todo o mundo. Além do mais, a constante atualização de suas regras torna o Basquetebol atraente não só como prática de competição, mas também de lazer nas horas de folga” (GUARIZI, 2007, pag. 19).

O Basquete pode ser ensinado nas escolas de uma forma lúdica apesar de ser um jogo de característica competitiva. Os jogos são importantes instrumentos de desenvolvimento de crianças e jovens, longe de servirem também, apenas como diversão, o que já seria importante, pois proporcionam situações que podem ser exploradas de diversas maneiras educativas (DOHME 2004).

Através dos fundamentos ensinados pelo basquete que são: controle do corpo, manejo de bola, drible, arremesso (jump, bandeja e gancho), finta e passe. O basquete pode ajudar Segundo Jobim, Pureza e Loureiro (2008), no desenvolvimento técnico, tático, físico, psicológico, moral e social, também desenvolvendo capacidades físicas como coordenação, ritmo, equilíbrio, força, agilidade, flexibilidade, resistência e velocidade.

Os Jogos Desportivos Coletivos (JDC), termo que engloba modalidades coletivas como Basquetebol, Handebol, Voleibol, Futebol têm grande aceitação dentro das escolas, principalmente por despertar grande curiosidade nos alunos e pela facilidade que as estruturas escolares dão para o ensino dos mesmos. Assim como o seu papel no desenvolvimento da criança e do adolescente no aprimoramento das habilidades cognitivas, afetivas, motoras e de socialização, devido à elevada complexidade e a grande exigência sobre a capacidade dos praticantes. No entanto, o ensino/aprendizagem nos esportes, em muitas situações, não é condizente com os propósitos educacionais, quanto a sua prática pedagógica, influenciada pelo esporte de espetáculo e por modelos estereotipados (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Promover a prática esportiva como o basquete no contexto escolar, é de suma importância não apenas no desenvolvimento físico do aluno, mas nos valores que o desporto proporciona como disciplina, integração da turma, espírito de competição entre outros. (SANTOS; LOUREIRO, [S/A])

## **2 Revisão bibliográfica**

Nossa revisão foi pautada em estudos que de algum modo discutem a importância do aprendizado de modalidades esportivas de um modo geral e em específico do Basquetebol.

Soares, *et al* (1992), Reverdito e Scaglia (2004), Dohme (2004), Guarizi (2007), Darido (2008), Jobim e Pureza (2008), Marconi e Lakatos (2011), Watzel (2012) e Santos e Loureiro [S/A]. De modo geral os estudos procuram investigar o acesso ao basquete na escola; identificar as formas de ensino do basquete na escola; verificar se o basquete é utilizado como conteúdo nas aulas de Educação Física; ver qual a metodo aplicado no ensino do basquete.

Quanto ao métodos as pesquisas são realizados através de revisão de literatura; aplicação de questionários; entrevistas; e por fim a utilização de um programa de ensino.

Os resultados apontam que de certo modo o basquete é ensinado nas escolas (na ótica do professor); outros não confirmam o basquete como conteúdo; há ainda a identificação de grande diferença entre a teoria e a prática no contexto escolar

Em suas sugestões a grande maioria destaca a importância do basquete no contexto escolar, na parte cultural, social, educacional, mas relatam que um dos problemas é a falta conhecimento científico, para ensino do basquetebol.

Diante da falta de consenso na literatura resolvemos investigar se realmente o Basquete é ensinado na Educação Física escolar, mas sobre a ótica dos alunos.

### 3 Objetivo

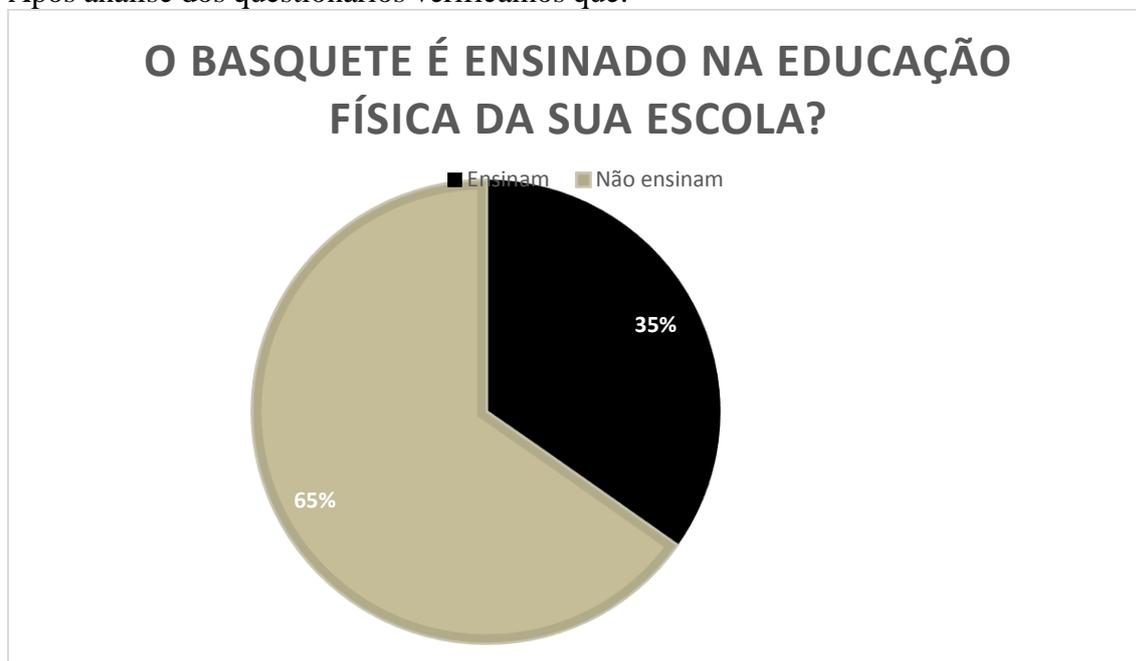
O objetivo do estudo foi verificar se os alunos tem a percepção de que o basquete é ensinado na Educação Física escolar.

### 4 Método

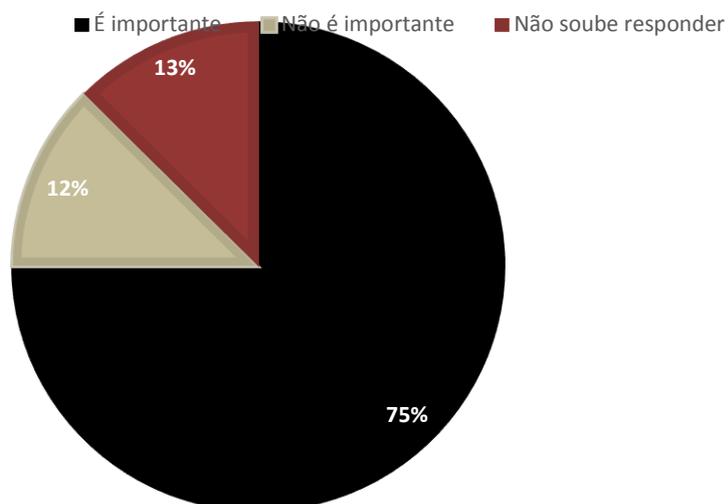
Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos alunos. Participaram do estudo 24 alunos com idade entre 15 e 17 anos, os quais responderam um questionário com perguntas, fechadas e abertas.

### 5 Resultados e Conclusão

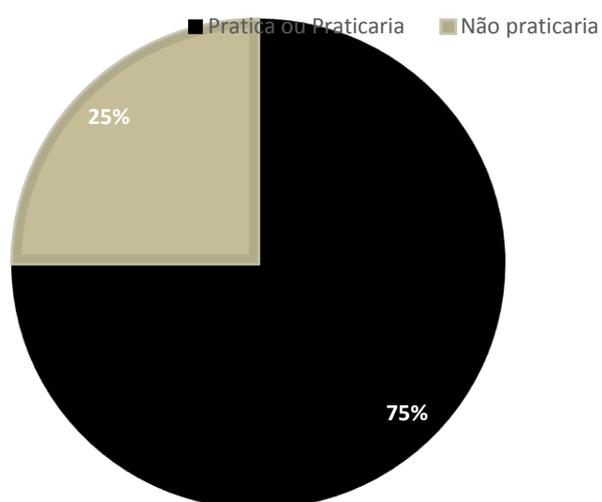
Após análise dos questionários verificamos que:

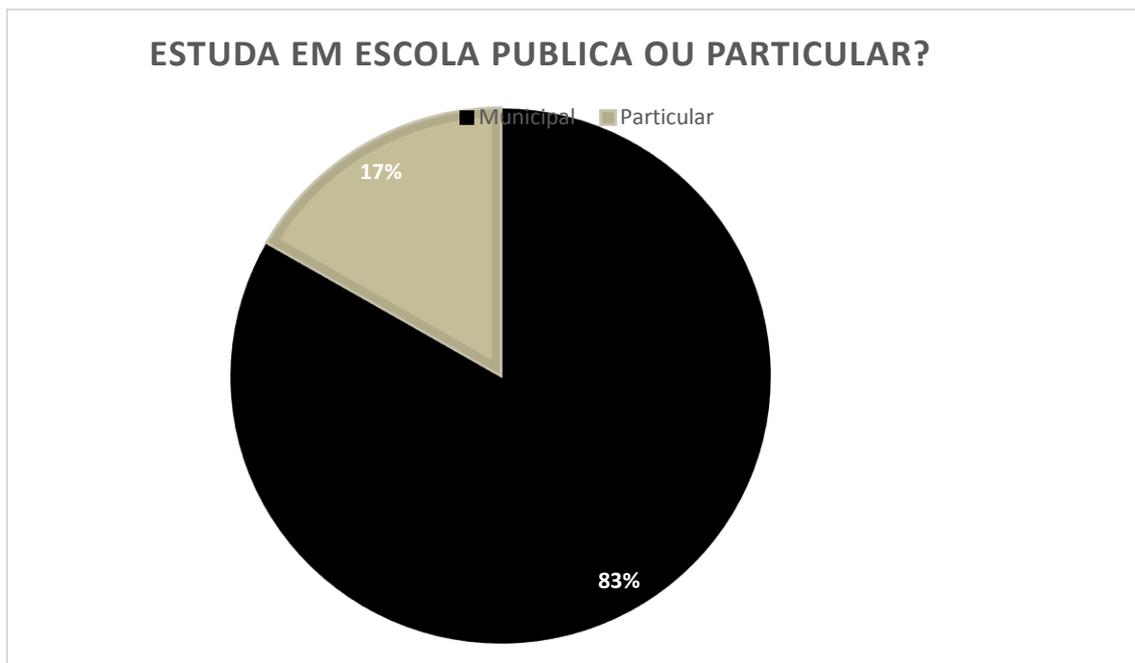


### VOCÊ ACHA QUE O BASQUETE É IMPORTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO?



### VOCÊ PRÁTICA OU PRATICARIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?





Após análise dos resultados verificamos que poucos alunos tem a oportunidade de aprender o basquete principalmente nas escolas públicas. Os quatro alunos das escolas particulares responderam que aprendem, e 7 alunos das escolas públicas disseram que tem o ensino do basquete, fora da aula de Educação Física (equipe de competição da escola) deste modo só quem tem interesse em se aprofundar na modalidade aprende.

Vale realtar que os alunos gostariam de aprender, pelo fato de 75% dos alunos responderem que praticaria.

Notamos ainda que a maior parte tem consciencia que o basquete é importante para o seu desenvolvimento, apesar de não souber explicar o porquê, alguns falaram que é importante por ser um esporte, uma atividade física, suas concepções não estão erradas, porém a pratica do basquete vai além disso, envolve o trabalho em equipe, tomada de decisões, parada brusca, mudança rápida de direção, dribles, velocidade, saltos, coordenação motora etc. E talvez por não saber os benefícios que o basquete ou outro esporte trás 25% disseram que não é importante.

## 6 Considerações finais

Podemos observar com base nos resultados que o Basquete é pouco ensinado nas escolas, muitos alunos disseram que o professor só dá a bola para eles, e eles jogam do jeito que eles querem, mas sabem que estão jogando errado, e que os alunos não sabem é a importância do basquete para a vida deles na escola e no dia a dia deles.

Na escola, no convívio com os amigos e na relação familiar, os benefícios que o esporte traz para as crianças e jovens vão muito além de uma quadra como a de basquete.

O esporte promove socialização, respeito as regras, persistência e superação de limite. Isso torna as crianças mais disciplinados na escola, confiantes na hora de aprender coisas novas e gera caráter participativo e solidário em todos os ambientes”.

É primordial que os professores tratem de seus alunos de forma acolhedora, para todos se sentirem bem, pois deste modo o ensino do Basquete pode alcançar todas suas potencialidades.

### **Referências**

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2008.

DOHME, Vania D'Angelo. **Atividades lúdicas na educação - o Caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Texto integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004

GUARIZI, Mario Roberto. **Basquetebol- da iniciação ao jogo**. Editora Fontoura, 1ª edição, 2007.

JOBIM, Ana Paula; PUREZA, Leida Costa; LOUREIRO, Luciano Leal. **Iniciação Esportiva ao Basquete nas séries iniciais**. 2008.

REVERDITO, R S; SCAGLIA, A J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, p. 264, 2009.

SANTOS; LOUREIRO. **Como trabalhar o basquete no contexto escolar, [S/A]**.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2011.

SOARES, L. S. *et al.* **Coletivo de autores: Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

WATZEL, N. **Avaliação na disciplina de Educação Física na Educação infantil: Concepção dos professores**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em educação Física. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, SP, p.01- 42, 2012.

## DANÇA UMA OPÇÃO POSSÍVEL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tatiane Moreira Palhoto<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O presente estudo procurou investigar junto a literatura se a dança é um conteúdo possível e importante de ser ensinado e trabalhado nas aulas de Educação Física escolar. Os resultados sugerem que a dança é uma opção de conteúdo possível e muito importante de ser trabalhada nas aulas de Educação Física escolar. Porém para que esta "ideia se concretise é necessário um aprofundamento teórico por parte do docente.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, Dança.

### ABSTRACT

This study aimed at investigating the literature dancing is possible and important to be taught and worked in the classes of Physical Education content. The results suggest that the dance is a possible content option is very important to be worked in the classes of Physical Education. But for this "idea to concretize you need a theoretical deepening by the descents.

**Key Words:** *Scholastic Physical Education. Dance.*

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: taty\_moreira\_2009@hotmail.com)

<sup>(2)</sup> Prof. Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## 1 Introdução

O surgimento da dança se deu ainda na Pré-História, quando os homens batiam os pés no chão. Com o passar do tempo, foram dando mais intensidade aos sons, descobrindo que seriam capazes de criar outros ritmos, conciliando os passos com as mãos, através das palmas. Ao longo dos anos a dança foi passando por mudanças e incorporando elementos de outras artes como por exemplo as artes, mais especificamente as artes cênicas a imagem corporal, artes circenses entre outras. prova disso e o movimento intitulado de danças cênicas que representa uma mudança de significação dos propósitos artísticos através do tempo. (Rangel, 2002).

No antigo Egito já se realizava as chamadas danças astrológicas em homenagem a Osíris. Na Grécia, a dança era frequentemente vinculada aos jogos, em especial aos olímpicos. A dança se caracteriza pelo uso do corpo seguindo de movimentos previamente estabelecidos (coreografia) ou improvisados (dança livre). Na maior parte dos casos, a dança, com passos cadenciados é acompanhada ao som e compasso de música e envolve a expressão de sentimentos potenciados por ela. A dança pode existir como manifestação artística ou como forma de divertimento ou cerimônia.

As transformações sociais ao longo da história influenciam as realizações artísticas, dentre elas a dança, que trata diretamente com a sociedade, e seus paradigmas, como o individualismo crescente as questões urbanísticas, propagação da mídia o que faz emergir novas propostas para este movimento. Um dos ambientes onde mais se observou esta metamorfose foi o ambiente escolar.

No Brasil, a vertente da dança ligada à Educação Física surge por volta da década de XX, por agregação de movimentos ginásticos às suas bases elementares, constituindo práticas ofertadas pelas então denominadas “academias”, geralmente conduzidas por bailarinas vindas do exterior. Nas décadas seguintes, tal procedimento incorporou-se à formação de professores de Educação Física e de suas consequentes práticas docentes.

Esta disciplina (dança) tornou-se influente, gerando um núcleo que liderou a disseminação da dança em diferentes modalidades, pelas faculdades e escolas de Educação Física por todo o país. Após isso, a dança passou a fazer parte dos currículos das licenciaturas de Educação Física em todo o território nacional. (RANGEL, 2002).

A partir da Resolução 03 de 1987 do então Conselho Federal de Educação, que reformulou a Licenciatura e o Bacharelado em Educação Física, inicia-se um processo progressivo de adaptação regional dos currículos da formação profissional em nível superior. Nesta perspectiva, a dança foi favorecida por já ter uma tradição de meio século na licenciatura. Já na esfera da aplicação da arte no processo educacional, o novo currículo confirmou a necessidade do profissional em Educação Física desenvolver competências em termos de dança em suas diferentes manifestações.

Em termos de Educação Física, tal formulação trata da arte/modalidade/atividade como promotora de desenvolvimento e autonomia corporal. Parceiros desta idéia estão os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, documento este que classifica a dança como um dos conteúdos da Educação Física, possibilitando o desenvolvimento da cultura corporal na comunidade escolar. Nestas circunstâncias, o entendimento da dança na Educação Física hoje, pressupõe a variedade em suas modalidades de práticas, incluindo desde o ballet clássico às danças folclóricas.

## 2 Revisão bibliográfica

Ehrenberg (2005) e Gallardo (2005) realizam um estudo propondo uma reflexão sobre a Dança como um dos conhecimentos a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar, com um olhar estabelecido através do conceito de cultura. Carvalho e Coffani (2012) procuram contribuir através de um estudo com a formação inicial e continuada de professores de Educação Física, propondo uma discussão sobre a importância do conteúdo dança nas aulas de Educação Física Escolar do Ensino Fundamental II. Queiroga (2010) investiga quais os fatores principais que estruturam os processos de criação coreográfica na Dança nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. Peres, et al. (2001) executam uma pesquisa com o objetivo de analisar a visão dos professores de Educação Física sobre a dança escolar de 1ª a 4ª série. Bernardino, et al. (2003) buscam verificar se os professores de Educação Física trabalham o conteúdo dança em suas aulas, e ainda se os cursos de graduação dão formação para que os professores incluam a dança em suas aulas. Gariba (2007) e Franzoni (2007) retratam em seu estudo reflexões a respeito da dança, sua atuação na sociedade, sua compreensão associada ao processo educacional. Carbonera e Carbonera (2004) propõe em sua pesquisa mostrar para os profissionais de Educação Física, que eles devem se arriscar mais a trabalhar com o conteúdo da dança, porque de fato é tão importante e não tem nenhum segredo para seu ensinamento, além de fazer parte da disciplina. Já Marques (1997) argumenta à favor de um ensino de dança crítico e transformador que trace relações multifacetadas entre corpo, escola, indivíduo, arte e sociedade contemporânea. Pistori Silva (2010) verifica o que pensam professores e alunos sobre a presença da dança como componente educativo na cultura da escola. Tavares, et al. (2005) estudam possíveis mudanças de comportamento das crianças em decorrência da prática rotineira e disciplinada da dança.

Dentre os métodos utilizados Ehrenberg, (2005), Gallardo (2005), Queiroga (2010), Gariba (2007), Franzoni (2007), Carbonera (2004), Antonio (2004) Marques (1997) realizam uma pesquisa de cunho bibliográfico. Já Silva (2010) Santos (2005), Lucarevski (2005) e Silva (2005) realizaram entrevistas com alunos, pais e professores.

Após análise dos resultados Ehrenberg e Gallardo (2005) identificaram que a utilização de vídeos, discussões de textos e questões problematizadas, além de movimentações exploratórias das coreografias são um conjunto de possibilidades para um trabalho de dança na escola. Carvalho e Coffani (2012) verificam que a necessidade de um processo de sensibilização e capacitação contínua ao longo da formação inicial e continuada de professores para empreenderem mudanças na prática pedagógica. Queiroga Antônio (2010), verificam que quanto mais o aluno tem a oportunidade de fazer mais ele pode aprimorar o processo dançante e ainda apontam que nem sempre as respostas e resultados satisfatórios são imediatos, porque não existe movimento certo ou errado. Peres, Ribeiro et al (2001) mostraram em seus resultados, que os professores consideraram que a dança na escola objetiva desenvolver a consciência sobre as possibilidades corporais, além de explorar as possibilidades de movimento das crianças. Bernardino, Reis et al (2003) apontam para o compromisso que se deve ter enquanto educador, ao assumindo uma atividade consciente na busca de uma prática pedagógica coerente com a realidade, em que a dança leva o indivíduo a desenvolver sua capacidade criativa numa descoberta pessoal. Gariba e Franzoni (2007) ressaltam os enfrentamentos, bem como as barreiras a serem ultrapassadas, para que a dança esteja cada vez mais inserida no ambiente escolar. Carbonera e Carbonera (2004) evidenciam que as aulas de Educação Física devem prever a formação de base indispensável no desenvolvimento motor do aluno, não podendo separa-lo do desenvolvimento

intelectual, afetivo e cognitivo. Marques (1997) propõe uma maneira múltipla e sistêmica de conectar conhecimento, as pessoas e suas realidades sociais, políticas e culturais, o que possibilitaria viver neste mundo dentro de uma perspectiva diferente. Pistori Silva (2010) identificou que a dança como conteúdo de determinadas disciplinas escolares na relação com a resistência trazida pela cultura escolar para sua inserção nas variadas disciplinas. Tavares, Lucarevski, et al (2005) reforçam as ações e transformações que a práticas do ballet proporciona as crianças.

Os estudos apontam críticas, direções e possibilidades para a dança na escola como segue: Ehrenberg, (2005) e Gallardo, (2005) sugerem que a dança, inserida como elemento da cultura corporal e, portanto tratada na escola pela Educação Física, ainda tenha um longo caminho a percorrer. Os autores Carvalho, (2012) e Coffani, (2012) apontam que é preciso promover momentos de interação com as danças, que gerem o sentimento de coletividade, criatividade e inventividade, a fim de que se compreenda que o gesto de dançar foi e ainda é utilizado pelos diferentes povos e etnias, como recursos simbólicos de expressão da cultura própria de cada grupo. Já Queiroga, (2010) conclui que os aluno relacionam as formas de movimento a partir de suas reflexões. Peres, (2001); Batista, (2001) e Martins, (2001) Concluem que a falta de conhecimento, aliada à falta de instalações e de materiais adequados, é o fator que dificulta a esses professores desenvolver a dança nas escolas. Como conclusão de seus estudos Bernardino, (2003); Reis, (2003) e Silva, 2003; et al. sugere que, a dança é de fundamental importância no contexto da Educação Física nós professores temos que estar cientes disto, ela pode nos possibilitar de aplicar um conteúdo bem diversificado. Gariba, (2007) e Franzoni, (2007) que a importância da estruturação de um bom trabalho de dança nas escolas, o que implica o envolvimento da disciplina educação física e da comunidade escolar, construindo um comprometimento abrangente e um compartilhamento de ideias, em benefício da coletividade. Carbonera, (2004) e Antonuo, (2004) esperam que as reflexões levantadas em seus estudos levem a conexões de novas ideias e discussões, sobretudo do aprofundamento da dança, contemplando também a atuação enquanto professor visando cada vez mais autonomia profissional, na busca de uma formação acadêmica mais coerente com a realidade do processo educativo e social. Ainda Silva (2010) entende que a presença da dança como elemento educativo ainda “aguarda” seu reconhecimento, como sendo um componente curricular a ser ensinado primeiramente nas disciplinas de Educação Física e Artes, como verificado em análises de documentos curriculares oficiais, como PCNs e DCEs. Por fim Santos, (2005) Lucarevski, 2005 e Silva, (2005) inferem que quanto mais cedo se dedicar a esta arte tão bela, maior será o investimento na formação de homens e mulheres mais conscientes da percepção de seu todo e conseqüentemente da própria vida.

Diante das explanações dos autores, nos perguntamos como a dança é trabalhada nas aulas de Educação Física escolar.

### **3 Objetivo**

Verificar se a dança é um conteúdo possível e importante de ser ensinado e trabalhado nas aulas de Educação Física escolar.

#### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

#### **5 Resultados e discussões**

Após análise dos resultados podemos verificar que a dança é movimento e não pode ser satisfatoriamente descrita, verbalizada, é essencial vivê-la, senti-la, experimentá-la. É inerente ao ser humano, em qualquer um de nós, em qualquer homem ou mulher que transita pela rua. É necessário desmistificá-la, desenterrá-la, cultivá-la e compartilhá-la. Estes resultados nos permitem sugerir que a dança pode ser trabalhada na Educação Física escolar desde que o professor assuma uma postura consciente na busca pela prática pedagógica mais coerente com a realidade. A dança leva o indivíduo a desenvolver sua capacidade criativa numa descoberta pessoal de suas habilidades. Contribuindo assim de maneira decisiva para a formação de cidadãos críticos autônomos e conscientes de seus atos, visando uma transformação social. Espera-se que essas reflexões levem a conexões de novas ideias e discussões, sobretudo do aprofundamento da dança, contemplando também a atuação enquanto professor visando cada vez mais autonomia profissional, na busca de uma formação acadêmica mais coerente com a realidade do processo educativo e social.

#### **6 Considerações finais**

Pode-se dizer que dança, é considerado um dos elementos da cultura corporal a ser trabalhado nas escolas junto com as demais matérias encontradas dentro da Educação Física, podendo contribuir para um conhecimento da realidade que encontramos em diferentes lugares, seja como referência da cultura local, regional, nacional ou até mesmo internacional.

Entretanto, enquanto as pessoas apenas estiverem reproduzindo movimentos prontos, sem pensar ou agir sobre eles, pouca coisa está sendo construída. Podemos sugerir que a dança, dentro das aulas de Educação Física não ultrapasse os limites de uma simples vivência, proporcionando aos alunos que experimentem e utilize desta possibilidade de um novo conhecimento de movimentações corporal. O interesse do professor não deve estar simplesmente voltado para o domínio de técnicas, voltando o conhecimento para o trabalho, mas sim na possibilidade de aprendizagem das muitas técnicas.

#### **Referências**

ANTONIO, Q. C. **Processos de criação coreográfica: A Dança nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental**. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, 2010.

BERNARDINO, J. E.; REIS, S. D. L.; SILVA, D. V.; ALVES, P. V. M. **A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: NA VISÃO DE PROFESSORES DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL DE ROMARIA-MG.** Centro Universitário do Triângulo – Unitri - Uberlândia-MG. 2008.

CARONERA, D.; CARBONERA, A. S. **A IMPORTÂNCIA DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR.** Instituto de Estudos Avançados e Pós- Graduação Faculdade Iguazu. Cascavel – PR. 2008.

CARVALHO, T.; CAFFANI, M. **A DANÇA COMO CONTEÚDO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A VISÃO DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE CÁCERES MT.** *Revista da Faculdade de Educação* n. 17 – Cáceres, MT, 2012.

EHRENBERG, M. C. **Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física.** Academia de Ensino Superior – Sorocaba SP e FEFISA – Santo André Faculdade de Educação Física – UNICAMP, 2005.

GARIBA, S. M. C.; FRANZONI, A. **Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física.** Porto Alegre, v.13, n. 02, p.155-171, maio/agosto de 2007.

MARQUES, A. I. **DANÇA NA ESCOLA.** Departamento de Metodologia de Ensino - Faculdade de Educação - Motriz – v. 3, n. 1, Jun. UNICAMP – SP. 1997.

PERES, T, A.; RIBEIRO, B. D. M. D.; JUNIOR, M. J. **A DANÇA ESCOLAR DE 1ª A 4ª SÉRIE NA VISÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MARINGÁ.** *Maringá*, v. 12, n. 1, p. 19-26, 1. 2001.

RANGEL, N. B. C. **Dança, Educação, Educação Física,** Jundiaí, SP: Fontura, 2002.

SANTOS, T. J.; LUCAREVSKI, A. J.; SILVA, M. R. **DANÇA NA ESCOLA: BENEFÍCIOS E CONTRIBUIÇÕES NA FASE PRÉ- ESCOLAR.** Centro Universitário Filadélfia. Brasil. 2005.

SILVA, P. J. **A dança no contexto da cultura escolar: Olhares de professores e alunos de uma escola pública do ensino fundamental.** Universidade Estadual de Londrina – Londrina. 2010.

*Este trabalho, fruto de todo meu esforço, estudo, lutas e vitórias que obtive nestes quatro anos de faculdade, é dedicado exclusivamente àquele que, antes de tudo, me fez ser quem eu sou, reservou a mim um espaço neste mundo, e decidiu, ainda quando no ventre de minha mãe, que meu propósito seria de servi-lo e engrandecê-lo em tudo que eu fizesse. A Deus, meu Pai, que está sempre pronto a me socorrer. Foi graças a Ele que entrei nesta faculdade e graças a Ele estou saindo, para continuar vencendo e conquistando as bênçãos que Ele ainda tem para mim! Ao meu Deus, dedico este trabalho,*

*pois me capacitou pelo seu infinito amor!  
Deus seja Louvado!*

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a Deus por me capacitar durante toda a minha vida até alcançar esta etapa tão esperada e batalhada. É graças a Deus que tenho a oportunidade de concluir este curso, fruto de um sonho que Ele mesmo fez brotar em meu coração. Minha gratidão a Deus, pois Ele é minha inspiração, é fonte do saber, e tudo que tenho em mim, tudo que eu sou vem de Ti, minha Fonte!

Agradeço à minha Família, por todo apoio concedido, a minha mãe e irmão que praticamente me sustentaram para que eu pudesse me dedicar completamente à minha formação. Obrigada, pois nunca me deixaram faltar nada, sempre me apoiaram, oravam por mim, foram meu alicerce! Amo muito todos vocês que Deus os abençoe!

Agradeço a meu Namorado, Claudinei, por toda força e apoio concedido. Obrigada pelos incentivos, por ouvir meus desabafos, por me aconselhar, e sempre orar por mim! Você é uma grande benção na minha vida, sou grata a Deus por ter você ao meu lado!

Ao meu Orientador Thiago Augusto, deixo minha gratidão, pois foi essencial para o cumprimento deste trabalho, sempre me ensinando, orientando, aconselhando, mesmo quando me vi perdida ele estava lá para me ajudar! Obrigada. Agradeço a paciência e a dedicação por este trabalho. Deus te abençoe sempre!

Aos professores que contribuíram com seus conhecimentos para minha formação acadêmica no decorrer destes quatro anos, agradeço, pois foram essenciais na construção dos saberes que adquiri neste tempo. Deus abençoe a todos vocês!

Por fim, agradeço à Turma do 4º ano de Educação Física, companheiros e companheiras de 4 anos de luta, somos todos vencedores, obrigada pelo apoio, pela força, e ajuda nos momentos tensos e também por compartilharem muitas alegrias nos momentos de festinhas e confraternização, vocês foram muito importantes neste período, sem o apoio mútuo teria sido muito mais difícil. Obrigada **amigas e amigos**, por compartilharem suas vidas comigo ao longo destes anos em especial: Maria Janaina, Josiane Alves, Romeyka Oliveira, Francisco Jailson, Wesley Dias e Douglas Anequine. Deus abençoe imensamente todos vocês! Aos demais amigos e amigas agradeço, pois mesmo quando precisei me ausentar pelos trabalhos, provas, pelo TCC, sempre me compreenderam, e oraram por mim! Agradeço a Deus por ter vocês! **Muito obrigada** nunca será suficiente para demonstrar a grandeza do que recebi de vocês. Peço a Deus que os recompense à altura!

## A CRISE DE IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA JÁ CHEGOU AO FIM?

Wesley Rodrigo Cardoso Dias <sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### RESUMO

As abordagens provenientes da crise da década de 80, são um importante referencial teórico para os professores de Educação Física, o objetivo do estudo foi verificar qual o nível de conhecimento dos professores em relação à crise e ainda quais as abordagens são utilizadas na prática pelos professores. Foi feita uma revisão de literatura, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema, além de observações em aulas práticas e teóricas. Participaram da pesquisa onze professores de escolas Estaduais do município de Sumaré-SP. Após análise das respostas, verificamos que as réplicas foram dadas em quatro vertentes. Diante da disparidade das respostas uma nova pergunta aflora: como as abordagens (teoria) são utilizadas na prática? Nesta observação podemos verificar que tanto as respostas fornecidas no questionário quanto o plano de ensino, não são aplicados nas aulas do referido professor. Os achados de nosso estudo nos permitem sugerir que os professores não utilizam ou não conhecem a crise de 80 e as abordagens oriundas, o que evidencia o grande abismo existente entre a teoria e a prática.

**Palavras-chave:** Educação Física; Abordagens; Teoria x Prática.

### ABSTRACT

*Approaches from the 80 crisis, are an important theoretical framework for physical education teachers, the objective was to verify the teachers' level of knowledge regarding the crisis and yet what approaches are used in practice by teachers. A literature review was made, and a qualitative field research with questions on the subject, as well as observations in practical and theoretical classes. The participants were eleven teachers of state schools in the city of Sumaré-SP. After analyzing the responses, we find that the replicas were given in four areas. On the disparity of answers a new question arises: how approaches (theory) are used in practice? This observation we can see that both the answers provided in the questionnaire as the syllabus, are not applied in class the teacher said. The findings of this study allow us to suggest that teachers do not use or do not know the crisis of 80 and derived approaches, which shows the great gap between theory and practice*

**Keywords:** Physical Education; approaches; Theory x Practice.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: wrcdias@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacoboliveira@yahoo.com.br).

## 1 Introdução

Na década de 80 houve uma oposição a concepção biológica na Educação Física, principalmente aos seus conteúdos esportivistas e mecanicistas que privilegiava somente o indivíduo que possuía aptidão ao esporte, e os demais eram descartados, fruto de um governo que utilizava o esporte como sustentáculo ideológico onde visava o êxito em competições de alto nível, ratificando o regime perante o mundo, e ao mesmo tempo alienar o povo mascarando as mazelas sofridas. O papel do professor era centralizador e a prática uma repetição mecânica dos movimentos esportivos, com o objetivo de buscar o alto rendimento e com isso a seleção dos mais habilidosos. (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000; CARNEIRO, 2012; DAOLIO, 2004; DARIDO, 2003; DARIDO; SANCHEZ NETO, 2005; FREIRE, 2009; MASSA, 2002. RAMIREZ, 2012; SOARES et al, 1992).

E essa mudança de pensamento teórico-prático na Educação Física só ocorre com o retorno dos primeiros doutorados no exterior, e começam a discutir a Educação Física como disciplina acadêmica não somente como uma ciência biológica. Com essa nova visão, surge cursos de pós-graduação pautados em uma metodologia e reflexões novas sobre a área, sobretudo nas ciências humanas, que compreendem o movimento humano e sua complexidade cognitiva, sócio-afetivas e sócio-cultural. E esse novo momento faz surgir pesquisas no campo pedagógico e na área científica da Educação Física.

Mas isso só foi possível pelo momento político que o país vivia a “abertura” um período de redemocratização interrompendo as atividades de censura e dando liberdade a comunidade acadêmica para pesquisar todas as áreas de conhecimento científico e filosófico, mesmo as que se opunham as tendências do regime militar.

“Assim, em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biologista, surgem novos movimentos na Educação Física escolar a partir, especialmente, do final da década de 70, inspirados no novo momento histórico social por que passaram o País, a Educação e a Educação Física”. (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.6, 2005).

Na atualidade existem varias abordagens teórico-prática que tentam romper com o modelo esportivista, todas com suas particularidades características com cunho pedagógico específico, ou até mesmo mesclando mais de uma abordagem. As abordagens e seus principais autores são: Psicomotricidade (LE BOUCH), Progressista (GUIRALDELLI JUNIOR), Humanista (OLIVEIRA), Revolucionária (MEDINA), Crítica (MARIZ DE OLIVEIRA. et al.) Sistêmica (BETTI), Desenvolvimentista (TANI), Construtivista-interacionista (FREIRE), Sócio-construtivista (Mattos e Neira), Fenomenológica (MOREIRA), Crítico-superador (SOARES. et al.), Crítico-emancipatório (KUNZ. et al.), Plural (DAOLIO), Saúde Renovada (NAHAS), Jogos Cooperativos (BROTTO), Estudos Cinesiológicos (MARIZ DE OLIVEIRA), PCN's (BRASIL).

## 2 Revisão bibliográfica

Para um entendimento mais específico sobre as abordagens, analisamos algumas das concepções descritas acima, procurando verificar as principais características das tendências pedagógicas que permeiam o contexto nacional.

A abordagem desenvolvimentista é pautada no desenvolvimento motor do indivíduo, onde o movimento é o principal elemento da Educação Física, sendo esta sua maior área de estudo.

“Os autores dessa abordagem defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, garantindo a especificidade do seu objeto. Sua função não é desenvolver capacidades que auxiliem na alfabetização e o pensamento lógico-matemático, embora isso possa ocorrer como subproduto da prática motora.” (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.9, 2005).

A aprendizagem é realizada respeitando a taxonomia do desenvolvimento motor, e estas experiências são adequadas as faixas etárias que o indivíduo está inserido. Este pensamento busca o desenvolvimento das habilidades básicas e específicas sistematizando ao conteúdo de jogos dança etc.

O professor tem que observar em qual fase de desenvolvimento os alunos estão e verificar possíveis erros e ajusta-los para um melhor desempenho.

Na construtivista-interacionista o conhecimento é construído com a interação do sujeito com o mundo, todas suas experiências trazidas do seu convívio social são relevantes para este processo, resgatando a cultura dos jogos e brincadeiras. A abordagem se apropria dessa cultura de jogos de regras, brincadeiras de rua, rodas cantadas e utiliza no processo de ensino e aprendizagem ficando mais fácil sua compreensão do conteúdo.

O aluno constrói seu conhecimento através dos jogos com interação com o meio solucionando situações problema.

“Na proposta construtivista o jogo, enquanto conteúdo/estratégia, tem papel privilegiado. É considerado o principal modo de ensinar, é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, pois enquanto joga ou brinca a criança aprende” (DARIDO, p.8, 2003).

A psicomotricidade é o primeiro modelo que vai contra ao esportivismo, que no Brasil na época eram concepções biológicas com conteúdos esportistas. Também conhecida como abordagem psicomotora teve seu início em escolas que ensinavam crianças portadoras de deficiência intelectual e motora.

A psicomotricidade busca o desenvolvimento integral do aluno visando os processos cognitivos psicomotores e afetivos, não sendo mais importante o rendimento corporal e biológico, passa a incluir o olhar psicológico no processo de assimilação dos conteúdos propostos.

“Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a crianças a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilidades e coordenação de seus gestos e movimentos” (RAMIREZ, p.182, 2012).

A crítico-superadora tem um discurso de justiça social, fundamentada pelo marxismo e o neo-marxismo e tem como objetivo fomentar questionamentos a cerca do poder, classe dominante e a dicotomia entre as classes. Sendo que esse conhecimento tem que respeitar a contextualização dos fatos e do resgate histórico sendo vital para o aluno na compreensão que ao longo da história da humanidade existiram fases na sociedade e que elas mudaram ao longo do tempo.

“Esta reflexão pedagógica é compreendida como sendo um projeto político-pedagógico. Político porque encaminha propostas de intervenção em determinada direção e pedagógico no sentido de que possibilita uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade, explicitando suas determinações” (DARIDO, p.8, 2003).

O conteúdo do ensino deve ter uma relevância social com temas atuais que se adaptem ao contexto social que os alunos estão inseridos.

Já a crítico-emancipatória valoriza a visão crítica do mundo, da sociedade e a relação entre elas, sem a ambição de transformar esses elementos por meio escolar. O professor confronta o aluno com a realidade do ensino, neste processo ao ser

confrontado o aluno expressa um processo de reflexão e libertação de condições confinantes e impostas pelo sistema social. Ela sugere que o ensino siga uma estratégia denominada “transcendência de limites” respeitando o seguinte ciclo: encenação, problematização, ampliação e reconstrução coletiva do conhecimento.

Na encenação o aluno tem papel de descobridores e inventores de várias estratégias e com auxílio da dramatização pode vivenciar estas manifestações culturais no seu contexto social e político. A problematização deve confrontar e discutir por meio da linguagem ofertando possibilidades de assimilação e consenso. A ampliação é a apuração da dificuldade nas ações, ampliando a visão dos temas vivenciados. E por fim, a reconstrução coletiva do conhecimento consiste em uma nova visão e significado do conteúdo, fazendo uma leitura e discussão das etapas anteriores.

“Assim, a tarefa da educação é promover condições para que essas estruturas autoritárias sejam suspensas e o ensino possa caminhar no sentido de uma emancipação, possibilitada pelo uso da linguagem” (RAMIREZ, p.185, 2012).

A abordagem saúde renovada tem como objetivo mudar as atitudes sedentárias e com isso promover a saúde com uma prática de atividade física ao longo de toda a vida. Embora seu pensamento seja semelhante ao modelo biológico higienista, ele se difere em um aspecto renovador, a de não exclusão.

“O objetivo de favorecer a autonomia no gerenciamento da Aptidão Física, a partir desse princípio, deve abranger todos os alunos, e não somente os mais aptos. Desse modo, as estratégias sugeridas as aulas são atividades físicas não-excludentes.” (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.16, 2005)

O objetivo no ensino médio é de ensinar a relação das atividades físicas com a melhora da saúde e Aptidão Física, mas que este processo ocorra no contexto da Cultura Corporal dando embasamento teórico e prático para autonomia na elaboração de conceitos que proporcionaria aos alunos subsídios para uma adoção de uma vida saudável. O professor avaliaria individualmente o progresso de cada aluno e de contra partida o aluno faria uma autoavaliação melhorando sua perspectiva.

Os parâmetros curriculares nacionais “PCNs” são documentos elaborados por pesquisadores com aval do Ministério da Educação e Desporto, com sua primeira publicação em 1997 para o 1º e 2º ciclos (1.ª a 4.ª séries do Ensino Fundamental), e nos seguintes ciclos 3º e 4º (5.ª a 8.ª séries) no ano de 1998, já o Ensino Médio teve sua publicação no ano de 1999 composta por outros pesquisadores.

Embora seja uma proposta significativa ela não tem caráter obrigatório, tem o objetivo de ser uma alternativa as propostas vigentes nos estados e municípios.

Os PCNs que também é conhecido como abordagem cidadã propõem a construção crítica e autônoma do cidadão fomentando questões de cunho social denominadas por temas transversais: saúde, ética, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, mais esta construção deve ocorrer em integração a Cultura Corporal de Movimento.

“Assim, a Educação Física na escola deve promover o princípio da inclusão, com a inserção e integração dos alunos à Cultura Corporal de Movimento, por meio de vivências que problematizem criticamente os conteúdos: jogos, esportes, danças, ginástica, lutas, e conhecimento sobre o corpo”. (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.18, 2005).

Diante de todas as possibilidades (abordagens) e a importância da crise, nos questionamos sobre qual o nível de conhecimento dos professores e ainda qual das abordagens descritas é utilizada na prática.

### 3 Objetivo

O objetivo do estudo foi verificar qual o nível de conhecimento dos professores em relação à crise e ainda quais as abordagens são utilizadas na prática pelos professores.

### 4 Métodos

O presente trabalho se deu através de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, além de observações em aulas práticas e teóricas.

Participaram do estudo onze professores de Educação Física na rede estadual da cidade de Sumaré-SP, os quais responderam um questionário com cinco perguntas, sendo duas fechadas e três abertas.

### 5 Resultados e Conclusão

Ao analisarmos as respostas dos professores observamos na primeira pergunta, “Qual ano de sua formação em licenciatura” entre os onze professores dois responderam na década de 80, três na década de 90, e seis na década de 2000.

Na segunda questão, “qual a sua formação acadêmica” seis responderam apenas possuir graduação, três possuem especialização na área, um possui mestrado e o outro doutorado.

Já na terceira, questão “em sua opinião qual é a importância da crise de 80 para Educação Física”. Após análise das respostas, verificamos que as réplicas foram dadas em quatro vertentes, no primeiro grupo três professores sabiam da importância da crise e sua relevância para área; no segundo grupo quatro sabiam da crise mais não contextualizaram sua relevância histórica; no terceiro dois não tinham conhecimento da crise; e no quarto dois professores claramente pesquisaram sobre o assunto na internet.

Como exemplo segue a resposta de um dos professores do primeiro grupo um que respondeu: “*foi importante e necessária para a mudança do olhar da Educação Física, que se dava de forma mecânica e esportivista*”. No segundo grupo um professor respondeu, “*esta crise foi um divisor de águas*”. Já no terceiro grupo um professor respondeu, “*não mudou nas escolas, mas houve uma grande proliferação das academias*”. No último grupo um professor respondeu, “*na década de 80, a prática pedagógica em Educação Física se encontrava em crise de identidade, colocando em questão o sentido e sua função educacional, que até então se restringia às práticas desportivas e ao desenvolvimento da aptidão física. Com isso os estudos na área se intensificaram para o rompimento deste modelo surgindo então diferentes abordagens pedagógicas*”.

Seguindo com as questões, na quarta “com base no seu conhecimento quais são as abordagens pedagógicas da Educação Física”, a maioria conhecia ao menos uma e as citadas foram: psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, crítico superadora, crítico emancipatória, cultural, sistêmica, saúde renovada. Dois professores citaram a abordagem “qualidade de vida” que no contexto da narrativa entende se tratar da abordagem saúde renovada; outros dois professores citaram como abordagem tecnicista, higienista, militarista e esportista, são concepções da Educação Física que a crise de identidade foi gerada e até mesmo concepções anteriores aquele momento histórico; um professor citou o filósofo Mario Sérgio Cortella como referencial de suas aulas, apesar

de se tratar de um acadêmico renomado o mesmo não tem formação na área de Educação Física.

Por fim na quinta questão “em suas aulas qual abordagem pedagógica você utiliza”, as abordagens mais citadas foram o construtivismo e a desenvolvimentista, também houve professores que diziam utilizar mais de uma abordagem; já outro professor disse utilizar “*a do dia a dia*”; e por fim outro disse utilizar a abordagem esportivista, que é exatamente o modelo que a literatura disse incoerente com a Educação Física e que gerou a crise de identidade da década de 80.

Diante da disparidade das respostas uma nova pergunta aflora: como as abordagens (teoria) são utilizadas na prática? Resolvemos verificar em loco como se dá esta relação entre a teoria e a prática, verificando se o que é relatado pelo professor no questionário é efetivamente aplicado nas suas aulas.

A observação das aulas se deu nos três diferentes anos letivos no ensino médio, no primeiro ano a aula dada em sala (teoria) era sobre ritmo movimentos cíclicos e acíclicos, logo em seguida fomos para quadra para aula prática onde o professor armou a rede de vôlei e fez duas estafetas, pediu para os alunos de uma estafeta sacarem de um lado e os outros fizessem a recepção e a todo momento ele paralisava as jogadas para corrigir a forma certa de sacar ou de recepcionar o saque até que o movimento ficasse “correto”, uma referência clara ao modelo mecânico e esportivista.

No segundo ano a aula teórica era vôlei mais o conteúdo era específico sobre bloqueio e seus diferentes tipos, simples, duplo e triplo. Após a aula teórica fomos para a quadra e a prática foi exatamente igual ao ano anterior, com saques, recepções e aperfeiçoamento da técnica.

Já no terceiro ano a aula teórica era sobre as manifestações da cultura hip hop como a dança a música e o grafite. A posteriori fomos para a prática e ela se deu igual aos anos anteriores.

Os resultados nos permitem sugerir que os professores não utilizam ou não conhecem a crise de 80 e as abordagens oriundas, o que evidencia o grande abismo existente entre a teoria e a prática. A literatura afirma que o profissional deve se apropriar de fundamentações teóricas para que suas ações (prática) sejam contextualizadas, e que haja uma interação entres estes saberes em prol de um desenvolvimento pedagógico que busque a autonomia do individuo visando sua emancipação.

## 6 Discussão

Após a análise dos resultados pode ser identificado que a maioria dos professores se formou nos anos 2000 posteriormente a crise, onde teoricamente deveria de ser conhecimento de todos, este momento histórico. O conhecimento de uma ou outra abordagem não reflete em um caráter qualitativo quando se refere quais os elementos pedagógicos estão intrínsecos em cada abordagem, e como eles deverão ser utilizados na prática.

E as nossas observações das aulas corroboram para esse pensamento onde há um abismo entre a teórica e a pratica, e até mesmo de uma forma mais agravada nem ao menos elas se relacionam.

A literatura é enfática ao dizer que não existe prática sem o fundamento teórico sobre determinado conteúdo, ou seja, a prática nada mais é do que a execução do conhecimento teórico sobre determinado assunto, e este conhecimento tem que respeitar as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, ou seja, o que deve se saber, o que

deve saber fazer e como deve ser, e estes saberes devem estar incorporados na prática docente contextualizados com a Cultural Corporal do Movimento.

Nesse sentido o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas, e o passar conhecimentos sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) [...]. (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2007, p. 17).

## 7 Considerações finais

O que nos preocupa não é somente o conhecimento superficial dos profissionais sobre as abordagens pedagógicas e a sua contextualização histórica, mas o que nos deixa verdadeiramente apreensivos é o fato dos profissionais não terem embasamento teórico em seus planos de aula. Vale resaltar que sem um pensamento científico sobre a Educação Física ela se torna apenas recreacionista.

Nós projetamos no horizonte da Educação Física um terreno árido sem vida, que dificilmente será germinado uma semente de esperança para romper com esse pensamento apenas biológico e imediatista que alguns profissionais têm, mas esta visão sem perspectivas que move a grande utopia da maioria dos recém-formados, que é reverter com esforço e trabalho este quadro que não é animador. Esperamos que todos profissionais tenham consciência que sem embasamento teórico não há prática, não se chega ao longe sem conhecer o caminho.

## 8 Referências

AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física. In: *Kinein - Revista de Estudos do Movimento Humano*. v.1, n.1, dez. 2000.

CARNEIRO, K. T. **O jogo na educação física: as concepções dos professores**. Phorte, São Paulo, 2012.

DAÓLIO, J. Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 80. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.18, n.3, p.182-191, 1997.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Autores Associados, Campinas, 2004.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SANCHEZ NETO, L. **O contexto da Educação Física na escola.** In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C. e SOUZA JUNIOR, O. M. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola.** Campinas: Papirus, 2007.

FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física.** 5 ed., Scipione, São Paulo, 2009.

MASSA, M. Caracterização acadêmica e profissional da Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, n.1, p.29-38, 2002.

NEWELL, K. M. **Physical Education in Higher Education: chaos out of order.** Quest, n. 42, p. 227-42, 1990.

RAMIREZ, F. **O discurso em jogo: um estudo sobre as visões de mundo das teorias que embasam as abordagens pedagógicas no esporte.** 2012. 242f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

## FUTEBOL, ENSINANDO VALORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Wesley Rodrigo Picoli <sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### RESUMO

O objetivo desse estudo foi saber se os professores trabalham o futebol nas aulas de educação física escolar e principalmente saber se além deste ensinamento o futebol é utilizado para inserir valores morais. Quando se relaciona uma criança ao futebol, logo vem aquela ideia de se tornar um jogador profissional, ganhar muito dinheiro, mas eu tenho total consciência que essa ideia não é real, milhares de garotos se iludem com essa ideia e na maioria das vezes abandonam os estudos por um sonho, eu vivenciei isso de perto. O futebol e outros esportes podem sim ser uma ferramenta para formar cidadãos de bem. É importante o professor de Educação Física compreender de que forma o esporte inserido na escola transmite valores aos sujeitos envolvidos. O esporte vem se destacando dentro dos princípios aplicados pela educação, através do esporte, uma via poderosa e privilegiada para desenvolver o potencial de crianças e jovens ganha força. Os resultados apontam que é possível ensinar aos alunos valores morais como respeito, cooperativismo, honestidade, saber perder e saber ganhar e disciplina.

**Palavras-chave:** Futebol, Educação Física escolar e Ensino de valores.

### ABSTRACT

*The objective of this study was to find out if teachers work in the soccer school Physical Education classes and especially whether beyond this teaching football is used to insert moral values. When relating a child to football, then comes the thought of becoming a professional player, winning a lot of money, but I'm fully aware that this idea is not real, thousands of boys delude themselves with this idea and most often drop out studies by a dream, I experienced it closely. Soccer and other sports really can be a tool to make law-abiding citizens. It is important to the physical education teacher to understand how the inserted sport in school transmits values to the subjects involved. The sport has been highlighted within the principles applied for education through sport, a powerful and privileged way to develop the potential of children and youth force. The results show that it is possible to teach students moral values such as respect, cooperativeness, honesty, knowledge and know how to win and lose discipline.*

**Keywords:** Soccer, Physical Education and Teaching values.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [wesley.picoli@gmail.com](mailto:wesley.picoli@gmail.com)).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## 1 Introdução

O futebol permeia o cotidiano do brasileiro, por mais que uma pessoa não goste do esporte ela com certeza sabe o que é e o que significa o futebol. O futebol é tão popular que todos os que jogam ou já jogaram futebol julgam-se capazes de ensiná-lo e comentá-lo, isto fica evidenciado nas palavras de Freire (2006) que relata que “os craques se aposentavam e viravam professores de escolinhas”.

Saber jogar não significa saber ensinar (FREIRE, 2006), apesar de o futebol ser praticado em diversos ambientes não temos como dizer que ele é aprendido com uma pedagogia conhecida, o que se faz é uma reprodução do passado vivido pelos professores no que tange a prática do futebol ocorre quase que uma autoaprendizagem.

A cultura brasileira acolhe o futebol como parte da sua história, e por este motivo é inserido de forma sistemática no âmbito escolar como conteúdo da disciplina Educação Física (SOUSA; ARAÚJO, 2007).

Esta inserção do Futebol na Educação Física escolar, que traz nosso questionamento acerca de como esta sendo ensinado o Futebol na escola, ou ainda será que esta sendo ensinado?

Pensamos nesta problemática, pois vislumbramos a possibilidade de verificar se existem pressupostos teóricos que dariam suporte ao um aprendizado pautado da Educação Física academicamente orientada que permita ao futebol ir além do jogo.

Pensamos em verificar se o futebol pode ser um link entre o esporte e a construção dos valores morais dos alunos.

## 2 Revisão bibliográfica

Macagnan e Betti (2014), Lima e Oliveira (2014), Carvalho e Oliveira (2014), Junior e Darido (2010) e Figueira e Greco (2008) realizam estudos com objetivo de verificar a relação do futebol inserido na Educação Física escolar quanto a tematização, as práticas escolares, os métodos e sua contribuição para o esporte. Já os estudos de Guimarães et al., (2001), Grinspun et al., (2006) e Santos e Freire (2006) pesquisam as atitudes e valores relacionado com a Educação Física escolar no que tange as estratégias utilizadas, na construção e no dia-a-dia das aulas. Em outra linha Galvão (2002) e Martin e Freire (2008) procuram compreender a prática do “bom” professor com o método utilizado nas aulas na Educação Física escolar.

Quanto ao método Lima e Oliveira (2014), Carvalho e Oliveira (2014) Figueira e Greco (2008) realizaram revisão bibliográfica; Macagnan e Betti (2014) e Junior e Darido (2010) efetuam uma pesquisa qualitativa; Grinspun et al., (2006) e Galvão (2002) utilizaram um questionário; já Guimarães et al., (2001) fizeram um estudo de caso; Martin e Freire (2008) entrevista e por fim Santos e Freire (2006) fizeram uma pesquisa descritiva.

Participaram da maior parte dos estudos crianças do ensino fundamental ao ensino médio (MACAGNAN; BETTI, 2014; LIMA; OLIVEIRA, 2014; CARVALHO; OLIVEIRA, 2014; JUNIOR; DARIDO, 2010; GUIMARÃES, et al., 2001; GRINSPUN, et al., 2006; GALVÃO, 2002; FIGUEIRA; GRECO, 2008; MARTIN; FREIRE, 2008). O estudo de Santos e Freire (2006) teve como população estudada, crianças de um projeto chamado Esporte Talento .

No geral os resultados dos artigos indicam a influência que a mídia tem em relação ao futebol sobre os alunos da escola e do projeto (SANTOS; FREIRE, 2006).

Foi possível verificar também sobre os estímulos que o professor aplicam nas suas aulas em relação aos a construção de atitudes e valores.

No geral os estudos concluem que as representações sociais são importantes na aprendizagem do aluno, ainda temos profissionais desmotivados e sem preparação. A aulas devem utilizar de estratégias coerentes com a proposta apresentada por seus professores para colaborar com a formação de indivíduos críticos, reflexivos e autônomos em suas relações com a sociedade .

Diante do exposto nos emerge a dúvida sobre como o futebol esta sendo trabalhado nas escolas e se realmente ele é utilizado com uma ponte para a transmissão de valores.

### **3 Objetivo**

O objetivo do estudo foi verificar se os professores trabalham o futebol nas aulas de Educação Física escolar e principalmente identificar se além deste ensinamento o futebol é utilizado para inserir valores morais.

### **4 Método**

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores.

Participaram do estudo 7 professores da rede particular de ensino infantil, das cidades de Nova Odessa e Sumaré, os quais responderam um questionário com perguntas, fechadas e abertas.

### **5 Resultados e Conclusão**

Ao analisarmos as respostas dos professores observamos na primeira pergunta, “Os professores ensinam futebol nas aulas de Educação Física”, entre os sete professores, seis responderam sim e um respondeu não.

Na segunda questão, ”Qual método você utiliza para ensinar o futebol nas suas aulas”; dois professores utilizam o método lúdico; dois professores utilizam o método construtivista; um professor utiliza o método desenvolvimentista; um professor utiliza como método o levantamento dos conhecimentos prévios, vivência da modalidade de acordo com a faixa etária; já um dos professores não utiliza o ensino direto, mais a prática do esporte.

Seguindo com a pesquisa, na terceira pergunta “Qual é seu objetivo ao ensinar o futebol nas suas aulas“; três professores disseram que o objetivo é propiciar a vivência do futebol enquanto esporte; um professor tem como objetivo passar a iniciação ao esporte e o crescimento psicossocial; dois professores tem como objetivo passar a importância da cooperação através da modalidade e usando como ferramenta para modificar o comportamento dos alunos; outro professor tem como objetivo a inclusão social e o aprendizado das capacidades físicas.

Nossa quarta pergunta questionava, “Qual o comportamento dos alunos quando você trabalha o futebol nas suas aulas“; seis professores disseram que os alunos se comportam bem, ficam ansiosos para vivenciar a modalidade que é a paixão nacional,

na hora de jogar são muito competitivos; um professor disse que as vezes acontecem desentendimentos.

Na quinta questão, “Você acredita que o futebol ensinado na Educação Física escolar pode ensinar valores morais”; todos os professores responderam sim.

Na sexta e última questão “Como você trabalha esses valores na sua aula”; três professores trabalham bastante valores como respeito, cooperação, honestidade; dois professores trabalham esses valores aos poucos, de forma conceitual, procedimental e atitudinal; um professor trabalha de maneira abrangente esses valores, não somente no futebol mais no geral da Educação Física escolar; por fim um professor costuma fazer pausas em suas aulas e conversar com os alunos.

## 6 Considerações finais

Após a análise dos resultados podemos concluir que a maioria dos professores trabalham os valores morais na Educação Física escolar através do futebol. Constatou-se que independente da faixa etária é possível sim ser ensinado os principais valores morais em aula.

Podemos sugerir que a Educação física escolar não seja desenvolvida apenas no âmbito da atividade física, como vista em nosso estudo existe a grande possibilidade das modalidades como o futebol serem utilizadas para passar os valores que servirão de alicerce para a construção de cidadãos íntegros.

Cabe ao profissional de Educação Física, pensar em estratégias de ensino que contemplem tanto os aspectos direcionados as atividades física e as modalidades quanto o desenvolvimeto moral dos alunos.

## Referências

MACAGNAN, L. D. G.; BETTI, M. Futebol: Representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, Bauru – SP, abr-jun;2014.

LIMA, C. A.; OLIVEIRA, T. A. C.. O Futebol é ensinado nas aulas de Educação Física escolar. **TCC do 4º ano de Educação Física da Faculdade de Network**, Nova Odessa – SP, dez.2014.

CARVALHO, H. V. P.; OLIVEIRA, T. A. C. D. Métodos de ensino do futebol na educação física escolar. **TCC do 4º ano de Educação Física da Faculdade de Network**, Nova Odessa – SP, dez.2014.

JUNIOR, O. M. S.; DARIDO, S. C. *Refletindo sobre a Tematização do Futebol na Educação Física Escolar*. **Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar**, Rio Claro – SP, v. 16, n. 4, p. 920 – 930, out./dez. 2010.

GUIMARÃES, A. A.; PELLINI, F. C.; ARAUJO, J. S. R.; MAZZINI, J. M. Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Universidade Estadual Paulista, SP**, v.7, n.1, p.17 – 22, jan./jun.2001.

GRINSPUN, M. P. Z.; NOVIKOFF, C.; MANESCHY, P.; RAMOS, R. M. M. Os Adolescentes e a Construção dos Valores. **UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, n.5, fev. 2006.

GALVÃO, Z. Educação Física Escolar: A prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Rio Claro – SP.2002.

FIGUEIRA, F.M.; GRECO,P.J. Futebol: Um Estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-Aprendizagem-treinamento, **Revista Brasileira de Futebol**, Minas Gerais, 2008.

MARTIN, C. D.; FREIRE, E. D. S. Conteúdo atitudinais nas aulas de Educação Física: Um estudo de caso. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.7, n.3. 2008.

SANTOS, R. D.; FREIRE. E. D. S. Educação Física e Esporte no terceiro Setor: Estratégias utilizadas no ensino e aprendizagem de valores, atitudes e normas no projeto Esporte Talento. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, n.1, 2006.

## PORQUE O HANDEBOL NÃO ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA?

Wesley Stefan<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O trabalho procurou investigar qual ou quais os motivos que impedem que o handebol seja praticado tanto no âmbito escolar quanto fora dele. Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Observamos através dos resultados que o handebol não é praticado fora das escolas, ou seja, o esporte não desperta o interesse dos alunos e por isso não é praticado nas praças de esporte fora das escolas. Parte destas descobertas, nos traz uma grande discussão que de dá pelo fato dos professores de Educação Física escolar não trabalharem a modalidade em suas aulas e em casos mais extremos nem sequer ter conhecimento sobre a existência do handebol como conteúdo.

**Palavras-chave:** Handebol, Educação Física escolar e Prática.

### ABSTRACT

*The study sought to investigate what or what are the reasons that prevent the handball is practiced both in schools and outside it. A qualitative research realized through a literature review was made. Observed through the results that handball is not practiced out of schools, that is, the sport does not arouse students' interest and therefore is not practiced in the sports venues outside of schools. Some of these discoveries, brings us a big discussion that happens because of school physical education teachers not work mode in their classes and in extreme cases not even be aware of the existence of handball as content.*

**Keywords:** Handball, Physical Education and Practice.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: wesleystefan22@gmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacooliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

O jogo de “Urânia” praticado na antiga Grécia, com uma bola do tamanho de uma maçã, usando as mãos, mas sem balizas é citado por Homero na Odisséia. Também os Romanos, segundo Cláudio Galero (130-200 DC), conheciam um jogo praticado com as mãos, “Hasparton”. Mesmo durante a Idade Média, eram os jogos com bola, praticados como lazer por rapazes e moças. Na França, Rabelais (1494-1533) citava uma espécie de handebol (“esprés jouaiant à balle, à la paume”). Em meados do século passado (1848), o Prof. dinamarquês Holger Nielsen criou no Instituto de Ortrup, um jogo denominado “Haadbold” determinando suas regras. Na mesma época dos tchecos conheciam jogo semelhante denominado “Hazena”. Fala-se também de um jogo similar na Irlanda, e no “Sallon”, do uruguaio Gualberto Valetta, como precursor do handebol. Todavia, o handebol como se joga hoje, foi introduzido na última década do século passado, na Alemanha, como “Raftball”. Quem o levou para o campo, em 1912, foi o alemão Hirschmann, então secretário da Federação Internacional de Futebol.

O período da primeira Grande Guerra (1915 a 1918) foi decisivo para o desenvolvimento do jogo, quando o Prof. de ginástica Berlinense Max Heiser, criou um jogo ao ar livre para as operárias da Fábrica Siemens, derivado do “Torball” e quando os homens começaram a praticá-lo o campo foi aumentando para as medidas do futebol. Em 1919, o Prof. Alemão Karl Schelenz reformulou o “Torball”, alterando seu nome para “Handball” com as regras publicadas pela Federação Alemã de Ginástica, para o jogo com 11 jogadores. Schelenz levou o jogo como competitivo para a Áustria, Suíça além da Alemanha. Em 1920 o Diretor da Escola de Educação Física da Alemanha tomou o jogo como desporto oficial. Cinco anos mais tarde, Alemanha e Áustria fizeram o 1º jogo internacional, com vitória dos austríacos por 6 a 3. Na reunião de agosto de 1927 do Comitê de Handebol da IAAF adotaram as regras alemãs como as oficiais, motivando a que na 25ª sessão do Comitê Olímpico Internacional, realizado no mesmo ano, fosse pedida a inclusão do handebol no programa olímpico. Como crescia o número de países praticantes, o caminho foi a independência da IAAF, o que aconteceu no dia 4 de agosto de 1928, no Congresso de Amsterdã, quando 11 países escolheram o americano Avery Brudage como membro da Presidência da FIHA.

No Brasil inicialmente o O handebol, ficou restrito à São Paulo até a década de 60, depois começou a ser praticado em escolas de todo o Brasil.

Em nosso país, o handebol como modalidade de campo foi introduzido em São Paulo por imigrantes, principalmente da colônia alemã, no início da década de 30. O handebol ficou restrito a São Paulo até a década de 60, quando o professor francês Augusto Listello, durante um curso internacional em Santos, apresentou a modalidade a professores de outros estados. Esses professores introduziram o esporte em seus colégios e assim o handebol começou a ser praticado em outros estados. Em 1971, o MEC incluiu o handebol entre as modalidades dos Jogos Estudantis e Jogos Universitários Brasileiros (JEB’s e JUB’s). Com isso, o handebol disseminou-se em todo o território nacional, com vários estados dividindo os títulos nacionais.

Em 1973, a antiga CBD realizou em Niterói o 1º Campeonato Brasileiro Juvenil para ambos os sexos. No ano seguinte, em Fortaleza, iniciou-se a competição para adultos. Em 1980, um ano após a criação da Confederação Brasileira de Handebol, foi disputada a 1ª Taça Brasil de Clubes, na cidade de São Paulo, então sede da entidade.

O handebol contribui e forma efetivo nas capacidades coordenativas dos seus praticantes, a percepção e conhecimento do seu próprio corpo, a percepção e estruturação espacial. Inclusive ocasiona a aquisição das habilidades motoras fundamentais no processo de socialização da criança; assim como, o desenvolvimento

das capacidades motoras. Este esporte proporciona o desenvolvimento das habilidades de locomoção e de manipulação, o estímulo do padrão inicial e elementar. Outro fator de destaque é que a modalidade do handebol sendo um jogo é de extrema importância na atividade motora da criança, no desenvolvimento da tomada de decisão, e no exercício do cumprimento de suas regras; na caracterização das noções espaciais e de espaço de jogo (TRICHÊS; TRICHÊS, 2010).

## **2 Revisão bibliográfica**

Silva, Ferreira, e Pasko (2008) acreditam que que o handebol não é a atividade físico esportiva mais popular e nem a mais praticada nas escolas investigadas, como afirmam especialistas da mídia, do handebol e dirigentes do esporte no Brasil ao se referirem à prática deste esporte nas escolas brasileiras. Por outro lado, pode-se afirmar que o handebol é uma atividade típica da cultura escolar, na medida em que é praticado fundamentalmente nas aulas de Educação Física, em contraste com a prática nos espaços e tempos não escolares

Apesar desta constatação Moraes (2013)relata que atualmente é nas escolas que as crianças praticam mais esportes do que em outros lugares. Isso se deve ao aumento da violência nas ruas; aos fatores econômicos, no qual os pais não têm condições financeiras de colocar seus filhos em escolinhas de esportes.

Mas a pergunta que surge é, já que nas escolas os alunos praticam as modalidades e dentre elas o handebol, porque não há uma difusão desta modalidade fora do âmbito escolar.

Oliveira (2012) realiza uma pesquisa para tentar saber como estava o nível de conhecimento dos professores sobre o handebol os resultados mostram que docentes 40% dos docentes entrevistados alegaram que não participam de cursos sobre a modalidade e 60% disseram que já participaram. Entretanto esta participação não foi posta como uma atualização já que boa parte dos cursos foi feito a um bom tempo, o autor sugere que há necessidade de capacitação por parte de alguns professores para o cumprimento e efetivação do processo de ensino aprendizagem da modalidade handebol seja eficaz.

Reforçando a ideia da capacitação Silva (2006) propõe que o conhecimento da regra de qualquer esporte é fundamental e indispensável para a prática desse esporte, e, em alguns casos, um detalhe da regra e o conhecimento desse detalhe, pode interferir no resultado final de uma partida.

Os estudos apontam que um dos aspectos que podem contribuir para o não abandono do handebol nas escolas parte de uma mudança drástica na metodologia de ensino aplicada hoje nas escolas, que é pautada na metodologia esportivista que visa a repetição de movimentos de forma mecânica e sem objetividade ou dinâmica, tornando a modalidade desmotivante para os alunos.

## **3 Objetivo**

O trabalho procurou investigar qual ou quais os motivos que impedem que o handebol seja praticado tanto no âmbito escolar quanto fora dele.

#### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

#### **5 Resultados e Conclusão**

Após análise dos resultados O que observamos que o handebol não é praticado fora das escolas, ou seja, o esporte não desperta o interesse dos alunos e por isso não é praticado nas praças de esporte fora das escolas como é visto em outras modalidades de quadra como é o vôlei e o basquete sem dizer do futsal dai entramos então no questionamento do porque a modalidade não desperta a atenção das crianças e adolescentes.

Podemos sugerir que não basta a modalidade estar presente nas escolas de alguma forma ela precisa além disso ser vivenciada e discutida A prática do handebol nas escolas pode ser uma possibilidade de integração, de aquisição de habilidades na busca da autonomia, na construção do conhecimento e na postura cidadã diante do meio em que se vive a partir de uma prática pedagógica, como sugere Zenatt (2012) sobre um método pautado no ensino do jogo através de outro jogo que permite recriar as mesmas situações do grande jogo no caso o handebol, o que torna o jogo menos metódico, mas para isso é preciso uma reciclagem dos professores da área.

Os resultados também mostram diferença entre a prática da modalidade handebol entre os ensinos público e privado, mas esta diferença na verdade é reflexo do estilo de trabalho do professor que em muitos casos não dá sequer a possibilidade de vivência da modalidade aos alunos. Não apenas a prática como também o conhecimento sobre o handebol em muitos casos é ignorado, pois os profissionais não sabem nada sobre o jogo.

Atualmente é nas escolas que as crianças praticam mais esportes do que em outros lugares. Isso como já dito, se deve ao aumento da violência nas ruas; aos fatores econômicos, no qual os pais não têm condições financeiras de colocar seus filhos em escolinhas de esportes, entre outros. Sendo assim, o profissional de Educação Física tem extrema importância para o desenvolvimento e aumento da prática do handebol escolar.

#### **6 Considerações finais**

Acreditamos que o handebol tem grande potencial como modalidade porém aqui no Brasil ele é mal explorado e na maioria das vezes é negado por professores que não conhecem o jogo e deste modo não tem condições de ensiná-lo e preferem soltar a bola na quadra e deixarem as coisas acontecerem por si só em aulas “livres” de conteúdo tornando a Educação Física algo banal e desvalorizado na visão de outras pessoas e até mesmo dos alunos que levam a matéria sem nenhum comprometimento.

Essa cultura precisa ser mudada ou a tendência dessa profissão pode ser se tornar tecnológica, nos beira um horizonte muito próximo pois toda a produção de conhecimento

e evolução esta sendo negada em campo onde os profissionais são pouco capacitados para novos métodos de ensino que sejam inovadores e inclusivos.

### Referências

FARIA, E. R; NAZARI, J; BRUNELLI, F. P; SILVA, F.; ALVES, S. T. Entre o “esporte institucionalizado” e o “esporte convivência”: uma estratégia para o handebol. **Revista Especial de Educação Física**. v. 3, n. 1, nov., 2006.

FILHO, F. E; SOUSA, .P. R. C. Evolução técnico-tática do handebol (1986 a 1995) e suas consequências para o processo de ensinoaprendizagem e treinamento. **Revista Logos**. n. 21, 2013.

GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Revista Movimento**, v, 8, p. 20-24, 1998.

LACERDA...P B O; Marquez.O.S; E. M. Prof. Sérgio de Oliveira Marquez (). O handebol no contexto escolar: socialização, cultura e criticidade, Anais do **Seminário de Pesquisa do NUPEPE**, Uberlândia, p. 351-561, 2009.

MORAES. C. Comparação da prática de handebol entre as escolas públicas e particulares. **Mostra acadêmica UNIMEP**, 2013.

OLIVEIRA, C. M. D; CRUZ, S. W. R; SOARES, S. E. L; ARRUDA, S. P. E; SILVA, G. N. A sistematização do handebol e as contribuições da praxiologia motriz nas aulas de educação física escolar, **Seleção Pesquisa em Educação Física**, v. 11, n.1, 2012.

OLIVEIRA, V. S. O processo de ensino e aprendizagem do handebol escolar: analisando a atuação docente, **Seleção Pesquisa em Educação Física**, v. 11, n. 05, 2010.

SILVA, B. R. Análise e comparação do conhecimento dos atletas de handebol de Florianópolis sobre as regras de handebol. Monografia (Universidade de Santa Catarina), 2006.

SILVA, N. L; FERREIRA, S. M; PASKO. C. V; RESENDE, H. G. A Prática do Handebol na Cultura Físico-Esportiva de Escolares do Rio de Janeiro, **Movimento**, v. 17, n. 04, p. 123-143, 2008.

TRICHÊS, P. B. M. E TRICHÊS J. R. Handebol: importância do esporte na escola. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v, nº 148, Set. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>, acessado em: 10/07/2015.

ZENATTI, A. N. Handebol escolar: uma proposta pedagógica para as aula de Educação Física no Ensino Fundamental, 2012.

## CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Willian Silva<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar os benefícios da capoeira na educação física escolar e estudar a possibilidade de que ela seja inserida nas aulas de Educação Física escola. Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Os resultados mostram que a Capoeira tem o potencial de oferecer aos alunos um desenvolvimento físico (agilidade, lateralidade, ritmo, flexibilidade, esquema corporal e coordenação motora entre outros), benefícios sociais (cooperação, interação e integração social), equilíbrio psíquico e físico, além de ser uma prática interdisciplinar que envolve história, música, instrumentos, poesia e dança. Sendo assim os estudo sugere mesmo o professor não sendo um mestre de Capoeira é possível inseri-la no ambiente escolar como parte do currículo.

**Palavras-chave:** Capoeira, Educação Física, Danças e Lutas.

### ABSTRACT

*The objective of this study is to show the benefits of capoeira in physical education and study the possibility for it to be inserted in school physical education classes. A qualitative research realized through a literature review was made. The results show that Capoeira has the potential to offer students a physical (agility, laterality, rhythm, flexibility, body image and motor coordination etc.), social benefits (cooperation, interaction and social integration), psychological and physical, besides being an interdisciplinary practice that involves history, music, instruments, poetry and dance. Therefore the study even suggests the teacher not being a Capoeira master can insert it in the school environment as part of the curriculu.*

**Keywords:** *Capoeira, Physical Education, Dance and Fights.*

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [william\\_365@yahoo.com.br](mailto:william_365@yahoo.com.br)).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## 1 Introdução

Os historiadores relatam que a origem da capoeira se dá por volta da época da escravidão no Brasil. Muitos afrodescendentes foram trazidos da África para o Brasil para “trabalhar” como escravos nas fazendas de café, nas roças ou nas casas dos senhores. A capoeira era uma forma de luta e de resistência. Porém, para não despertarem suspeitas, os escravos adaptaram os movimentos da luta aos cantos da África, fazendo tudo parecer uma dança. A capoeira foi ficando do jeitinho que ela é hoje, gingada. No início do século 19, no Rio de Janeiro, bandidos e malfeitores eram chamados de capoeiras. Em 1888, a escravidão foi oficialmente abolida no Brasil. Muitos negros libertos não tinham como sobreviver e acabaram na marginalidade. Em Salvador, chegaram a organizar gangues e provocar rebeliões. Durante muito tempo a capoeira foi proibida. Na década de 1930 a capoeira já tinha adquirido um novo status em nossa sociedade. Com o passar do tempo Professores e mestres de capoeira da Bahia se tornaram famosos, como os mestres Bimba, Pastinha e Gato.

Hoje em dia há muitas formas de jogar capoeira, e a mais tradicional preserva as raízes africanas, como a capoeira Angola na Bahia.

Para a Educação Física a capoeira é concebida como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona ainda um autoconhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites

Porém sua grande abrangência pode ser causa da dificuldade dos professores em trabalhar a capoeira como conteúdo, pois suas possibilidades transitam desde a Capoeira como Lazer, Capoeira Luta, Capoeira Dança e Arte, Capoeira Folclore, Capoeira Esporte, Capoeira Educação, Capoeira Lazer, Capoeira Filosofia, até a Capoeira como Terapia.

Diante deste cenário bem amplo que procuramos identificar como a literatura lida com a Capoeira na escola.

## 2 Revisão bibliográfica

A capoeira tem características que possibilitam a interdisciplinaridade, aspecto que sustenta a sua inserção na escola e nas aulas de Educação Física. A literatura busca discutir sua valorização, o conceito e a abrangência da capoeira na Educação Física escolar.

Em uma síntese da literatura verificamos que o tema capoeira na Educação Física escolar ainda carece de um problema de pesquisa mais robusto, prova disso são escopo dos estudos, como segue. Bonfim (2007), Mello (2012), Souza e Oliveira (2001), Mattos, Mattos e Mattos (2007), Iório e Darido (2005), Moura, Barboza e Antunes (2012), Silva (2012) tiveram como objetivo investigar de que forma a capoeira é trabalhada na escola, tendo como base os PCN's que discutem a história da capoeira e procuram auxiliar na estruturação de conteúdos para a Educação Física Escolar, buscando oferecer conhecimento teórico e prático para ensino e divulgação da capoeira nas escolas e nas demais localidades. Já Costa (2007), Farias e Goellner (2007), procuram detectar consequências para a cultura “capoeirana” em relação a regulamentação da profissão de Educação Física, e ainda analisar o papel da capoeira fora da escola. Ramos e Isayama (2007) analisaram a inserção dos conhecimentos sobre o lazer nos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas esportivas do currículo do curso de formação superior em Educação Física.

Para realizar seus estudos Farias e Goellner (2007), Silva (2012) utilizam o método de pesquisa qualitativo, utilizando estratégias de captação etnográfica. Bonfim (2007), Mattos, Mattos e Mattos (2007), Iório e Darido, (2005) promovem uma revisão bibliográfica. Moura, Barboza e Antunes (2012) utilizaram pesquisa de campo com entrevista semiestruturada. Já Ramos e Isayama (2009) caracterizaram sua pesquisa pela combinação da pesquisa bibliográfica e de campo, através de entrevista semiestruturada. Ainda Costa (2007) realizou uma pesquisa documental e entrevistas, utilizando o método dialético e análise do discurso. Bonfim (2007), Iório e Darido (2005), Costa (2007) e Silva (2012) apontam em seus resultados que é possível observar cada vez mais que a Capoeira tem se incorporado ao ambiente escolar, seja nas aulas de Educação Física, atividades extracurriculares, datas comemorativas, apresentações de grupos da comunidade, etc. Por fim Souza e Oliveira (2001) e Farias e Goellner (2007) apontam que a capoeira necessita de transformação, precisa deixar de ser vista apenas como demonstração e ser inserida como uma “arte” que pode ser ensinada e inserida como conteúdo e nesta linha Ramos e Isayama (2009) e Moura, Barboza e Antunes (2012) verificam que apenas os professores que já tem alguma vivência com a capoeira utilizam como conteúdo em suas aulas.

Em suma as conclusões dos artigos descritos acima convergem para uma proposta de utilização da capoeira como uma das ferramentas pedagógicas que pode ser utilizadas no processo de aprendizagem.

### **3 Objetivo**

O objetivo deste trabalho é mostrar os benefícios da capoeira na Educação Física escolar e verificar quais as possibilidades de inserção como conteúdo.

### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

### **5 Resultados e Conclusão**

Ao analisarmos a literatura podemos verificar que Embora a capoeira seja uma prática antiga, ainda carece de reconhecimento no processo educativo, no âmbito da educação física escolar. Ela tem o potencial de oferecer aos alunos um desenvolvimento físico (agilidade, lateralidade, ritmo, flexibilidade, esquema corporal e coordenação motora entre outros), benefícios sociais (cooperação, interação e integração social), equilíbrio psíquico e físico, além de ser uma prática interdisciplinar que envolve história, música, instrumentos, poesia e dança. Através do estudo da capoeira, se aprofunda o conhecimento histórico do nosso Brasil, desenvolvendo a parte intelectual do indivíduo. A capoeira hoje é reconhecida como patrimônio cultural e imaterial, incluída até mesmo nos parâmetros curriculares nacionais, como conteúdo a ser

trabalhado na disciplina de educação física, por sua importância no universo da cultura corporal, justificando seu valor disciplinar nas escolas.

## 6 Considerações finais

As potencialidades desta “arte” são inúmeras e ainda atende a todos os públicos e faixas etárias, podemos destacar a diminuição do estresse, a melhora o condicionamento cardiovascular e musculoesquelético, a flexibilidade, a coordenação, estimula o respeito ao próximo. Estes aspectos são apenas uma amostra do quanto importante pode ser a utilização da Capoeira como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar.

Deste modo podemos sugerir que mesmo o professor não sendo um mestre de Capoeira é possível inseri-la no ambiente escolar como parte do currículo.

Um aspecto de extrema relevância é o professor ter bem definido em qual área (lutas, dança, arte, etc) a Capoeira será inserida em suas aulas.

## Referências

André da Silva. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: **Congresso brasileiro de história da educação física, esporte, lazer e dança**, VIII., Ponta Grossa. *Anais*, 2002. Estadual de Ponta Grossa, 2002.

Bonfim, G.C.S. (). *A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania*. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/conece/3conece/paper/viewFile/2379/975MELLO>. Acesso em: 13/07/2015, 2014.

COSTA, N. L. **O Trato com o Conhecimento da Capoeira: Uma Experiência Pedagógica da Capoeira na Fundação Cidade Mãe – Salvador/Ba**. Monografia (Especialização em Metodologia da Educação Física e do Esporte). UNEB, Salvador. 2001.

FARIAS, R.C. & GOELLNER, S.V. A CAPOEIRA DO MERCADO MODELO DE SALVADOR: GESTUALIDADES PERFORMÁTICAS DE CORPOS EM EXIBIÇÃO **Revista brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v.21, n.2, p.143-55, abr./jun. 2007.

IÓRIO, L. S.; DARIDO, S. C. Educação Física, capoeira e educação física escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. p. 137-143, 2005.

MATTOS, C. L. A.; MATTOS, H. C. C.; MATTOS, M. A. Capoeira na escola. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a36.pdf>. Acesso em: 15/08/2015, 2007.

MOURA, D. L.; BARBOZA, L. B.; ANTUNES, M. M. Entrando na roda: uma análise das dificuldades e facilidades da inserção da capoeira em escolas da rocinha. **Revista Mackenzie De Educação Física E Esporte**. v. 11, n. 1, 2012.

RAMOS, R.; ISAYAMA, H.F. Lazer e esporte: olhar dos professores de disciplinas esportivas do curso de educação física. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.23, n.4, p.379-91, out./dez. 2009.

SILVA, L. M. F. **O ensino da capoeira na educação física escolar: blog como apoio pedagógico**. Rio Claro, 2012.

SOUZA, A. R.; OLIVEIRA, A. B. Estruturação da capoeira como conteúdo na educação física no ensino fundamental e médio. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001.

